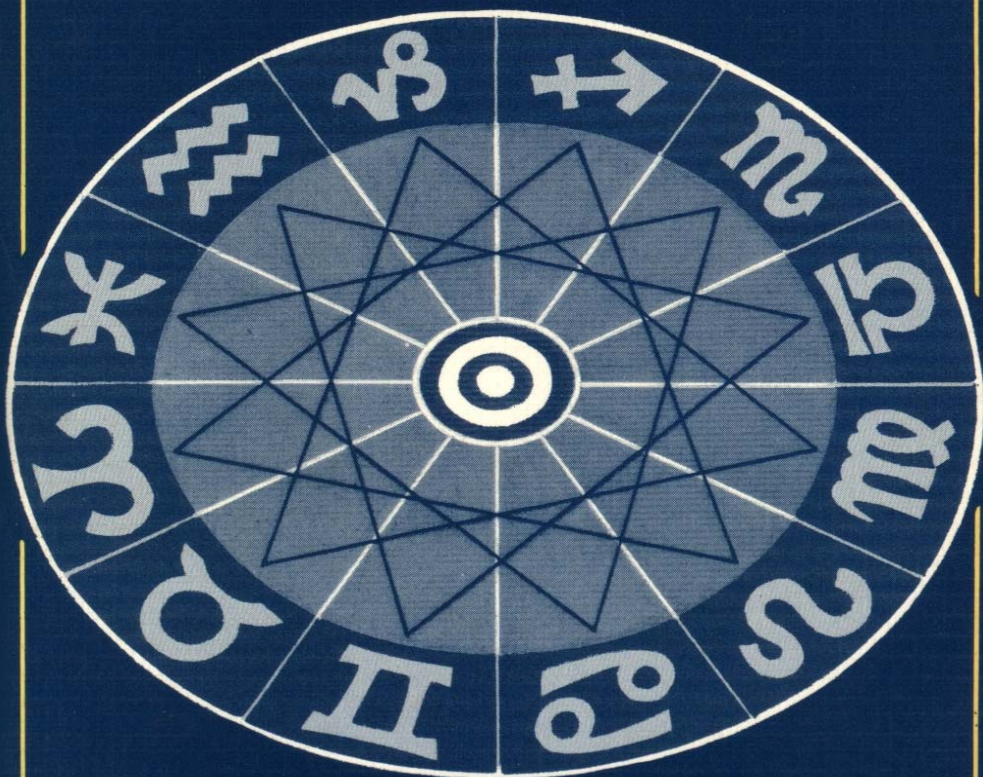


DANE RUDHYAR

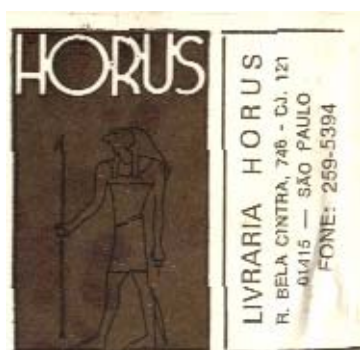
A prática da ASTROLOGIA

Como Técnica de Compreensão Humana



Pensamento





A PRÁTICA DA ASTROLOGIA

DANE RUDHYAR

A PRÁTICA DA ASTROLOGIA
Como Técnica de Compreensão Humana

Tradução
MAIO MIRANDA



EDITORA PENSAMENTO
SÃO PAULO

Titulo do original:
The Practice of Astrology
Asa Technique in Human Understanding

Copyright © Dane Rudhyar, 1968

Edição

1-2-3-4-5-6-7-8-9

Ano

85-86-87-88-89-90-91-92-93

Direitos reservados

EDITORA PENSAMENTO

Rua Dr. Mário Vicente, 374 - 04270 São Paulo, SP - Fone: 63-3141

Impresso em nossas oficinas gráficas.

SUMÁRIO

Capa – Orelha - Contracapa

Introdução 6

Primeiro Passo

Compreender a natureza e o propósito do que
vamos estudar 9

Segundo Passo

Assumir a responsabilidade pessoal pelo uso do nosso
conhecimento 16

Terceiro Passo

Estabelecer um método de trabalho simples e claro 27

Quarto Passo

Uma compreensão clara do significado dos signos zodiacais
e das casas 38

Quinto Passo

O uso dos "luminares" 47

Sexto Passo

O estudo do sistema planetário como um todo 55

Sétimo Passo

Adquirindo um senso de forma e de acentuação 74

Oitavo Passo

Uma compreensão dinâmica dos ciclos e aspectos
planetários 83

Nono Passo

Estabelecendo uma atitude adequada em relação às
predições astrológicas 92

Décimo Passo

O estudo dos trânsitos e dos ciclos naturais..... 103

Décimo Primeiro Passo

O estudo das progressões 121

Décimo Segundo Passo

O uso significativo das técnicas horárias 131

Décimo Terceiro Passo

O estabelecimento de quadros de referência mais amplos
para mapas individuais 140

INTRODUÇÃO

Os livros sobre astrologia escritos durante os últimos setenta e cinco anos revelam uma evolução definida do pensamento astrológico e até mesmo do caráter das suas técnicas. Durante o século XIX, astrólogos ingleses estiveram na linha de frente do movimento favorável ao restabelecimento e à popularização desse antigo sistema de pensamento, mas seguiram rigorosamente os passos dos seus antecessores da Idade Média e da Renascença que, por seu turno, pouco mais fizeram do que repetir o que Ptolomeu havia dito, durante os dias grandiosos do Império Romano, quando findava uma vasta era do desenvolvimento humano que vira o nascimento, a expansão e o triunfo da astrologia. Hoje, todavia, quatro tendências básicas estão se manifestando claramente nesta ciência.

A primeira tendência é a da popularização dos elementos mais simples da astrologia, que se referem à posição do Sol e dos planetas no Zodíaco e aos "trânsitos" deles sobre os pontos importantes do mapa de nascimento. Essa tendência procura mesclar, em proporções variadas, os métodos fundamentais da astrologia antiga e medieval com o amplo conhecimento psicológico difundido por todo o território dos Estados Unidos.

A segunda tendência pode ser observada na tentativa de estabelecer descobertas astrológicas, partindo de uma base estatística e empírica, o que daria a elas um caráter mais "científico" e asseguraria o eventual reconhecimento da astrologia pelos pensadores acadêmicos.

A terceira tendência, que só aparece num ou noutro ponto, é o resultado do desejo de correlacionar a astrologia com doutrinas "esotéricas", novas ou revistas, através das linhas do ocultismo oriental e ocidental.

A quarta tendência tem origem no reconhecimento honesto do caráter simbólico da astrologia, como uma técnica para a compreensão básica da Natureza e, acima de tudo, da natureza humana. De acordo com tal abordagem (que é a adotada por este autor), fica demonstrado que a astrologia tem sido essencialmente, desde o próprio amanhecer da civilização humana, *o resultado do esforço que o homem faz para compreender o caos e a confusão aparentes das experiências da sua vida; relacionando-as com um padrão organizado, de atividade cíclica, que ele descobre no céu.*

A astrologia nasce da pungente necessidade de ordem que há em todos os homens. Os fenômenos celestes revelam essa ordem; e, usando essa ordem como uma fita métrica, um relógio, o homem estabelece uma relação entre ela e tudo o que acontece no íntimo e ao redor dele satisfazendo, assim, finalmente, seu ardente desejo de harmonia. Ele aprende a identificar a sua consciência e a sua vontade com os padrões e ritmos "celestes". Ele se unifica com o princípio da ordem universal, a que muitos dão o nome de "Deus". E, vivendo ordenadamente, torna-se uma pessoa integrada: um homem de sabedoria. Embora as energias da sua própria natureza, ou da sociedade em guerra, possam golpear-lhe a consciência através das portas dos seus sentidos e dos seus sentimentos. Todavia, ele mesmo, como Individualidade centralizada e integrada, está em paz. Pois, para ele, até mesmo a tempestade mais destrutiva tem o seu lugar e a sua função dentro da ordem do seu destino, ou do destino da humanidade. E por "destino" ele entende: o todo completo de um ciclo de existência.

Com tal concepção do seu caráter e do seu uso, a astrologia é uma técnica de conquista da sabedoria, através da compreensão da ordem existente na natureza humana e em todos os fenômenos percebidos pelo homem: *é uma técnica de compreensão.*

A astrologia como técnica de compreensão humana: esta é, creio eu, a definição mais profunda e vital que posso dar a esse sistema de pensamento, que tem sido tão difamado e mal-utilizado. Contudo, de minha parte, não há qualquer intenção de depreciar as possibilidades de prever o futuro, que a astrologia indubitavelmente oferece para quem é mestre nessa difícil arte; e, de fato, ninguém que esteja familiarizado com a "astrologia horária" pode negar suas

potencialidades surpreendentes. Mas, para poder usar construtiva e sabiamente essas potencialidades, o astrólogo precisa ter conquistado algo mais do que a simples perícia técnica - muito embora tal conquista seja difícil. Também deve ter alcançado um alto grau de entendimento humano, pois o que o céu revela não passa de um *material bruto para a compreensão humana*. Em última análise, tudo depende da compreensão individual. Isso acontece na astrologia, do mesmo modo que na terapia médica ou psicológica. Nessas áreas, não basta o conhecimento. Deve haver sabedoria.

Os manuais astrológicos comuns, tanto os novos como os antigos, estão cheios de dados, cuja memorização assegura o conhecimento. A sabedoria, porém, é um fator ardiloso. Dificilmente pode ser ensinada. Ela pode ser transmitida, em parte, de uma pessoa viva para outra, também viva. Entretanto, por se basear na compreensão total das situações completas e das experiências vividas sem quaisquer restrições, a sabedoria só pode ser adquirida através de uma vivência real, pela dor, pelo cumprimento do dever e da dedicação total, honesta e corajosa do indivíduo a qualquer experiência que ele considere importante.

O conhecimento, porém, pode ser orientado no sentido da conquista da sabedoria. E, neste trabalho, é meu objetivo fazer uma apresentação dos fatos e conceitos básicos usados na astrologia moderna; uma apresentação, a mais simples e clara possível, sem perder de vista a meta suprema deste tipo de astrologia: o desenvolvimento da compreensão humana. Portanto, cada capítulo deste livro é concebido como o esboço de um passo básico em direção à sabedoria astrológica. Se o leitor ainda não está familiarizado com os métodos comuns usados na astrologia, o que foi escrito lhe dará uma base sólida para um conhecimento mais avançado e mais pormenorizado. Se o leitor já está totalmente familiarizado com as técnicas astrológicas, tenho certeza de que encontrará aqui um desafio para novas opiniões e um estímulo para procurar sempre valores humanos mais profundos, enquanto usa as ferramentas da astrologia.

PRIMEIRO PASSO

Compreender a Natureza e o Propósito do que Vamos Estudar

É possível adquirir conhecimentos sem uma pesquisa sobre a natureza do assunto que se vai estudar ou do propósito do estudo, mas a sabedoria sempre se esquivará do homem que se contenta com a acumulação de fatos e dados técnicos. A sabedoria é baseada no *conhecimento utilizável* - e no seu uso significativo. Uma abordagem sem objetivo da astrologia, ou uma abordagem baseada na simples curiosidade pessoal, deverá ser transformada no reconhecimento sincero da natureza e da meta dessa ciência, para que o seu estudo possa orientar o homem no sentido de uma compreensão mais profunda da natureza dele e de todas as manifestações de vida. Todo estudante - por mais despreocupado que seja em seu estudo - deverá perguntar honestamente a si mesmo: o que a astrologia significa para mim? Qual o meu objetivo ao procurar conhecê-la mais a fundo?

Ninguém pode responder às perguntas feitas pelo estudante, mas as considerações que virão a seguir poderão ajudá-lo a ter uma percepção maior da natureza e das limitações do pensamento astrológico, bem como da prática astrológica.

Astrologia e Astronomia

A astronomia é o estudo científico dos fenômenos celestes. Ela estuda *como* as coisas acontecem no lugar que chamamos de universo.

A astrologia, por outro lado, é uma técnica de simbolizar e de prognosticar, na qual algumas categorias selecionadas de dados

astronômicos são usadas como *indicadores* do comportamento das atividades funcionais básicas dentro de "todos orgânicos" e das características estruturais apresentadas por eles. A astrologia não tenta dizer de uma forma científica como as coisas acontecem, seja no céu ou nos seres humanos. A astrologia não descreve fenômenos ou eventos e, também, não procura entender a corrente de causas e efeitos de qualquer dos assuntos que aborda. A astrologia, como a entendo, não se preocupa nem um pouco com o fato de determinar se uma conjunção de planetas *fará* com que algumas coisas aconteçam a uma pessoa ou a um planeta; ela apenas *indica* a possibilidade ou probabilidade da ocorrência de um certo tipo de evento, num determinado lugar e num determinado momento. Ela não nos diz por que ou como o evento ocorre, assim como um relógio batendo doze horas não diz como ou por que a sensação de fome surge na consciência do trabalhador, que está acostumado a comer em determinado momento do ciclo do dia. A conjunção e o som do relógio simplesmente apontam para a expectativa normal de um certo tipo de condição, que ocorre num determinado momento na consciência de um homem.

A astrologia é, basicamente, um método de interpretação, em vários níveis, do *relacionamento entre conjuntos de fenômenos originalmente não relacionados*. Isso significa simplesmente que a astrologia "interpreta" a coincidência observável entre os fenômenos celestes e as mudanças mais ou menos definidas nas vidas dos indivíduos ou grupos, mas não se preocupa com o estudo científico da causa de tal coincidência, exceto numa base puramente filosófica ou metafísica. Tal estudo astrológico poderia ser experimentado; apoiados em bases bastante frágeis, alguns astrólogos estão realizando essa tentativa, mas o sucesso ou o fracasso dela não afeta as averiguações astrológicas e não agrega qualquer valor significativo à astrologia como uma "técnica de compreensão humana". A astrologia é um estudo do paralelismo observável entre *a cronometragem de eventos* no universo e na consciência individual. É um estudo de cronômetros, pois todos os planetas, o Sol e a Lua são na astrologia cronômetros que nos permitem descobrir o estado de desenvolvimento no tempo (o ponto de maturidade) das várias funções e atividades orgânicas no interior de todos os organismos vivos.

Definição de "Organismo" e "Todo Orgânico"

Um organismo é um ser vivo organizado, que nasce, atinge a maturidade e morre, ou retorna transformado em alguma outra forma de vida. Uma célula, uma planta, um animal e um ser humano são organismos. Além de tais entidades realmente vivas, há o que iremos chamar de "todos orgânicos" - sistemas de elementos e atividades mutuamente relacionados, que atuam com constância uns sobre os outros e tendo algum tipo de identidade mais ou menos permanente. Uma nação, uma companhia comercial ou industrial e, até mesmo, uma situação particular bem-definida, causada pela reunião de vários indivíduos que permanecem numa estreita relação mútua, constituem "todos orgânicos". Deles também se pode dizer que nascem, desenvolvem-se, amadurecem e, então, se desintegram de conformidade com um ritmo mensurável. Eles têm uma *estrutura* básica reconhecível.

Aqui, o termo "estrutura" é considerado no seu significado mais amplo e pode ser modificado por usos especiais em relação a uma série de fatores particulares. Estrutura não se refere apenas a uma organização particular de materiais físicos - assim quando citamos o esqueleto como a base da estrutura do corpo. Nós também falamos da estrutura de um campo eletromagnético: isto é, de uma teia de "linhas de força" que só se torna visível quando se coloca limalha de ferro nesse campo. Com frequência mencionarei a estrutura da psique, da mente; a estrutura de funções, num nível ou noutro.

O que se quer indicar por estrutura é sempre o resultado mais ou menos permanente do funcionamento de um princípio de organização. Refere-se à teia de relacionamentos dentro dos limites do todo orgânico; ao *lugar* ocupado pelos vários órgãos dentro desse todo, ao *horário* das suas operações em conjunto; estrutura no espaço - estrutura no tempo. A primeira, a estrutura no espaço, é a forma; a última, a estrutura no tempo, é o ritmo. A forma total e perfeita é a esfera; o ritmo completo manifesta-se como o ciclo.

Conforme usamos aqui, o termo "função" caracteriza as atividades que desempenham uma parte bem-definida, regular e repetida na vida de um organismo, quer no nível fisiológico, quer no psicológico.

Todas as atividades dos órgãos e das células do corpo estão relacionadas com o comportamento total do organismo como um todo, sendo interagistes e interdependentes. Do mesmo modo, as atividades incluídas nas categorias de pensamento, sentimento, disposição, etc., também têm de ser interpretadas como "funcionais", pois sempre devem ser relacionadas com a personalidade total, bem como estudadas nos seus relacionamentos mútuos.

Através das eras da evolução humana, as funções do corpo adquiriram uma estabilidade notável e a sua interdependência é tão bem-organizada que todos os tipos de mecanismos automáticos preservam constantemente a saúde (isto é, a integração) do organismo. Esses mecanismos de auto-restauração da integralidade e da saúde ainda não estão adequadamente desenvolvidos nos níveis psicomentais da atividade humana. Assim, muitas vezes o problema da integração pessoal-psicológica é grave, mesmo quando a pessoa é supostamente sadia e bem-sucedida. Isso ocorre particularmente nima época como a de hoje, de revoluções sociais, políticas e mundiais.

Qual o Principal Tema de Estudo da Astrologia?

É o ser humano individual considerado como um organismo integral, incluindo atividades corporais, psíquicas, mentais, sociais e espirituais de muitos tipos e em vários níveis. Os termos *corpo*, *mente*, *sentimentos*, *alma*, definem imprecisamente esses vários tipos ou categorias de atividades. Todas são atividades "humanas" porque, não obstante algumas serem similares às atividades evidenciadas em outros reinos de vida (animal, vegetal, etc.), são polarizadas por um padrão genérico e um propósito característico do reino humano, estando essencialmente subordinadas a eles e pertencendo, com exclusividade, ao seu reino. O homem digere a comida do mesmo modo que os outros mamíferos, mas na medida em que pode ter consciência desse processo digestivo e pode interferir nele deliberadamente - para bem ou para mal - a digestão, em todos os homens, é "humana".

O campo da interpretação astrológica se estende a qualquer grupo de seres humanos relativamente permanente, ou a qualquer situação

dentro do fluxo da experiência humana. Grupos ou séries de fenômenos naturais - como, por exemplo, os que se referem às condições meteorológicas - também podem ser analisados e seu desenvolvimento interpretado por meio de mapas astrológicos, mas, basicamente, na medida em que fazem parte da experiência coletiva dos seres humanos.

O propósito básico da astrologia é colocar ordem no caos aparente da experiência do homem e, desse modo, ajudar o indivíduo ou o grupo a conquistar um grau mais elevado de integração, saúde e sanidade. E estabelecer uma abordagem mais consciente da vida humana e uma compreensão mais profunda das características estruturais e do comportamento cíclico de todos os organismos. Daí sua importância, pois palmilhar o "Caminho consciente" é prerrogativa e obrigação espiritual do homem.

Contudo, a astrologia não oferece nenhum atalho para se chegar à integração, porque a integração de qualquer conjunto orgânico é um processo gradual que depende, por um lado, da própria intensidade do sentimento de "ordem" e da percepção de "centro" nas muitas partes desse todo - e por outro, da disposição do Princípio espiritual ligado a esse organismo em formação, para dinamizar e iluminar seus esforços, no sentido de uma organização completa e harmônica. Além disso, cada fator encontrado num mapa astrológico pode contribuir para a integração pessoal ou para a desintegração. O que o mapa de nascimento faz é apresentar de maneira especial os dados que o psicólogo e o médico usam nos seus tratamentos.

A forma dessa apresentação, todavia, lança uma luz inteiramente nova sobre as partes, funções, impulsos e potencialidades componentes da personalidade do indivíduo. Por meio do uso dessa nova luz, uma pessoa que compreende bem seu valor e a maneira de manejá-la é capaz de se tornar mais plenamente objetiva em relação a si mesma. É capaz de registrar o curso do seu desenvolvimento orgânico, de planejar a curva das suas forças vitais e *de se ver reduzida ao absoluto*. Sob a confusão da sua experiência cotidiana, ela começa a descobrir um padrão de ordem. Todas as suas tendências conflitantes se revelam como componentes complementares da sua personalidade integral. Ela vê a si mesma inteira em estrutura e função.

O que ela vê, todavia, *não* é uma imagem gráfica ou um retrato. Ela vê apenas um símbolo. O mapa de nascimento é apenas um símbolo: o "nome" da pessoa total. Contudo, aprendendo a soletrar esse "nome", o indivíduo pode descobrir - se for inteligente! - como lutar melhor, à sua própria maneira, para alcançar a verdadeira integração, evidenciada no cotidiano. A única coisa que um astrólogo-psicólogo pode fazer é apontar o caminho para ele. Apenas o indivíduo pode pronunciar o "nome", o símbolo da sua individualidade integral. E ele só o pronuncia vivendo significativa e plenamente o que ele é, dentro da estrutura bem maior da sociedade e da humanidade.

A prognosticabilidade é uma conseqüência do desenvolvimento organizado. Se há uma ordem completa no universo, então, poderemos ser capazes de prever qual será a próxima fase de um ciclo em seguida à fase atual. Se a prognosticabilidade fosse uma ilusão, não poderia haver ciência, não poderia haver generalização nem lei. À medida que a astrologia é uma ciência, ela deve conseqüentemente incluir predições.

A astronomia é um sistema de predição dos fenômenos celestes. A astrologia, porém, não se ocupa em determinar tais fenômenos, mas em *interpretá-los* em termos de caráter e comportamento humanos. Quando, na astrologia, se atribui determinado significado a um planeta, esse significado condiciona-se ao mesmo tempo às suas características astronômicas dentro do sistema solar e ao que ele representa em relação à pessoa humana total (ou à situação total que está afetando o indivíduo). Qualquer um dos significados planetários pressupõe a existência de *pessoas completas*, como quadro de referência para tais significados. Portanto, a astrologia sempre se refere implicitamente à totalidade da natureza humana, conforme a expressada num indivíduo.

É óbvio, portanto, que nenhum significado ou julgamento astrológico está plenamente expressado quando não leva em consideração o ser humano como um todo. Dizer que dois planetas estarão em conjunção num determinado momento é uma afirmação astronômica. Aduzir que a vida de um homem, nascido num determinado momento e lugar, sofrerá uma crise cuja data pode ser determinada - isso é uma afirmação astrológica. Nessa declaração, o ponto de partida é "a vida de um homem". Qualquer predição que não leve em conta essa entidade total, "a vida de um homem", como base ou ponto de

referência, no melhor dos casos, é incompleta. Na maioria dos casos é desorientadora; em outros, realmente destrutiva. Ela só tem valor quando mostrada na sua relação com o indivíduo total e *em relação ao que oferece para o desenvolvimento dessa pessoa*, num nível ou noutro.

A astrologia não prediz "eventos", mas apenas fases do desenvolvimento de uma pessoa. Todo indivíduo se desenvolve ao longo de linhas que são, antes de mais nada, "genéricas" - isto é, resultantes do simples fato de que ele é um ser *humano*, membro do gênero *homo sapiens*, numa época particular da evolução da humanidade. Essas linhas de desenvolvimento determinam o padrão geral do período de vida de cada homem. Do mesmo modo, todo homem tem características biopsicológicas que determinam sua *estrutura genérica*. Nessa questão, natureza humana, raças e indivíduos produzem variações de muitos tipos. Um homem é primeiro humano, depois, de cor branca, depois, americano, depois, um californiano com antepassados anglo-franceses, depois, um metodista, um democrata, etc. - e, por último, ele é um indivíduo nascido em certo momento e em certo lugar.

O livre-arbítrio é a medida da capacidade do homem de ser e de agir como indivíduo. O destino é a medida da sua dependência de fatores coletivos e genéricos, como estruturas determinantes.

A astrologia lida com a natureza humana primeiro num sentido genérico; assim, é positivamente certo que a ordem conhecida das fases normais do desenvolvimento humano será quase exatamente experimentada pelo cliente, visto que ele é um ser humano; e isto dá ao astrólogo uma base para a predição. Contudo, o astrólogo não deve parar aqui. Ele deve procurar definir e entender a "equação individual" do seu cliente - que significa a maneira como ele age e como se pode esperar que reaja, *como indivíduo*, aos pontos críticos básicos de sua vida. Isso só pode ser feito considerando-se o mapa de nascimento e o seu desenvolvimento no tempo *como um todo*. O indivíduo é o homem-todo, a pessoa integral. E ninguém pode determinar com antecipação as ações e reações de uma pessoa integral, que se tornou verdadeiramente individualizada, pois tal pessoa se tornou livre dentro dos limites das suas estruturas genéricas. A astrologia pode definir os limites, mas só pode sugerir a libertação. Cada momento da vida de um indivíduo é uma composição desses fatores.

SEGUNDO PASSO

Assumir a Responsabilidade Pessoal Pelo Uso do Nosso Conhecimento

A sabedoria é o conhecimento utilizável e significativo colocado em funcionamento na vida cotidiana. Há um tipo de conhecimento que atravança o caminho do indivíduo em direção à sabedoria, visto que oferece principalmente uma massa de dados não relacionados, a serem memorizados. Mas há um outro tipo de conhecimento que está atrelado a um desejo vital de sabedoria e que leva a uma compreensão final da totalidade e da integridade do indivíduo. Esse último tipo de conhecimento se baseia em princípios de ordem que são universalmente válidos; sua aplicação ilumina todos os assuntos em estudo. O conhecimento que atrai a atenção do pensador individual que existe no interior de cada homem, mulher ou criança que ordena a esse pensador que saia de seu sono e de sua preguiça e que, uma vez usado regularmente, faz com que o homem se torne uma *força* no universo. Uma força para o bem, se o indivíduo se vê como um participante consciente das atividades de um todo muito maior - quer esse todo seja chamado de sociedade, humanidade ou Deus; uma força para a destruição, se o indivíduo procura apenas o auto-engrandecimento e não vê nenhum valor em coisa alguma, exceto no seu isolacionismo e no seu individualismo grosseiro.

O que estou procurando apresentar neste livro é uma abordagem gradual, passo a passo, da astrologia, que conduza a um pensamento lúcido e a um tipo de conhecimento que habilite o indivíduo não só a viver no caminho da sabedoria e da integração psicológica, mas também a dividir construtivamente esse conhecimento com os outros.

O primeiro passo, em qualquer curso de estudos válido, é, obviamente, "compreender a natureza e o propósito do que se vai estudar" - o capítulo anterior foi dedicado a esse passo. O que vem a seguir - o segundo passo, na aquisição da sabedoria astrológica, - não tem apenas um caráter menos óbvio, mas também é deixado no fundo da mente pela maioria das pessoas que andam à procura de conhecimento, e apenas de conhecimento.

Um exame minucioso desse segundo passo nos levaria verdadeiramente a uma análise crítica das próprias bases da nossa civilização moderna. Isso, é claro, está além do alcance deste presente estudo, contudo, devem ser determinados alguns pontos básicos que são suscetíveis de aplicação geral em todas as áreas do conhecimento.

O Conhecimento Leva à Responsabilidade

Vivemos num período de civilização caracterizado não só por um estupendo aumento do conhecimento humano, mas também pela inabilidade, demonstrada pelos líderes da humanidade, em assumir a responsabilidade, seja ela qual for, desse conhecimento. Meios e modos de controlar poderosas energias foram inventados pelo homem durante os últimos séculos e foram entregues ao conhecimento de qualquer um que tivesse capacidade intelectual para memorizar certos tipos de dados e seguir, atentamente, receitas fornecidas para a aplicação desse conhecimento científico público. Contudo, o cientista e o inventor de técnicas e máquinas não se sentem, de modo algum, responsáveis pelo uso que poderá ser dado ao conhecimento que divulgam. E nem os líderes de uma nação assumem qualquer responsabilidade pelo que as pessoas por eles conduzidas ou governadas fazem com o que é colocado nas mãos do público!¹⁶

O homem moderno é uma pessoa que usa indiscriminadamente os produtos de um conhecimento do qual ele não tem nenhuma compreensão vital e *humana* e sobre cujo propósito fundamental e valor primário ele nem sequer interroga. Em primeiro e em último lugar o homem moderno está interessado na técnica. *Como usar* as ferramentas do conhecimento depois de um curso fácil de treinamento - como obter resultados rápidos em termos de uma operação e uma aplicação eficientes - isso é tudo o que importa para ele. Um homem compra um carro

e o dirige. Ele não compreende a natureza das energias e dos processos mecânicos que fazem o carro funcionar. Ele não entende a relação desse carro e do seu poder com o universo e, também, não pensa na relação entre a pilotagem desse carro e a segurança da humanidade, ou mesmo no seu próprio bem supremo. Ele usa os produtos do conhecimento e da perícia humana, mas não assume qualquer responsabilidade por esse uso, além do que a lei diz que ele deve fazer no caso de ferir qualquer pessoa; e até mesmo essa responsabilidade é transferida para uma companhia de seguros que aposta na morte.

O astrólogo freqüentemente age de uma forma mais ou menos semelhante. Ele aprende uma técnica. Aprende a ler as suas tabelas e a interpretar os símbolos do seu ofício. Com prática, atenção, algum grau de perspicácia inata e um pouquinho de boa sorte, ele pode ter sucesso na aplicação das regras astrológicas e no uso eficiente das ferramentas intelectuais, que tem à sua disposição. Ele poderá prever com bastante antecedência a morte de um presidente, o resultado final de um processo legal famoso ou a ocorrência de um terremoto; e ao conseguir isso, é considerado um "sucesso" - ou melhor, um "grande astrólogo". As pessoas se agrupam ao seu redor, pedindo conselhos particulares, atirando diante dele suas existências intranquias, numa ansiosa antecipação de acontecimentos de boas notícias, de qualquer coisa que possa quebrar a monotonia e o vazio espiritual da maioria das vidas do mundo de hoje. Falando numa linguagem comum, o astrólogo "conhece o seu peixe" e sabe "servi-lo". Dá informações, conforme as vê nos mapas. Ao voltar, o cliente recebe dele mais informações, mais dados, mais conhecimentos. Poderá ser um conhecimento verdadeiro; os fatos estão ali e ele os lê corretamente. Um problema, porém, talvez não entre na sua mente à medida que vai atravessando o horário marcado para a entrevista: Qual o uso que o cliente fará das informações? O cliente recebeu um carro de 12 cilindros mas, talvez, para dirigi-lo, tenha apenas uma mente de 4 cilindros. A informação correta. Mas sua divulgação foi *sábia*?

Eu defini a sabedoria como "conhecimento utilizável e significativo colocado em funcionamento na vida cotidiana". Poderia ter aduzido que é um conhecimento pelo qual assumimos responsabilidade pessoal. Assumimos responsabilidade pessoal por ele, no momento em que recusamos separar o conhecimento em si do seu propósito, em

termos de valores *humanos*. Distribuir conhecimento, sem ter o cuidado de verificar se poderá ser *assimilado* por aqueles a quem é dado, e se - uma vez assimilado - terá uma pequena probabilidade de ser proveitoso para a integração pessoal ou do grupo, é deixar de assumir a responsabilidade por esse conhecimento. seguir o caminho do intelecto, não o caminho da sabedoria, divorciar o pensamento analítico do viver integral; a intelectualidade, dos valores morais; o cérebro, do coração.

Nossa civilização moderna e suas guerras totais, devastadoras, são o resultado desse divórcio. A ciência enganou a humanidade. Ela disse que conhecimento é poder, mas o poder em si não tem significado - do mesmo modo que a velocidade em si não tem significado. Poder para quê? Velocidade para alcançar o quê? O poder só se torna "humano" quando sua utilização e seu propósito são conscientemente avaliados e a responsabilidade pelos resultados é assumida com lucidez. Isso não significa que os resultados deliberadamente procurados tenham de ser construtivos. Sempre haverá indivíduos que procurarão o conhecimento com fins destrutivos para as vidas ou as propriedades dos outros. Mas, em tais casos, a questão é clara como uma luta entre vírus e anticorpos; o desejo de saúde e sanidade vence na maioria dos casos. O que é fatal é a confusão advinda do uso irresponsável e vagamente bem-intencionado do conhecimento, do manejo dos instrumentos e das técnicas por mentes desprovidas de maturidade moral, sem a compreensão básica da natureza humana e do seu desenvolvimento cíclico, sem a percepção dos resultados fatais que poderão causar uma informação descuidada, imprecisa ou incompleta, ou dada num momento impróprio.

Aqui me preocupo principalmente com a prática da astrologia, quer seja autoprática, quer seja dirigida à solução de problemas de outras pessoas, de amigos e, também, de clientes profissionais; obviamente, o que estou dizendo aplica-se também, de um modo geral, aos psicólogos, psiquiatras e médicos - assim como aos educadores, líderes de uma comunidade ou homens de Estado. Antes de receber seu diploma, um médico deve fazer o juramento de Hipócrates. Ele é incumbido, pela tradição, pela lei e pela pressão moral, a usar seu conhecimento para o bem e com espírito de auto-sacrifício. Contudo, vários médicos não conseguem compreender que a informação dada aos seus pacientes

só tem valor de acordo com a capacidade do próprio paciente de encará-la construtivamente e assimilá-la. Eles não percebem aquilo que todos os psiquiatras e "guias espirituais" deveriam perceber: ou seja, que a posse oficial do conhecimento lhes dá *autoridade*. Ter autoridade é mais do que ter conhecimento. É ser *aceito* como um homem com conhecimento - talvez, com sabedoria. E isso significa um profundo aumento de responsabilidade.

Autoridade e Prática Astrológica

O psicólogo que obteve seu grau oficial de Doutor, ou que escreveu livros amplamente elogiados, tem autoridade em consequência desse reconhecimento mais ou menos oficial. Disso resulta que o paciente que vai a ele está preparado para aceitar como válidos o seu diagnóstico e os seus procedimentos técnicos. No caso do astrólogo, não se pode ter uma garantia oficial de perícia astrológica; pelo contrário, os padrões de valores oficiais são todos contra a astrologia. A prática da astrologia pode até mesmo ser contra a lei do Estado ou da cidade. Todavia, o astrólogo tem autoridade como alguém que lida de forma compreensiva e eficiente com o misterioso, com o incompreensível ou oculto.

Há uma parte da mente do homem insatisfeita com as coisas como elas são realmente, com o conhecimento à disposição de todos. A procura de um conhecimento das realidades e das energias que estão além do conhecido poderá ser chamada de fuga; todavia, esse também é o traço mais profundo da natureza humana. O "conhecimento liminar" - e todo ocultismo, que também é um conhecimento - fascina o homem provavelmente porque, como certa vez escrevi, a "grandeza do homem está no fato de que ele sempre pode ser ainda maior". Mas, para poder alcançar o "ainda maior" o homem deve atravessar um limiar. E para isso ele tem de ser guiado - guiado por alguém que se apresente com os atributos da autoridade. A astrologia é um conhecimento liminar. Aquele que é capaz de usá-lo possui a autoridade do até agora incompreensível. E essa autoridade impõe sobre o astrólogo uma pesada responsabilidade pessoal, quer ele admita ou não, quer ele se importe ou não em agir de acordo com ela.

A astrologia lida com símbolos - ou, como alguns poderão dizer, com forças cósmicas e transcendentais. Desde Freud e Jung, o psicoterapeuta também trabalha com elementos que parecem ser bastante transcendentais e misteriosos - com "sonhos", com "imagens" psíquicas ou com "complexos". Mas, afinal de contas, os sonhos são do próprio cliente. E, quando o astrólogo fala de Marte, Júpiter, Saturno, lida com entidades eminentemente misteriosas, que têm suas ações efetivas além do âmbito da investigação normal. Assim sendo, a pessoa que se torna cliente de um astrólogo deve ter fé ou, pelo menos, aquele estranho sentimento fronteiriço no qual se misturam a curiosidade, o ceticismo e uma ávida ânsia de crer. À medida que o astrólogo fala dessas entidades remotas, os planetas, o cliente comum sente o poder de forças misteriosas operando na sua vida. Ele é levado para os domínios de um "conhecimento liminar"; na grande maioria, ele é conduzido com os olhos vendados e sem qualquer orientação. Contudo, quem o leva e despeja alarmantes informações em sua mente e psique tem, na maioria dos casos, pouquíssimo senso de responsabilidade *pelo que a informação desperta na consciência do seu cliente*.

Todo conhecimento engendra responsabilidade para quem participa dele ou para quem se recusa a participar com medo da responsabilidade) Todavia, a transmissão do "conhecimento liminar", com seus símbolos poderosos e com suas entidades ou forças misteriosas, gera uma responsabilidade ainda maior, pois quem recebe o conhecimento deve aceitá-lo baseado na autoridade e na fé - tal como uma criancinha, ao ser ensinada por seus pais.

Astrologia e Medo

A responsabilidade pessoal do astrólogo por seus clientes, amigos ou ouvintes revela-se conclusivamente quando se lida com a fonte de quase todos os fatores psicológicos negativos: o medo. O medo nasce da falta de compreensão e, também, de um sentimento de inadequação. A pessoa teme qualquer confronto com alguma coisa, da qual não se sinta à altura, ou para a qual se julgue (certa ou erradamente) despreparada. O homem constantemente defronta-se com a possibilidade de se tornar maior do que é; e na maior parte do tempo ele se esquia de dar

passos para a frente, porque carece de autoconfiança e se sente inferior à tarefa ou à oportunidade - ou porque está excessivamente agarrado ao seu último sucesso e à sua felicidade garantida. Em qualquer dos casos, o medo se manifesta. Pois, se um homem se recusa a andar para a frente porque é feliz onde está, isso se deve essencialmente ao medo de perder a felicidade presente ou à falta de capacidade para conquistar qualquer coisa satisfatória.

Todavia, em certos momentos o homem sente necessidade de mudança - mesmo nas áreas onde se rebele mais desesperadamente contra as transformações. Primeiro, a iminência de uma crise o perturba; segundo, a pressão presente da vida que está crescendo interiormente abala suas velhas estruturas psicológicas, mentais e fisiológicas, suas crenças e seus hábitos - e ele fica amedrontado. É, então, quando um homem ou uma mulher procura um psicólogo, um guia espiritual ou um astrólogo. Em alguns casos, não há uma sensação imediata ou individualmente consciente de crise ou de medo, embora a humanidade inteira esteja aprisionada à condição de uma crise coletiva. por causa disso que os homens estão procurando compreender, mais do que nunca, todo tipo de "conhecimento liminar", ocultismo, astrologia - qualquer coisa que os possa conduzir a um sentimento de vida realmente novo, a uma nova compreensão. Contudo, o que os traz para esse tipo de conhecimento é, acima de tudo, o medo e, conseqüentemente a necessidade de orientação pessoal.

O astrólogo comum reconhece este fato? No melhor dos casos, não claramente. Ele vê o óbvio: a curiosidade do homem e da mulher, a ânsia que eles têm de ouvir alguém falar sobre si mesmos, o desejo de saber "o que vai acontecer". Todas essas coisas, porém, são máscaras colocadas sobre as sombrias feições do medo. A mudança é iminente; a mudança veio; a mudança está cavando fundo o solo satisfeito dos dias de ontem. Mudança é dor. Os homens interrogam as estrelas por estarem no caos, na escuridão, num nevoeiro desnorteante. A astrologia deve dar aos homens uma resposta sobre a questão da existência de uma ordem. A ordem conhecida da terra e da sociedade humana está abalada. As almas que estão nas trevas e na angústia voltam-se para as estrelas - outras se voltam para Deus e seus supostos representantes entre os homens.

Isso não é fazer uma pintura desnecessariamente sombria. É lidar com fatos psicológicos. As pessoas que procuram um astrólogo com a intenção séria de buscar um conselho são pessoas inseguras, portanto, potencialmente temerosas. Elas querem a segurança que um novo conhecimento poderia dar-lhes, e querem uma orientação. O astrólogo que responde às perguntas que lhes são feitas falha com essas pessoas, caso elas não estejam preparadas ou dispostas a assumir a responsabilidade pessoal pela informação e pelos conselhos dados. Falhará tragicamente se, em vez de ajudar o cliente a dominar seus temores semiconscientes, acentuá-los e conferir-lhes um misterioso poder, ao dar à pessoa uma justificativa contra a qual não pode haver recurso. "Saturno está em quadratura com o seu Sol! Tenha cuidado!" A pessoa fica perturbada, confusa e sente que há dificuldades à frente; deixa o escritório do astrólogo com uma expectativa cristalizada de tragédia. "Saturno" está prestes a golpeá-la; sua esposa *poderá* morrer ou seu rim *poderá* precisar de uma operação. Saturno. O que alguém pode fazer a respeito de Saturno ou para Saturno? Aparentemente nada. O medo tomou forma e nome. A antecipação do desastre atormenta a mente. E é ainda pior porque se trata de uma coisa quase desconhecida, esquiva e misteriosa. Cada expressão preocupada no rosto da esposa poderá ser o começo do seu fim; cada dor nas costas poderá ser o arauto do avanço irresistível da força sombria, Saturno, remoto no céu inatingível.

Não ajudará a situação dizer que a natureza da "influência" de Saturno é a das ondas eletromagnéticas; ou que ela pode ser expressada numa média estatística. Para alguém, poderá ser muito pior saber que o seu marido tem 75% de chance de morrer ou de ficar maluco, do que saber que ele *irá* morrer ou ficar louco. Muito mais do que o confronto com o inevitável, a incerteza gera um medo devastador. E não vamos dizer que "avisado com antecedência, armado com antecedência!". Isso *não* se aplica quando as oposições ou as quadraturas de Marte ou de Saturno são apresentadas como *entidades malignas* objetivas, que estão fazendo, real e concretamente, alguma coisa contra os homens. Aquele ditado não se aplica onde há medo. O cliente do astrólogo fica sabendo que no domingo poderá sofrer um acidente que afetará sua cabeça. Cautelosamente, ele fica na cama - e, então, rompe-se a corda que sustenta um quadro pesado que está pendurado à

parede, onde seu leito está encostado - e ele se fere gravemente. Ou, então, ele anda pela rua olhando para todos os lados à espera que um tijolo caia e, estando sob essa tensão, não percebe um buraco na calçada e cai de cabeça. Esses são casos reais. Sim, a predição se realizou. O astrólogo foi bem-sucedido. Uma operação cirúrgica também poderia ter sido bem-sucedida - mas acontece que o paciente morreu.

O que significa tudo isso? Significa que o elemento *humano foi* excluído da força do medo. O astrólogo apenas cristalizará e focalizará o medo por meio das suas previsões; ampliará o alcance da confusão e da sensação de desordem do seu cliente - ou será ele capaz de dar a quem, consciente ou inconscientemente, anseia por um guia que o oriente para um novo reino de ordem, a certeza de que esse novo reino existe e pode ser alcançado? A astrologia provará tratar-se de uma escapada para uma confusão pior, ou ser uma técnica de integração? Ela nunca poderá ser essa última, a menos que o astrólogo esteja plenamente consciente da sua responsabilidade pessoal *com todos os meios necessários para desempenhá-la*. O que significa que o astrólogo deve ser um filósofo e um psicólogo - um homem de sabedoria.

Astrologia e Leitura da Sorte

Escrevi que qualquer predição que não toma *a vida total de uma pessoa* como base ou quadro de referência é incompleta e, com frequência, psicologicamente destrutiva. A predição só tem valor quando contribui para o desenvolvimento e o bem-estar essencial da pessoa. Sem o reconhecimento desse padrão de valor, a prática da astrologia - assim como a prática da medicina e da psicoterapia - dificilmente pode ser justificada num sentido moral ou espiritual. Ao dizer isso, todavia, não me refiro apenas à transmissão gratuita ou remunerada da informação astrológica, pois isto se aplica à transmissão de *qualquer* conhecimento relacionado com a pessoa humana.

A questão da "leitura da sorte" é apenas um exemplo de um problema muito mais generalizado. A leitura da sorte é uma tentativa desorganizada de predição ao acaso, baseada em dados isolados e incompletos. No melhor dos casos, o seu propósito é satisfazer a curiosidade aparente do cliente; no pior, é explorar sua insegurança e seu

medo por amor ao lucro. Mesmo em mãos honestas e não envolvendo qualquer questão de dinheiro, os perigos da leitura da sorte residem no fato de ela se fundamentar num tipo errado de psicologia, que escolhe, para análise, questões comuns que têm mais possibilidade de impressionar a curiosidade ou a vaidade das pessoas, e que não procura contribuir para a saúde ou a sanidade psicológica do cliente. A leitura da sorte tende a encorajar a dependência de um conselho externo, do escapismo e, acima de tudo, a dependência de eventos exteriores, apresentados como não tendo relação com a vida e o ser integral do cliente. Pelo fato de o leitor da sorte não assumir a responsabilidade pelas reações psicológicas do cliente ao que está sendo dito - exceto, possivelmente, na questão óbvia de indicações de morte - ele tende também a destruir o próprio senso de responsabilidade pessoal do cliente.

Eu tenho afirmado que *os eventos não acontecem a nós, nós acontecemos a eles*. Um indivíduo caminha - ou deriva ao longo de caminhos sociais coletivamente determinados - em direção ao futuro. Ele encontra o vasto espetáculo universal de ação e reação. Ele encontra o mundo; o mundo não se dá ao incômodo de ir ao encontro dele. Se um tijolo cai sobre a cabeça de um homem enquanto ele caminha por uma rua, isso é de sua responsabilidade. *Ele* penetrou na área de queda do tijolo. Ele aconteceu para o tijolo, porque é um indivíduo consciente, e o tijolo é apenas um pedaço da natureza universal. O homem acontece para a natureza. Usa as forças da natureza; a responsabilidade pelos resultados é sua. A natureza é indiferente. Ela simplesmente age e reage. Ela tem poderes; melhor ainda, ela é poder. Como certa vez escreveu um sábio homem: "Todos os poderes da natureza estão aí. *Aposse-se deles*"... mas se você se apossa deles, os resultados são de sua responsabilidade. E, caso não se apodere deles, ao chegar a hora da sua maturidade espiritual, isso também é responsabilidade sua.

O astrólogo que levanta um mapa e tenta solucionar os problemas do seu cliente está usando um poder; o poder nascido do conhecimento da configuração estrutural da natureza, conforme ela se desenrola através do tempo cíclico. O que ele faz é relacionar o ser individual do cliente com a sua própria estrutura de natureza em desenvolvimento - natureza humana e universal; e o relacionamento sempre libera poder, o poder de construir ou de destruir. Se o astrólogo pensa que

simplesmente fornece alguns bocadinhos de informação e depois já terminou com a coisa toda, está cometendo um grande engano. Ele estabeleceu um relacionamento. Colocou seu cliente num novo tipo de contato ou "conexão" com o universo. Fez com que alguma coisa vital começasse a fluir. Parar aí significa deixar um *assunto inacabado*. Todas as tragédias humanas, todos os acidentes aparentes, todos os conflitos resultam de "assuntos inacabados". O astrólogo que anda no caminho da sabedoria avalia muito alto sua responsabilidade para com seu cliente e está disposto a encará-la com o melhor da sua capacidade e da sua possibilidade. Por essa razão, ele sabe ficar calado. Não obstante, manter-se calado quando palavras e conhecimento podem curar, sanar - isso também poderá significar um "assunto inacabado". Para o homem, não há meio de fugir da responsabilidade pessoal.

TERCEIRO PASSO

Estabelecer um Método de Trabalho Simples e Claro

Tendo compreendido a natureza e o propósito da astrologia (primeiro passo) e tendo aceito antecipadamente a responsabilidade para com o cliente, responsabilidade que é inseparável do uso sábio de qualquer conhecimento obtido através dos símbolos e das técnicas astrológicas (segundo passo), o futuro astrólogo agora está pronto para dar o terceiro passo. Ele (ou ela) deve aprender a estabelecer um método de trabalho simples e claro, assim como deve seguir uma seqüência completa e fidedigna de operações, que irão fornecer-lhe os dados necessários nos quais poderá basear suas interpretações psicológicas. E, antes de mais nada, o astrólogo deve compreender plenamente a verdadeira natureza das ferramentas que utilizará, pois todo tipo de atividade sempre se baseia em ferramentas ou é condicionado por elas, sejam naturais ou feitas pelo homem. Agir sem dar maior atenção possível a essas ferramentas só poderá levar à ineficiência prática e à confusão mental.

O Mapa Astrológico amo Figura Simbólica

Na astrologia, o primeiro procedimento sempre é "erigir" ou "levantar" um mapa. Um mapa astrológico pode ser entendido como um tipo de fórmula química, na qual os planetas e outros itens representam os "elementos" simples e básicos, que nas suas combinações variadas constituem o tema da "química" da personalidade. Quando

entendido dessa maneira, o mapa mostrará com clareza como todo indivíduo, embora complexo e diferenciado no seu temperamento e comportamento, na realidade é apenas um composto de fatores, combinados de maneira especial, comuns a todos os seres humanos. Todavia, o mapa astrológico é mais do que uma fórmula, mais do que um "mapa". Não é simplesmente uma coisa a ser estudada por meio de um intelecto frio e analítico. É uma coisa a ser *sentida*.

O mapa deve ser sentido como um símbolo vivo do universo inteiro, *visto* de um determinado lugar, num determinado instante. É a representação simbólica de uma das experiências humanas mais básicas; a experiência do céu, a experiência de infinidade e ordem. É a "assinatura" do Criador, a "partitura musical" da Harmonia universal que, por baixo de todas as tempestades, de todos os temores e de todas as vitórias tumultuosas, é paz e sublimidade. O músico treinado olha para a partitura musical e *ouve* os sons, com toda a sua qualidade comovedora. Do mesmo modo, para o astrólogo treinado, o mapa de nascimento deverá "evocar" a pessoa viva; e, de fato, os planetas e os signos do zodíaco deverão ser vistos como atores numa cena cósmica, tão significativa quanto as cenas religiosas representadas em incontáveis Crucificações e Natividades, que despertam a emoção dos fiéis e são um alimento simbólico para a intuição dos sábios. O mapa de nascimento é um quadro simbólico da realidade cósmica. Deverá falar à imaginação tanto quanto ao intelecto. Deverá adquirir *vida*.

O Momento do Nascimento e Seu Significado

Todo mapa astrológico é um mapa de nascimento. A astrologia foi corretamente chamada de "a ciência de todos os inícios" (Marc E. Jones), porque se baseia principalmente no estudo da *estrutura-semente das potencialidades de vida e de crescimento, manifestadas no primeiro instante de qualquer ciclo de atividade orgânica*. A semente é o lugar de encontro do passado e do futuro; nela, um ciclo chega ao seu fim, de onde um novo ciclo emerge. A astrologia, porém, lida principalmente com aquele aspecto da semente no qual a estrutura do futuro organismo é revelada como um novo conjunto de potencialidades de vida, relativamente ímpar.

O momento do primeiro choro é importante para o levantamento do mapa de uma pessoa (horóscopo), porque marca o início de uma existência relativamente *independente* - e não pode haver nenhum conjunto de potencialidades de vida realmente novo e original, enquanto não houver pelo menos os primeiros princípios de independência orgânica e de expressão. O primeiro choro é o primeiro ato de expressão orgânica integral, porque é a reação do organismo inteiro diante da penetração do ar. Esse ar inalado carrega consigo a "assinatura" do passado inteiro do universo; mas, quando o bebê solta o seu primeiro grito, ele expressa sua reação original ao universo. Começa a criar seu futuro. Essa reação normalmente deverá tornar-se cada vez mais *individual* - uma nova contribuição para a vida - à medida que a criança cresce e atinge a idade da responsabilidade; quando isso ocorre, o que no nascimento era apenas um conjunto de potencialidades, pouco a pouco se transforma na realidade concreta do caráter e do comportamento consciente do indivíduo.

O estágio pré-natal da vida orgânica é apenas a soma do passado da raça à espera da ocasião em que um momento presente, que traz consigo o poder de iniciar a vida (viabilidade), abrirá caminho para a revelação gradual do futuro. O que chamamos vida é essa revelação constante do futuro através de uma série de situações presentes: uma revelação que começa com o primeiro choro.

Eu também deveria aduzir que através da primeira inalação ocorre uma mudança na circulação do sangue, que a partir daí passa pelos pulmões e é oxigenado dentro deles. Portanto, é só nessa hora que o coração começa a funcionar na forma característica de um todo orgânico auto-suficiente.

O Mapa de Nascimento e Seus Elementos

Embora um mapa de nascimento seja uma representação gráfica bidimensional do universo, como é realmente, ainda assim essa representação é muito seletiva. Seleciona certos fatores como sendo "mais importantes" e deixa de lado muitos outros - assim como uma fórmula química enfatiza um certo tipo de relacionamento molecular e ignora muitos outros fatores. Entre todos os dados astronômicos de

que pode dispor, a astrologia seleciona os que se ajustam a certos *quadros de referência* - e ignora os demais.*

A astrologia lida com corpos celestes que se movimentam - ou mais exatamente com os movimentos periódicos de pontos e discos de luz localizados no céu. Esses movimentos só podem ser calculados e determinados no espaço e no tempo, quando as posições cambiantes dos corpos celestes são medidas tomando-se como referência o horizonte e o período do dia ou das posições equinociais do Sol, dentro do ciclo anual, ou então o valor relativo dos períodos planetários. E esses três quadros principais de referência são conhecidos na astrologia como a roda das Casas, os signos do zodíaco e a configuração geral do sistema solar (de onde deriva o significado atribuído a cada planeta). Cada um desses três quadros de referência tem um significado e um caráter bem definidos, e a combinação deles produz o mapa astrológico - o único instrumento essencial usado na astrologia.

O Horizonte e o Meridiano

Falando de um modo geral, o horizonte é a linha do encontro aparente da terra (ou do mar) com o céu. Por extensão psicológica, ele também abrange o significado de "os limites de observação ou experiência" (Dicionário Funk and Wagnalls). O horizonte é a base da

*A estrutura completa de um ciclo (por exemplo, a vida de um homem) é do começo ao fim um quadro de referência para todos os momentos e todos os eventos que ocorrem dentro desse ciclo. Uma casa é um quadro de referência para a avaliação da função, do significado, do tamanho e do valor de todos os aposento§ existentes dentro dela. Na experiência humana, cada fator só pode ter significado quando tem relação com a "estrutura" maior do ser completo da pessoa e da humanidade. Desse modo, o que mais importa na avaliação ou no julgamento das ações de um indivíduo não são os detalhes complicados dos eventos, mas sim a compreensão da *maneira como eles se enquadram na estrutura* da consciência social, ética, religiosa e individual do homem e da humanidade. Todo ato de matar alguém poderá ser avaliado como uma ação infame ou gloriosa, dependendo da ocasião, do lugar e do tempo - portanto, de acordo com o "quadro de referência" social usado na avaliação do significado e da motivação do ato.

astrologia porque ela lida com todos orgânicos, operando cada um deles dentro de limites de algum tipo. A astrologia só pode lidar eficazmente com situações específicas e casos particulares. Interpreta as limitações nos termos da contribuição delas para a unidade de um organismo, ou para uma situação bem-definida, confrontando esse organismo. A astrologia é "a ciência de todos os inícios", porque cada caso particular tem seu início num determinado momento, e a natureza do caso é vista como sendo simbolicamente determinada ou caracterizada *pela potência de vida criativa existente nesse globo, nesse determinado momento*.

O meridiano é o círculo vertical que tem o eixo polar da Terra como um dos seus diâmetros e sobre o qual o Sol deve ser encontrado ao meio-dia. Nesse círculo também é encontrado o ponto superior (o zênite). A linha desenhada a partir desse ponto para o centro da Terra é a linha de gravidade ou linha de prumo. O horizonte e o meridiano estão sempre num ângulo de 90º um com o outro. Conforme são prolongados através do espaço, eles constituem dois planos celestes que dividem o universo inteiro em quatro quadrantes de igual tamanho. Todos os objetos celestes são encontrados num ou noutro desses quadrantes.

Projetados no papel como duas linhas, uma horizontal e outra vertical, o horizonte e o meridiano formam os dois eixos principais do mapa astrológico comum. Esses eixos constituem a "estrutura da personalidade" porque todas as experiências humanas estão incluídas dentro dos departamentos de vida básicos que eles demarcam. Na prática comum, cada um desses quatro departamentos de experiência é dividido em três partes iguais de *espaço* (mas não do zodíaco), de 300 cada; desse modo são formadas as doze casas do mapa.

A Eclíptica

Todos os corpos celestes parecem mover-se em relação ao horizonte, sendo o período cíclico de tal movimento o "dia sideral" de aproximadamente 23 horas e 56 minutos - o período necessário para uma determinada estrela tornar a se colocar sobre o mesmo meridiano. Contudo, ao estudarmos os movimentos cíclicos dos corpos celestes,

tendo como referência a cruz formada pelo horizonte e pelo meridiano, descobrimos que eles se enquadram em duas categorias básicas, cada uma delas exigindo um "quadro de referência" especial. As "estrelas fixas" se movem através do ciclo sideral do dia, sem qualquer forma apreciável de mudança no seu relacionamento mútuo. Todavia, o Sol, a Lua e os planetas estão alterando constantemente a condição de relacionamento mútuo. As configurações que eles criam no céu mudam incessantemente. Foi para poder analisar essas configurações em constante mudança que se concebeu o zodíaco como um círculo de referência.

O zodíaco é o círculo descrito no período de um ano pelo Sol no seu movimento aparente em meio às "estrelas fixas". A Lua e os planetas movem-se em várias direções e com velocidades variadas, mas nunca se afastam muito de qualquer um dos lados desse caminho solar. Em conseqüência, é mais conveniente descrever tais movimentos, tomando-se esse caminho como referência.

Na Terra, o equador é o círculo de maior latitude; mas além disso, ele também é considerado como uma espécie de *horizonte global para a raça humana como um todo*. Quando prolongado indefinidamente, o plano do equador cruza o plano formado pelo caminho anual do Sol em torno do céu. A linha formada pela interseção desses planos é a *linha dos equinócios*. Os pontos equinociais estão nos dois extremos dessa linha. O ponto que se refere às posições do Sol no começo da primavera, nas latitudes norte, é tomado como o ponto de partida do círculo de longitude - portanto, a longitude 0°, o "primeiro ponto de Áries", é o início convencional do zodíaco. O círculo de longitude é, então, dividido em 360° e em doze "*signos*" de 30° cada; Áries, Touro, Gêmeos, Câncer, Leão, Virgem, Libra, Escorpião, Sagitário, Capricórnio, Aquário, Peixes. Esses signos não devem ser confundidos com as constelações da era grega, que tinham e ainda têm os mesmos nomes. Houve uma época em que os signos e as constelações coincidiam, mas agora já não coincidem, por causa de uma constante deriva das constelações.

O círculo de longitude também é chamado de *eclíptica*, porque todos os eclipses ocorrem quando a Lua está próxima dele, por ocasião da Lua nova ou cheia. Todas as posições planetárias são descritas nas efemérides astrológicas, tendo como referência básica a eclíptica - em

termos de longitude zodiacal e também de latitude celeste (isto é, da sua distância norte ou sul da eclíptica). O relacionamento entre o horizonte (em qualquer momento e lugar determinados) e o círculo da jornada anual do Sol também é dado nos termos da longitude zodiacal dos dois extremos do horizonte: Ascendente e Descendente. O mesmo se dá com o meridiano e com as "cúspides" das doze casas do mapa astrológico.

Em alguns tipos de computação astrológica, as posições dos corpos celestes são medidas com referência ao equador celeste (em vez da eclíptica), mas este não é o método mais comum. Contudo, "Paralelos de Declinação" são encontrados entre as indicações incluídas na maioria das "efemérides" e das revistas astrológicas.

O Processo Básico de Trabalho

Os dados fundamentais amalgamados por um astrólogo são tirados de uma efeméride e também das Tábuas das Casas, calculadas por astrônomos - são fatos científicos e exatos. São "o material bruto" que o astrólogo usará nas suas interpretações. Na técnica astrológica, predominante hoje em dia na América, esses dados se referem quase que inteiramente às *longitudes* (ou posições zodiacais) dos planetas e das cúspides das casas - e também dos nós da Lua; portanto, da distância deles em relação aos equinócios. A astrologia comumente usada na época atual é a do tipo *equinocial*. Baseia-se na seqüência periódica das estações - um fator controlador da vida e da cultura do homem. O que chamamos de zodíaco é, na realidade, esse ciclo das estações projetado no céu.

Muitos astrólogos europeus, reconhecendo a importância dominante desse fator equinocial, constroem seus mapas astrológicos em torno dele. No lado esquerdo da roda astrológica eles *sempre* colocam 0° de Áries e cada uma das doze seções corresponde a um signo zodiacal. O horizonte e o meridiano, por ocasião do nascimento, são indicados por linhas pontilhadas que encontram seu lugar nessas seções de acordo com suas longitudes. Num outro tipo de abordagem recentemente popularizada - a "astronomia solar" - o grau zodiacal do Sol, por ocasião do nascimento, é colocado à esquerda da roda e cada

parte dela contém 300 do zodíaco. Desse modo, se o Sol natal está situado no 12° grau de Câncer, as "cúspides solares" desse mapa natal serão marcadas com as seguintes longitudes: 12° Câncer, 12° Leão, 12° Virgem, etc.

Esses processos podem ser justificáveis; contudo, os mapas levantados de acordo com eles falham em não registrar o universo como ele realmente aparece no instante do nascimento, visto do local do nascimento. Eles não registram simbolicamente *um fato real experimentável*. O fato básico do nascimento é que o indivíduo nasce dentro de uma estrutura particular definida pelo horizonte e pelo meridiano. O verdadeiro "horóscopo natal" é uma representação do espaço em redor do organismo recém-nascido; e uma verdadeira "roda natal" é a projeção bidimensional desse espaço. Seus doze raios (as cúspides das casas) cortam esse espaço em intervalos angulares iguais - mas o conteúdo zodiacal desses *ângulos de espaço*, de 30°, normalmente não são iguais. Assim, o que deve ser determinado em primeiro lugar é quantos graus do zodíaco estão contidos em cada um desses "ângulos de espaço" ou casas. Isso é feito através do cálculo da *hora sideral* do nascimento e da procura na "tábua das casas" das longitudes das doze cúspides nesse exato momento, para a latitude geográfica do nascimento.

Não posso detalhar aqui os cálculos que devem ser feitos para se determinar as posições dos vários elementos de um mapa de nascimento. Esses cálculos, e as razões por que são feitos, podem ser encontrados, com todas as explicações, em inúmeros compêndios e manuais para principiantes. Farei simplesmente uma lista das operações básicas que devem ser realizadas e concluirei com poucas observações gerais, cuja importância não pode ser subestimada.

1. Determine a latitude e longitude geográficas do local de nascimento.

2. Determine a "hora local média" do nascimento. Em muitos casos, esta difere da hora registrada no relógio, que é a "hora legal" ou a "hora de aproveitamento da luz diurna" - a diferença depende da longitude do nascimento.

3. Determine a "hora sideral" do nascimento. Isso é feito com base na "hora sideral de Greenwich ao meio-dia", registrada para cada

dia na efeméride correspondente ao ano do nascimento; depois, é preciso corrigi-la de conformidade com o momento exato do "primeiro choro" e com a longitude do nascimento.

4. Usando a "tábua das casas" para a latitude do nascimento, encontre as posições zodiacais do horizonte, do meridiano e de todas as doze cúspides na hora sideral do nascimento - e escreva essas posições zodiacais exatamente onde devem ficar no mapa de nascimento, tendo o cuidado de situar com exatidão os "signos interceptados", se for o caso.

5. Determine a "hora média de Greenwich" do nascimento, observando cuidadosamente se as efemérides usadas dão as posições dos planetas ao meio-dia ou à meia-noite.

6. Calcule as posições zodiacais do Sol, da Lua, dos planetas e dos nós lunares, nessa hora média de Greenwich do nascimento, tendo como base as posições registradas nas efemérides. O uso de logaritmos simplifica esses cálculos, caso queiramos que sejam realmente exatos. Deve ser dada uma atenção especial para o caso de planetas em movimento retrógrado.

7. Calcule a posição da Roda da Fortuna.

Esses são os sete passos primários, necessários para o estabelecimento dos dados básicos, que constituem o mapa natal. Os passos seguintes tratam da *organização* desses dados em termos de uma "percepção interpretativa".

A. Delineie, usando meios gráficos apropriados (por exemplo, lápis de cores diferentes), a configuração dos "aspectos" formados pelos planetas e determine a importância básica da sua configuração geral.

B. Determine, individualmente ou em grupo, o "equilíbrio em peso" dos planetas e do seu poder relativo, nos termos de "dignidades" e de "regências" de casas. Procure descobrir qualquer tipo especial de ênfase, de atração básica ou centro de gravidade, que poderá servir como meio válido para focalizar a interpretação e indicar o "nível" principal em que o indivíduo funciona normalmente.

C. Analise uma por uma as casas do mapa e o conteúdo planetário e zodiacal correspondente, relacionando cada uma com o

departamento particular da vida que simboliza. Procure "sentir" a atividade de cada planeta no lugar determinado em que ele se encontra.

D. Calcule as "posições progredidas" dos planetas à hora em que o estudo está sendo feito e registre-as no mapa fora da roda natal (com tinta ou lápis de cor diferente). Calcule as posições dos planetas à hora em que o estudo está sendo feito e escreva-as no mapa fora do círculo de "progressões" - portanto, como "trânsitos". Esses dois tipos de cálculos são valiosos até mesmo no primeiro estágio da interpretação do mapa, pois eles trazem o problema da interpretação para um foco de atenção imediato. Em outras palavras, o fato de que o mapa está sendo estudado num *determinado momento* lança uma luz sobre o *propósito* do estudo - e sobre o tipo de assistência necessitada pelo cliente (essa assistência poderá não ser do tipo que ele, ou ela, "pensa" ser necessária!).

E. Com todos esses dados definidos da maneira mais clara possível, procure entrar em contato, munido da maior simpatia e compreensão, com o ser total que está sendo representado pelo mapa - seja ele uma pessoa viva ou uma situação particular. Olhe o mapa como um artista olha uma pintura, com uma percepção positiva, atentamente aberta e com a firme determinação de *evocar* o seu significado - ou mesmo ajude o cliente a atingir um estado mais completo de integração consciente. Olhe o mapa com toda a aceitação da responsabilidade pessoal - e, de fato, numa atitude de "prece", peça que lhe seja dada uma orientação interior e uma compreensão sábia.

Com essas cinco fases de interpretação - às quais outras deverão ser aduzidas, no caso de surgirem problemas especiais na vida do cliente, a serem estudados pormenorizadamente - chegamos a fatores astrológicos que terão de ser analisados nos capítulos seguintes. Não obstante, listei ordenadamente essas fases para poder estabelecer um andaime preliminar (ou quadro de referência), no qual o processo de interpretação astrológica poderá operar com o máximo de estabilidade e inteireza.

O que deve ser enfatizado aqui é a necessidade de clareza e de um toque artístico no trabalho real ao traçar um mapa no papel e, também, na abordagem dos problemas de interpretação. Cada astrólogo pode inventar qualquer meio que lhe pareça o melhor, para facilitar a leitura

dos vários tipos de fatores constantes no mapa. Os símbolos, os números dos graus, a disposição geral da roda, todas essas coisas deverão ser padronizadas - cada astrólogo precisará estabelecer seus próprios padrões, sempre que necessário. O mapa natal deve ser apresentado como um símbolo; um símbolo vivo por meio do qual possa ser evocada a realidade de uma pessoa viva. A prática da astrologia é uma arte - e também é, essencialmente, uma terapia. Todo astrólogo sábio tem conhecimento de que é, goste ou não, um astro-terapeuta.

QUARTO PASSO

Uma Compreensão Clara do Significado dos Signos Zodiacais e das Casas

O manual astrológico comum faz dos vários corpos celestes, cujos movimentos periódicos constituem o material básico usado na interpretação astrológica, entidades muito definidas. De fato, por nossa maneira de entender os planetas, não estamos muito longe da atitude dos astrólogos da antiguidade e dos "adoradores de estrelas". Atribuímos um gênero masculino ou feminino a alguns dos planetas. Falamos garrulamente: "o meu Saturno está fazendo coisas terríveis comigo" ou nos referimos à "linda Vênus". Em outras palavras, os corpos celestes ainda são entendidos quase como corporificações ou "veículos" de deuses, cuja vontade "influencia" as questões humanas - quase como a vontade de um ditador ou a autoridade religiosa de um pontífice influencia as ações dos seus seguidores.

Do mesmo modo, ainda consideramos os signos zodiacais e as casas do mapa de nascimento como entidades separadas, que têm prerrogativas absolutas e qualidades fixas; melhor do que como subdivisões de ciclos completos (ou círculos), tendo importância *apenas como partes de um todo*. Isso ocorre particularmente no que se refere aos signos do zodíaco, porque a maioria dos devotos (e dos críticos) da astrologia ainda não entendeu que *os* signos zodiacais não têm nada, absolutamente nada, a ver com as estrelas e constelações reais, são simplesmente doze fases do relacionamento cíclico entre a Terra e o Sol.

Contudo, não basta ter noção da diferença essencial entre as *constelações*, que são grupos de estrelas reais, e os *signos do zodíaco*, que são doze divisões da eclíptica (caminho aparente do Sol ou círculo de longitude). O tipo de compreensão e de "sabedoria astrológica" que

estou apresentando requer uma percepção muito clara de um princípio mais básico; o princípio da *prioridade do todo sobre as partes que compõem esse todo*.

Isso significa praticamente que o caminho anual do Sol ocupa o primeiro lugar, estando os doze signos do zodíaco depois dele; esses signos só têm significação em termos do lugar onde se encontram, dentro da eclíptica, como um todo. Significa que cada casa do mapa é importante porque é uma expressão particular do espaço total das cercanias de um homem que vive na superfície do nosso globo - um espaço inevitavelmente dividido em duas metades (solo e céu) pelo horizonte. Uma casa é uma subdivisão do espaço-solo ou, então, do espaço-céu e sua importância pode ser determinada pelo fato de que ela antecede e sucede outras casas; quer dizer, ela tem importância como um fator de uma série cíclica de fatores.

De acordo com meu ponto de vista astrológico, o significado dos planetas não tem bases diferentes. Cada planeta adquire sua significação pelo fato de ocupar um determinado lugar na seqüência de planetas, que se movimentam em cada um dos lados da órbita da Terra. Marte representa o que representa na astrologia porque é o planeta mais próximo da Terra, *fora* da nossa órbita; Vênus porque é o planeta próximo da Terra, *dentro* da nossa órbita. Este é o único significado fundamental de Marte e de Vênus - e, igualmente, de qualquer outro planeta. O que vem em *primeiro lugar* é o sistema solar como um todo. Esse todo tem uma estrutura típica definida pela relação existente entre ele e suas partes e das partes entre si. E como nós, criaturas da Terra, somos os que estão estudando e dando significado a esse todo formado pelo sistema solar, obviamente temos de estabelecer uma ligação entre *nós mesmos* e cada significado que possamos atribuir a qualquer parte do todo. * Portanto, damos significado às séries de planetas com referência

* Mesmo na chamada "astrologia heliocêntrica", ainda estamos nos referindo às posições dos planetas e de tudo o mais como a nós mesmos, seres terrestres; mas em vez de lidarmos com a Terra como um objeto sólido, ou com a nossa posição nela, lidamos (como já expliquei em outra parte) com a *órbita da Terra como um todo*. O Sol é tomado como o "centro dessa órbita" e, desse modo, serve como ponto de medição projetado, mas o verdadeiro quadro de referência é a órbita como um todo.

à Terra como ponto de partida - do mesmo modo que dizemos que Áries tem um determinado caráter na série zodiacal cíclica, porque ele é o primeiro signo depois do equinócio vernal; Touro, porque é o segundo signo, etc.

Todavia, as qualificações "primeiro", "segundo", "terceiro", etc., são puramente abstratas; e estaríamos apresentando essa astrologia como uma "técnica de compreensão humana" sob uma luz errada, se fôssemos pensar a respeito dela *simplesmente* como uma espécie de numerologia. A astrologia, repito, baseia-se na experiência comum e na reação mais básica do ser humano ao fato fundamental da sua própria existência: o contraste entre terra e céu - entre o caos das experiências terrenas e a ordem majestosa do reino das luzes celestes que se movem.

A astrologia primitiva enfatizou essa reação básica e utilizou-a da única maneira possível a essa mentalidade primitiva, isto é, fazendo de cada coisa celeste uma entidade - um deus, um lugar, uma "casa", uma coisa sólida e individual. Contudo, com o advento de uma nova era de desenvolvimento mental, ou melhor, no sexto século a.C. (época de Pitágoras), os homens começaram - oh! com muita hesitação - a pensar em termos de séries e de ciclos em vez de "deuses" e forças, e uma nova astrologia nasceu, mas nunca chegou à maturidade.

É para essa "nova" astrologia que agora devemos, finalmente, dar uma expressão plenamente amadurecida, livre dos velhos comprometimentos ptolomaicos com as tradições arcaicas. E a única maneira que conheço de estabelecer essa abordagem plenamente amadurecida da astrologia é tomando como ponto de partida a compreensão de que o *todo antecede às partes em potencialidade e em significado*. A árvore e todas as suas partes têm origem na semente; todos os órgãos maravilhosamente complexos do corpo humano são *divisões especializadas* de um óvulo primordial fecundado. Do mesmo modo, os signos do zodíaco são "divisões especializadas" do espaço que cerca qualquer homem sobre a Terra; e os planetas são "órgãos" especializados do todo que é o sistema solar.

Não juntamos um fígado, um estômago, um coração e um cérebro para formar um homem. Do mesmo modo, não devemos juntar entidades planetárias separadas para formar o sistema solar - ou juntar os vários fatores encontrados num mapa de nascimento para poder

construir um julgamento composto. Devemos procurar compreender o todo no seu plano de unidade operativa e, então, através de um processo natural de desenvolvimento progressivo e de acentuação rítmica, as partes revelarão para nossa mente seu significado funcional. O conhecimento obtido desse modo será um conhecimento *funcional*, não abstratamente intelectual - e a sabedoria é para o conhecimento funcional o que as flores são para as folhas. Do interior da flor nasce a nova semente; do mesmo modo, da sabedoria surge o significado. E o significado, uma vez formulado, transforma-se na força criativa, a Palavra ou *Logos*. O verdadeiro astrólogo é aquele que pode "evocar" na sua mente o significado de um mapa; e quando formula esse significado através de palavras adequadas, libera força criativa, força capaz de dar ao seu cliente um maior senso de vida, de personalidade, de integração e de felicidade. Na verdade, um alvo raramente alcançado e, no entanto, o alvo supremo de toda interpretação astrológica realmente válida.

O Zodíaco e o Círculo de Casas

O zodíaco e o círculo das doze casas são dois pontos básicos de referência que têm muitos aspectos em comum; não obstante, devem ficar claramente diferenciados na mente do estudante de astrologia, se ele deseja que não falte penetração e verdadeira validade à sua interpretação. Os signos zodiacais e as casas têm em comum o fato de que normalmente são considerados fatores espaciais, isto é, diz-se que eles formam compartimentos dentro dos quais os corpos celestes se localizam - esses corpos adquirem por meio dessa localização colorações especiais ou tendências características e são fortalecidos ou debilitados na sua ação. Além disso, há doze signos e doze casas, e as duas séries dão origem a seqüências similares de características e significados. Assim Áries, como o primeiro signo, tem características paralelas às da primeira casa de um mapa astrológico; Câncer, sendo o quarto signo, tem semelhança com a quarta casa, etc.

Isso é tão evidente no ensino astrológico usual que os signos do zodíaco às vezes têm sido chamados de "casas do Sol" e, também, considerados como "domicílios" diurnos ou noturnos dos planetas. De fato, os astrólogos de mentalidade religiosa referem-se aos signos zodiacais

como as "muitas mansões" existentes na casa do Pai, das quais Jesus fala no Evangelho. O zodíaco como um todo tem sido interpretado como uma espécie de "aura" ou esferóide eletromagnético que cerca a Terra, representando cada signo uma divisão dessa aura. E também têm sido tradicionalmente estabelecidas correspondências entre cada signo e uma parte do corpo humano - sendo dito que o zodíaco inteiro representa o corpo do macrocosmo, ou o Homem Celestial.

Essa interpretação espacial do zodíaco é inteiramente justificável e eu desenvolvi algumas características suas no meu livro *The Pulse of Life*. Mas, adotando-se esse ponto de vista, será preciso tornar bem claro que o espaço em relação ao zodíaco é de ordem inteiramente diferente do espaço ao qual as casas se referem. O zodíaco é o "útero universal" - portanto, um *lugar*; contudo, não é um útero um tipo comum de espaço. É um "campo" eletromagnético sobre o qual estão focalizadas forças formativas. É uma substância viva em vias de se transformar num organismo. Não é uma "casa" ou uma coleção de espaços corretamente definidos, mas o *cadinho da vida*.

O zodíaco é o reino formativo de vida, onde o Sol astrológico opera como fonte principal de todos os processos vitais. É o reino do nascimento, crescimento, amadurecimento, degeneração e morte, onde a substância é feita e desfeita, e onde forças anabólicas e catabólicas (luz e sombra, integração e desintegração) operam numa existência intensa, incessante e dinâmica. Podemos pensar a respeito de um signo do zodíaco como uma região, na qual um aspecto da força solar está operando concentrada; mas se imaginarmos esse lugar em termos estáticos, estaremos cometendo um grande engano. A essência do zodíaco é a atividade dinâmica ao nível da formação da substância, de energias eletro-magnéticas polarizadas, de processos vitais. O Sol é a força inexaurível que torna possível essa atividade; os planetas a diferenciam ao longo de linhas que obedecem a padrões estruturais definidos. E o zodíaco é a área onde e por meio da qual toda essa atividade opera como substância-energia. É o "mundo astral" dos antigos livros teosóficos (por exemplo de *Luz no Caminho*) - o mundo de forças, o aspecto ativo procriador da Natureza. Os antigos correlacionavam cada signo do zodíaco

* Luz no Caminho, de Mabel Collins, publicado pela Editora Pensamento.

a uma Hierarquia celeste, a uma Hoste de construtores cósmicos.

Portanto, é errado dizer que o signo de Touro corresponde ao pescoço no corpo humano. Esse signo "rege" as funções vitais, a área de operações pertencente ao pescoço. Touro energiza, solariza e, até mesmo, anima o pescoço e seus órgãos (por exemplo, a glândula tireóide e as cordas vocais). Mas Touro *não é* o pescoço. Touro representa uma fase da atividade solar. É uma forma de força, um aspecto de vida. A atividade ou liberação de energia formativa é o fator essencial; o lugar onde se focaliza essa liberação de energia é de importância secundária.

Isso explica por que um signo do zodíaco não pode estar permanentemente ligado a um grupo de estrelas (constelação), e indica a forma de operação da precessão dos equinócios e da série das doze grandes Eras (ariana, pisciana, aquariana, etc.). Tudo no universo age sob o princípio da "permutação de funções". Cada lugar pode e deve no tempo certo tornar-se o campo focal para a operação de *todas* as funções vitais ou atividades cósmicas concebíveis. Numa determinada época a função Áries está focalizada (simbólica ou cosmicamente) no grupo de estrelas que tem o nome de Carneiro, em outra época está na constelação de Peixes, mais tarde na do Aquário. A *função* - o signo zodiacal - é a coisa básica; o *propósito* e as *influências* através das quais ela opera são de certo modo secundários - são simbolizados pelos grupos reais de estrelas ou constelações.

Usando um outro exemplo: John F. Kennedy morre, Lyndon B. Johnson vai para a Casa Branca - mas a função Executiva da Presidência é o fator básico. Essa função em certa época pode ser realizada mais favoravelmente por um homem do tipo de Kennedy (um determinado grupo de estrelas), em outra ocasião por um homem do tipo de Johnson (outro grupo de estrelas). E, em consequência, temos uma sucessão de Eras precessionais, cada uma durando cerca de 2.100 anos. Os signos do zodíaco são "cargos" do governo; o poder governante é o Sol. A Presidência é um "cargo" - mas não deve ser muito estreitamente identificada com uma estrutura ou um lugar, a Casa Branca. Ela é uma função, não um lugar no espaço.

Por outro lado, quando chegamos às casas do mapa astrológico, estamos lidando realmente com divisões de tipos de espaço muito concretos. O círculo do horizonte (que passa a ser a linha de ligação do

Ascendente e o Descendente no mapa astrológico bidimensional) divide o espaço que cerca o nativo (a pessoa cujo mapa está sendo estudado) em duas metades ou hemisférios. Uma metade é o céu; a outra é a terra sólida. A divisão é efetiva, concreta, iniludível - como a distinção entre o dia e a noite. A diferença entre os signos do zodíaco é uma questão de *mais ou menos* preponderância relativa entre duas energias polares, estando ambas sempre presentes em todos os lugares, em qualquer tempo. O céu e a terra, porém, são opostos completos; são lugares diferentes que só podem se fundir dentro de uma orla muito estreita - sendo esta a superfície da Terra, o lugar de nascimento da consciência; e assim, a linha que liga o Ascendente e o Descendente representa a consciência, com seus pólos objetivo e subjetivo.

Na verdade, é essencial compreender o significado da diferença entre esses dois todos, o zodíaco e o círculo das casas, pois freqüentemente ambos são entendidos de uma forma muito errada. Discuti o significado das casas em artigos publicados em muitas revistas e tudo o que vou dizer aqui é que as casas representam os doze tipos de experiências que um determinado ser humano enfrenta *quando se movimenta no espaço* e, pelo fato de enfrentá-las, ele se torna realmente um "indivíduo".

O homem se movimenta no espaço; esta é sua prerrogativa básica. A habilidade de se deslocar não existe no reino vegetal. Desenvolve-se no reino animal. Aperfeiçoa-se no reino humano; primeiro, através dos músculos, depois, por meio de máquinas e, finalmente, pelo desenvolvimento de poderes mentais-espirituais mais especializados. É deslocando-se que o homem se torna realmente individualizado. Ele deixa seu lar ancestral, seu lugar de nascimento, seu país - e a cada passo se torna mais e mais um "ser individual". O autodesenvolvimento baseia-se no poder de se reorientar constantemente no espaço - num sentido literal, de encontrar um "novo oriente". Nesse sentido mais profundo, reorientação significa ver a personalidade (o Ascendente ou horizonte oriental) a partir de um novo ponto de vista no espaço. Assim, o homem se move de casa para casa e, ao fazer isso, se vê - e vê o mundo exterior (Descendente) - de uma maneira diferente.

Como ele se move de casa para casa? Simplesmente, deslocando o foco principal da sua atenção de um departamento da experiência humana para outro. Cada casa representa um departamento básico de

experiência e, desse modo, a *potencialidade* de um tipo diferente de consciência. De fato, o círculo das casas se refere, em primeiro lugar, à consciência e às mudanças básicas na consciência; e é, essencialmente, a expressão de um *horizonte que está sempre mudando*. O horizonte viaja ao redor do céu uma vez a cada dia. Do mesmo modo, um indivíduo só pode se encontrar na plenitude do seu poder e das suas características humanas se viaja ao redor de si mesmo e ao redor do seu mundo. E *potencialmente* cada período de 24 horas dá a um homem a chance de realizar tal viagem global. A alternância de dia e noite e a série regular de atividades cotidianas normalmente compelem o indivíduo plenamente consciente a entrar em contato com todas as facetas básicas do seu ser e a operar em todos os níveis de consciência, desde o sono mais profundo até a mais ativa vigilância.

Todos os dias o Sol se move através de todas as doze casas, dando ao homem o poder de funcionar em todas e em cada uma delas. O astrólogo marca um determinado signo e grau do zodíaco nas cúspides das doze casas do seu mapa. Contudo, aquilo a que se referem essas indicações zodiacais são essencialmente a posição do Sol acima ou abaixo do horizonte. O signo e o grau do zodíaco simplesmente adicionam maiores detalhes e essa indicação básica - e revelam também a latitude particular na qual a pessoa opera, fato que também afeta sua capacidade de receber energia do Sol.

O zodíaco nada mais é do que a expressão múltipla da atividade solar - uma maneira de medir o caráter dessa atividade em qualquer momento. Contudo, a posição do Sol numa casa indica o *lugar* sobre o qual está focalizada essa força solar - e a posição dos planetas na casa também nos permite localizar o foco principal das operações planetárias (que *diferenciam* a atividade solar, no interesse de um funcionamento mais complexo e sutil).

Se essa distinção fundamental entre o zodíaco e o círculo das casas for bem-entendida, então não será difícil compreender o significado pormenorizado de cada signo e cada casa. As partes mostram as características essenciais do todo, mas ninguém pode compreender verdadeiramente o significado de qualquer uma delas sem estar familiarizado com o significado do todo. Cada casa do mapa refere-se a um

tipo de *consciência* que o indivíduo deve adquirir, orientando-se através do espaço ao mesmo tempo que realiza as atividades cotidianas da sua existência pessoal e social. Cada signo zodiacal é a expressão do *poder* de viver e de experimentar, que tem sua fonte no Sol.

QUINTO PASSO

O Uso dos "Luminares"

Falar do zodíaco como "o reino formativo da vida, onde o Sol opera como a fonte principal de todos os processos vitais" não esclarece suficientemente o caráter essencial da atividade solar. O que o Sol libera não é "vida", mas sim "luz" - ou seja, a capacidade para produzir efeitos definidos em qualquer substância que seja tocada pelos seus raios. Esses efeitos podem ser classificados em várias categorias. Como os experimentamos na superfície da Terra, são três os tipos fundamentais.

Primeiro, podemos falar da luz do Sol e do seu poder de nos iluminar e revelar a presença, a forma e a cor de substâncias físicas, de corpos e objetos. Esse é o efeito mais direto (ou mais diretamente percebido) da atividade solar sobre os seres humanos - assim como sobre outros organismos. Depois, há o *calor solar* que, aquecendo todas as criaturas vivas, torna possível a existência delas. O calor, porém, não é um produto direto da atividade solar. No espaço interestelar praticamente não há calor; a geração do calor depende, em grande parte, das condições das substâncias tênues, que envolvem a superfície da Terra.

As regiões circundantes do nosso globo sólido - os reinos do ar, das nuvens e das camadas ionizadas acima da estratosfera - foram chamadas pelos antigos astrólogos-astrônomos de "reino sublunar". Nesse reino, a Lua era a governante suprema e pensava-se que ela - controlando o calor (e até mesmo a intensidade da luz) por meio da umidade e das nuvens - exercia domínio sobre a geração e o fluxo das ondas de vida. Esse domínio foi particularmente notável no amanhecer da vida sobre a Terra, quando a superfície do globo estava fechada num grosso e inviolável envelope de névoa e de nuvens. Nesse tempo, a luz

precisava filtrar-se através desse envelope lunar e, conseqüentemente, só podia ser experimentada de uma maneira indireta, por intermédio do reino lunar e de suas forças.

Quando, finalmente, depois de muito tempo - no início do lendário período "atlanteano" - a camada de névoa se rompeu e o disco solar pôde ser visto diretamente como uma fonte de luz bem-definida, e a Lua também apareceu no claro céu noturno, apresentando para o homem primitivo o intrigante espetáculo das suas fases periódicas, então o dualismo dos "Luminares" solar e lunar tornou-se a própria base da astrologia nascente, e também de todas as mitologias e cosmologias. Dois tipos fundamentais de atividade cósmica passaram a ser reconhecidos: a atividade solar passou a ser a marca do "espírito" criativo, enquanto a atividade lunar foi relacionada com a geração e a dissolução da "vida" nos corpos terrenos.

O espírito solar é o oposto polar da energia-substância, e os signos do zodíaco referem-se aos doze tipos básicos dentro dos quais essa energia-substância universal e multiforme polariza-se pela atividade solar. Na astrologia, a Lua não lida diretamente com a substância em si - com elétrons, átomos e moléculas - mas sim com a geração de organismos vivos, de espécies, *gêneros* e raças. A "vida" é a força formadora de estruturas orgânicas características, dando a elas a capacidade de se adaptar aos seus respectivos ambientes. Hoje em dia, alguns filósofos chamam essa força de "evolução criativa". Os homens da antiguidade pensavam nela como sendo o grande deus lunar, o *Demiurgo* (Jeová entre os gnósticos), o construtor do universo material de corpos vivos.

É essencial que o astrólogo tenha uma compreensão bem clara dos valores fundamentais demonstrados por essas duas ordens de atividade, solar e lunar. Essa compreensão deveria incluir uma percepção total do processo histórico que levou a humanidade a estabelecer em conseqüência da sua experiência coletiva a base para esse simbolismo celeste. Deveria incluir, também, um estudo psicológico do poder controlado por essas duas grandes "Imagens primordiais" - o Sol e a Lua, como fontes de "luz" e de "vida" - dentro do inconsciente coletivo de todos os homens. Somente apoiada em tal base é que a astrologia pôde realizar sua obra de integração pessoal, capacitando o indivíduo amadurecido a assimilar e a tornar suas as energias verdadeiramente

cósmicas latentes nos atributos humanos comuns ao homem - na natureza *humana*.

O Sol Como "Potencial" de Vida e de Individualidade

Os raios do Sol podem ser causa de morte e também de vida. Eles constituem uma possibilidade de vida, contudo ela não poderá manifestar-se, a menos que esteja intimamente associada a alguns outros fatores. Do mesmo modo, a luz solar é uma potencialidade de visão e de percepção, mas esses raios de luz não poderão ser vistos, a menos que sejam construídas estruturas orgânicas especiais para recebê-los. A atividade solar se espalha indiferente e universalmente pelo espaço. Ela desperta todas as coisas em que toca - desde que haja alguma força capaz de absorvê-la, assimilá-la e diferenciá-la para uma utilização. Portanto, podemos comparar o Sol ao combustível de que uma máquina depende para funcionar; se uma pessoa nasce com o Sol em Touro, isso significa que a "máquina" do corpo e da psique desse homem (sua personalidade total) opera essencialmente por meio do consumo de um tipo de energia biopsicológica (ou "combustível") de Touro.

Com freqüência, o melhor tipo de combustível não conseguirá melhorar a atuação de uma máquina mal construída, defeituosa ou gasta; de fato, normalmente ele tenderá a acelerar o processo de colapso, ou fará a máquina explodir. A gasolina com cem por cento de octana é apenas uma potencialidade de velocidade. Ela só se transformará numa fonte de velocidade real se for construído um motor resistente, com uma alta capacidade de liberação de força.

Do mesmo modo, o lugar do Sol num mapa astrológico não é nenhuma garantia de vida real; simplesmente define um determinado tipo de potencialidade referente a características de vida. E, no nível psicológico-mental ou "espiritual", o Sol apenas diz respeito à capacidade de desenvolver um determinado tipo de personalidade, relacionado com um certo tipo de propósito. A potência desse propósito, conforme impulsiona a personalidade para a realização dele, é o que chamamos de "vontade". O Sol representa o eu, o propósito e a vontade da pessoa - mas só no seu estado latente ou indiferenciado, como "pontencial"

espiritual e energia-substância virgem. A atuação real virá conforme essa substância-energia é capturada e transformada numa simples atividade oscilatória, com fases crescentes e minguantes, ou num tipo ainda mais complexo de operação de grupo. A primeira alternativa se relaciona com a Lua; a segunda, com os ciclos combinados de todos os planetas do sistema solar.

A Lua Como "Construtora" das Estruturas de Vida e Consciência

O que normalmente chamamos de vida é a capacidade existente num organismo de manter e reproduzir suas características estruturais e seus ritmos funcionais. Essa capacidade opera genericamente melhor do que em termos individuais, e principalmente como um fator inconsciente. Em todos os estágios avançados de evolução ela opera através de uma espécie de dualismo polar que pode ser chamado de "sexo", usando-se o termo no seu sentido mais amplo. Na astrologia, esse dualismo polar se expressa de maneira muito significativa pelo simbolismo dos dois Luminares - o Sol e a Lua. O primeiro é o princípio fecundante, vivificante; o último representa o pólo receptivo e gerador, caracterizado por seu caráter mutável, oscilante.

A principal função da Lua é lidar com o elemento *calor* solar e usá-lo em conjunção com o elemento *umidade*. A vida orgânica depende da influência polar recíproca desses dois elementos. A "umidade" das chamadas "regiões sublunares", que envolvem o sólido globo da Terra, captura a força solar na forma de calor e, à medida que o ritmo das marés da Lua opera, essa força é distribuída através da substância da Terra, já preparada; e a necessidade que ela tem de reinos similares é satisfeita através da geração de células e de corpos.

Essa maneira de lidar com a questão da vida na Terra poderá não ser nem um pouco científica, mas é a maneira tradicional do simbolismo astrológico, e muito significativa. Aplica-se no nível psicológico-mental do homem e também no reino puramente biofísico. No nível psicológico-mental, a Lua representa a "umidade" existente na natureza interior do homem, isto é, o fator gerador da *sensação*. É das

estruturas construídas pelas sensações que emerge a consciência da personalidade individual... para melhor ou para pior!

Essa última declaração possivelmente parecerá intrigante às pessoas educadas na crença de que a consciência e a personalidade são de natureza mental. Tal crença, porém, não tem qualquer base no reino da dualidade que é, no sentido rigoroso da expressão, o reino da vida. Nesse reino tudo depende do dualismo polar das atividades solar e lunar. Nele, a "mente" opera como uma força de adaptação à experiência; e ela é, na realidade, uma extensão e um desenvolvimento abstrato da capacidade de sentir - *que é a capacidade de gerar estruturas de consciência*. O ego é a mais básica dessas estruturas - daí a conexão astrológica entre a Lua e o ego, entre a natureza "lunar" e o comportamento "pessoal" do homem. A partir desse ponto de vista, os complexos psicológicos são, do mesmo modo, estruturas lunares de consciência e estão estreitamente relacionados com frustrações e repressões no fluxo do ritmo orgânico dos instintos, em particular dos referentes direta ou indiretamente às funções sexuais.

As sensações são expressões psicológicas dos instintos biológicos que, na verdade, são ondas e remoinhos nas marés das forças lunares que agem sobre a "umidade" existente no corpo e na psique do homem. Na astrologia, essas marés são representadas pelo ciclo de luação e pelas fases da Lua. Essas fases não devem ser entendidas como mudanças na própria Lua, como um globo celeste, mas como *mudanças no relacionamento da Lua com o Sol*.

O que o ciclo de luação mede são os fluxos e refluxos polares de calor solar na "umidade" da Lua, a expansão e a contração das forças geradoras. E essas forças geram (ou constroem) estruturas psicológicas assim como biológicas. Elas determinam tanto o nascimento do ego pessoal (uma estrutura de consciência nascida de sensações individualizadas), quanto determinam o delicado equilíbrio das glândulas endócrinas existentes no corpo - um equilíbrio baseado em padrões definidos (embora cambiantes) do "corpo lunar" do indivíduo (o corpo astral mencionado no ocultismo moderno).

As sensações são as reações do organismo-como-um-todo à experiência humana - tanto interior quanto exterior. E esse organismo-como-um-todo funciona em princípio, e basicamente, através de todos os

fluidos do corpo - sangue, linfa e todas as secreções das glândulas. Foi dito que o corpo do homem em sua maior parte é água do mar. Todas as criaturas vivas nasceram do mar; ele é o imenso reservatório de substâncias primordiais, indiferenciadas, do qual emergiram todos os organismos relativamente separados e todas as estruturas orgânicas. Portanto, ele é o símbolo do inconsciente coletivo, o reservatório onde se originaram todos os fatores e reações comuns do homem, e para o qual eles também retornam como padrões instintivos e memórias submersas. Do mesmo modo, as sensações constituem a maior parte da natureza interior do homem; sendo o elemento "líquido" (umidade ou água) que é mar, lago, rio e poço para o ego e para a consciência individual. O nascimento de culturas, de civilizações e de todas as formas essenciais de intercâmbio humano, de comércio e viagens, depende da presença da água e da sua utilização pela humanidade; do mesmo modo, as reações psicológicas de um indivíduo, as imagens mentais e as estruturas de pensamento nascem das sensações. Elas são transmitidas no seu estado *vital* através das *sensações conscientemente formuladas* (símbolos e palavras capazes de provocar emoções e reações orgânicas em outros homens).

O Sol fornece o impulso vibratório original, o ritmo ou "tom" fecundante. A força solar é transmitida em resposta à *necessidade* da Terra e de todas as substâncias materiais que, como remanescentes desintegrados do passado, anseiam poder experimentar uma vez mais o espírito e a integralidade orgânica. Mas, esses materiais rudimentares não são capazes de receber diretamente a força do Sol, ou a visão e a idéia criativa que emanam da fonte espiritual. Portanto, é tarefa da Lua receber essa força fecundante vinda do Sol, durante a lua nova, e construir, durante o período crescente da luação, instrumentos e órgãos capazes de receber e reter o impulso, a idéia ou o propósito solar. Essa recepção ocorre simbolicamente por ocasião da Lua cheia, quando o disco da Lua reflete em cheio o disco do Sol. Em seguida, conforme vai minguando a luz lunar, essa Lua é absorvida simbolicamente pelas criaturas da Terra; a compreensão da idéia e do propósito solares torna-se parte e propriedade dos homens e das mentes que os recebem por ocasião da Lua cheia. Os homens assimilam-nas como conceitos e pensamentos e extraem deles um significado; esse significado passa a ser formulado através de palavras e símbolos que servem para construir a

estrutura consciente da civilização humana - ou, na vida do indivíduo amadurecido e espiritualmente desenvolvido, a urdidura e a trama do seu "corpo espiritual" imortal, vitorioso sobre a desintegração física e sobre a morte.

O Horizonte e os "Luminares"

A necessidade da Terra e de todos os seus habitantes é o fator fundamental que dá sentido e finalidade ao relacionamento mútuo cíclico das forças solar e lunar. A Lua é a serva da Terra, no sentido de que ela fornece às suas criaturas as estruturas orgânicas (biológicas e psicológicas) de que necessitam para poder assimilar a luz do Sol. E o próprio Sol, visto em relação ao zodíaco (isto é, às revoluções orbitais terrestres), com significação em termos da força, a que libera em benefício da Terra.

Portanto, a Terra é a base da atividade soli-lunar; nos mapas de nascimento de indivíduos, essa base aparece como linha do horizonte, unindo o Ascendente (Leste) e o Descendente (Oeste). Assim, as posições do Sol e da Lua, em relação ao horizonte, são de importância essencial, especialmente em todas as questões relacionadas com a vida e com a fundamental capacidade do homem de experimentar e sentir como entidade orgânica. Por seu turno, essa capacidade se manifesta como a habilidade que um ser humano individualizado demonstra em sentir a felicidade e de irradiar o que hoje em dia é chamado de "personalidade".

São possíveis quatro combinações essenciais de horizonte, Sol e Lua.

1. Sol acima e Lua abaixo do horizonte: O horizonte é o "eixo de consciência" que separa do mundo objetivo, de existência social e coletiva (o céu acima), o reino subjetivo do ser individual (a terra sólida). Conseqüentemente, nessa primeira combinação soli-lunar, a vida do ser humano transcorre *principalmente* através de estruturas interiores e individualizadas (a Lua), reveladoras de um propósito coletivo, social ou racial (o Sol). Durante sua vida, e especialmente em momentos de crise, a pessoa tende a dar uma forma individual a um propósito sócio-racial

ou a uma idéia coletiva. Exemplos: Napoleão I, Nietzsche, Walt Whitman, Einstein, Henry Ford.

2. *O Sol abaixo e a Lua acima do horizonte*: Nesse caso, a vida se desenrola principalmente para dar expressão social e coletiva a um propósito ou desejo individualista. Aqui, como no primeiro caso, é mostrado um dualismo de consciência definido. Isso poderá indicar uma vida equilibrada, na qual os reinos de existência interior e exterior cooperam ritmicamente; mas também poderá indicar um conflito psicológico básico entre as forças "solar" e "lunar"; entre o propósito espiritual e o desejo pessoal. Exemplos: F. D. Roosevelt, Conde Hermann Keyserling, Wendell Wilkie, George Bernard Shaw, Luther Burbank.

3. *Sol e Lua acima do horizonte*: O foco principal da vida está no mundo exterior. Assim, o propósito essencial e as tendências biopsicológicas características do indivíduo são polarizados por ideais raciais, culturais e sociais ou por valores coletivamente espirituais. Exemplos: Washington, Gandhi, Mussolini, Karl Marx, Czar Nicolau II, Richard Wagner.

4. *Sol e Lua abaixo do horizonte*: Nesse caso, a vida flui a partir de um centro interior subjetivo, principalmente para satisfazer a vontade e o propósito da personalidade, por meio de estruturas de comportamento, pensamento e sentimentos predominantemente individualistas. Isto poderá levar à introversão e ao egocentrismo, ou à originalidade criativa. Exemplos: Cromwell, Robespierre, Chopin, Liszt, Papa Pio XII, Lênin, Stálin.

Outra maneira de chegarmos a uma interpretação das posições do Sol e da Lua com referência ao horizonte é o estudo da "Parte da Fortuna" como indicador da capacidade do indivíduo de ser feliz e de se relacionar com facilidade e, conseqüentemente, de alcançar o sucesso social. A posição da Roda da Fortuna nas casas do mapa depende da fase da Lua, portanto, do relacionamento angular dela com o Sol. Ela está abaixo do horizonte durante o período crescente da luação; e acima, quando diminui em luz. *

* Para um estudo pormenorizado do relacionamento cíclico da Lua com o Sol, e da Roda da Fortuna, leia meu livro *O ciclo de luação*, Ed. Pensamento, 1985.

SEXTO PASSO

O Estudo do Sistema Planetário Como um Todo

Os Planetas e o Sol

Na astrologia moderna tornou-se um hábito agrupar sob o nome de "planetas" todos os corpos celestes móveis, pertencentes ao nosso sistema solar, inclusive o próprio Sol e a Lua. Essa prática deriva em grande parte do uso das efemérides, nas quais as posições do Sol, da Lua e dos planetas são colocadas lado a lado e têm obviamente um certo grau de justificação. Todavia, os astrólogos da antiguidade agiram de fato com sabedoria ao estabelecer uma distinção muito clara entre os dois Luminares (Sol e Lua) e os planetas propriamente ditos. Eu repito que os Luminares se referem ao próprio reino da vida - um reino de dualidade e de ação recíproca polar entre dois tipos básicos de forças ou fatores (solar e lunar); um reino que revela os fundamentos do próprio processo vital e o significado ou propósito desse processo universal. O Sol representa o propósito espiritual que chama para a existência cada organismo vivo e é o impulso original (ou liberação de *potencial* de vida) de onde nascem todas as energias que animarão esse organismo; ao passo que a Lua simboliza as forças de evolução que, sucessivamente, geram, iluminam e desintegram a forma genérica e racial do organismo, construindo e destruindo células e órgãos por meio dos quais o potencial solar pode se concretizar na forma de uma atividade biopsicológica. Esses fatores solar e lunar estão dirigidos para atender as *necessidades* das substâncias terrenas que, por efeito da atividade deles, mais uma vez podem experimentar a vida e o estado de integralidade orgânica ou de integração espiritual.

Portanto, em primeiro lugar, estamos lidando com três fatores inseparáveis - Sol, Lua e Terra (tornando-se esta última a linha do horizonte nos mapas de nascimento individuais). Eles constituem a "realidade" - o seu todo - no nível da vida pura e simples. Nada precisa ser essencialmente somado a eles. O Sol é "propósito"; a Lua, "vida". O relacionamento periódico do Sol e da Lua (o ciclo de luação) revela o "propósito da vida" (o valor solar da atividade da Lua) e, também, o caráter especial ou individual da vontade de viver (a expressão lunar do propósito do Sol). Essa vontade de viver (a essência de toda atividade biopsicológica) é, por um lado, *a potência do propósito* e, por outro, as *sensações e reações ante* as forças da vida, das quais emergem a consciência e a personalidade. De fato, esse reino de vida é, *per se*, em todos os seus aspectos, o reino da dualidade. É o mundo da polaridade, do sexo, da "personalidade" (a irradiação ou o torpor da vida biopsicológica), da felicidade - e do drama nascido dos conflitos.

Contudo, há um outro reino do desenvolvimento humano; um que já não é mais governado pela dualidade, mas sim pelo princípio da *múltipla integração funcional*. É o reino onde o sistema solar opera como um todo, condicionando a cada instante - através da sua estrutura interplanetária - a *qualidade tonal* da sua liberação de potencial de vida e de propósito. Essa liberação solar fecunda a esfera lunar e desperta nela as energias evolucionárias que realmente constroem o corpo (e mais tarde as estruturas psicológicas) do ser humano. Porém, quando esses construtores lunares desenvolvem as células e os órgãos do futuro homem, eles seguem *inconscientemente* o padrão latente na liberação solar, ou "tom". Fazem isso da mesma maneira (ainda muito misteriosa para nós) como a bolota se transforma no carvalho, fazendo com que surjam as raízes, o tronco, as folhas, as flores e as estruturas que, de algum modo, a semente continha na forma de *potencial de vida*.

Esse potencial de vida - esse padrão-semente - é projetado pelo espírito criativo ou dele se emana (na astrologia, o Sol), *mas é determinado ou condicionado* pelo estado do sistema solar como um todo - portanto, pelos relacionamentos complexos dos planetas entre si e com o Sol. Provavelmente, é uma ingenuidade pensar que um planeta, individual e separadamente, influencie um organismo situado na superfície da Terra, enviando até ele algum tipo misterioso de "raio"...

O que "influencia" a formação, a geração e o desenvolvimento das criaturas da Terra é *o estado total do sistema solar* durante cada fase do processo vital - e especialmente quando o ser humano alcança, por meio da primeira respiração, uma condição de vida independente. Esse "estado total do sistema solar" age de maneira direta *somente através do Sol*, fonte de todos os processos de vida. Mas o que é liberado por ele recebe uma forma arquetípica, ou uma "qualidade tonal", que é dada pelo sistema solar como um todo - portanto, pela assembléia de planetas. Poderíamos dizer que os planetas constituem (aproximadamente) o Poder Legislativo, enquanto o Sol é o Executivo e, assim, nesse caso, teríamos de pensar na Lua como sendo os muitos órgãos governamentais e secretarias administrativas, que trazem as leis e as decisões executivas para o nível da aplicação prática real e da gerência concreta.

As liberações solares podem ser comparadas a sons instrumentais, cada um deles representando um agrupamento complexo de vibrações ou "tonalidades" secundárias. A *estrutura interior* desses sons (que lhes dá o ritmo, a qualidade e o caráter individual) é simbolizada, na astrologia, pela estrutura planetária do mapa de nascimento. O Sol representa o propósito de uma vida, mas todo propósito verdadeiro é condicionado por um plano de operação. O propósito determina o plano; embora esteja também condicionado à existência de uma real possibilidade de criar um plano viável para realizá-lo - do mesmo modo como os sons musicais estão condicionados às limitações dos instrumentos. Os planetas, considerados como grupo, constituem o plano viável e também as forças que superintendem o seu funcionamento.

Como Determinar o Significado dos Planetas

Quando interrogados a respeito de como os vários planetas vieram a receber o significado e as características a eles atribuídas na astrologia, a maioria dos astrólogos provavelmente dirá que essas características planetárias resultam de séculos e milênios de observação, por meio da qual conexões entre posições planetárias, eventos e características pessoais foram testadas e estabelecidas pela evidência repetida. A astrologia, porém, só pode apresentar alegações muito incertas - tanto histórica quanto filosoficamente - para o status de uma "ciência" conforme

esse termo é entendido hoje em dia. De fato, no vasto campo da sabedoria e do conhecimento humano, ela ocupa uma posição muito mais importante do que a de uma ciência empírica, imatura e longe de ser exata. Defini a astrologia como uma técnica de conhecimento humano e disse que seu método essencial é partir *do todo para as partes*; desse modo, por exemplo, do caminho anual completo do Sol para os doze signos zodiacais componentes: do espaço que cerca o recém-nascido para as doze casas que são divisões especializadas desse espaço. Do mesmo modo, quando chegamos à análise do significado individual dos planetas na astrologia, devemos seguir o mesmo método e considerar, antes de mais nada, o sistema solar como um todo, como um organismo cósmico, onde cada planeta (e planetóide, se houver necessidade) ocupa um determinado lugar e tem determinada função.

Assim como Áries e Gêmeos apresentam certas características essenciais, porque são respectivamente o primeiro e o terceiro signos seguintes ao equinócio da primavera (o início do "zodiaco natural"), assim também o significado de cada planeta - *para nós, seres humanos* - origina-se do lugar que ele ocupa dentro da estrutura total do sistema solar, *conforme visto e compreendido pelos homens*. Esse significado é determinado pela ordem dos planetas nas duas séries planetárias que se estendem da Terra para o Sol e da Terra para o espaço exterior da galáxia. Assim, a importância astrológica de Vênus é uma consequência do fato de que ele é o primeiro planeta na série que vai em direção ao Sol; enquanto Marte, sendo o primeiro planeta na sequência planetária que vai em direção aos espaços galácticos foi, por isso mesmo, contemplado com um poder oposto e complementar. Depois de Vênus, na direção do Sol, está Mercúrio. Esse fato serve para estabelecer as características fundamentais de Mercúrio; ao passo que o cinturão de asteróides que separa Marte de Júpiter e de Saturno estabelece uma distinção básica entre ele e os dois gigantes do sistema solar.

O tamanho do planeta, as peculiaridades dos seus movimentos, o número e as peculiaridades dos movimentos dos seus satélites também fornecem grande ajuda para a nossa compreensão da "função" do planeta dentro do sistema solar - conforme *nós* a experimentamos. Os significados essenciais e os atributos característicos de todos os planetas (mesmo os descobertos muito recentemente) derivam de todos esses

dados e são obtidos por meio de um processo dedutivo, que é uma expressão da capacidade de "conhecimento funcional", que eu já descrevi como sendo a mais notável manifestação de sabedoria astrológica.

Os planetas podem ser comparados às forças criadoras de modelos, que imprimem suas decisões de grupo sobre os tipos básicos de energia que fluem constantemente do Sol. Deixem-me repetir que os próprios planetas não liberam energia, mas agem no simbolismo astrológico como se ativassem, acentuassem ou atenuassem as forças de vida com que têm "afinidade". Marte, por exemplo, não "gera" o que os seres humanos experimentam como desejo, iniciativa ou agressividade. Esse tipo de poder vem do Sol juntamente com outros tipos de poder; mas, porque Marte é o planeta situado logo após a órbita terrestre e fora dela, é investido das características de iniciativa e de desejo impulsivo *no que concerne às criaturas da Terra*.

Da mesma forma, para todos os organismos existentes na Terra, Saturno é a expressão simbólica da força de contração e limitação, porque ele sucede o expansivo Júpiter na série planetária - Júpiter, que toma a impulsividade bruta de Marte e a amadurece dentro da matriz do relacionamento social e da responsabilidade em grupo. Todavia, Marte, Júpiter, Saturno ou qualquer outro planeta não geram o poder de vida. Simplesmente agem como "transformadores" da complexa energia solar, separando, por assim dizer, os vários filamentos básicos dessa energia e dando a cada um o caráter e a intensidade especial que deve ter, em conformidade com um plano ou padrão geral - de fato, o próprio padrão revelado pelo agrupamento no céu dos próprios planetas no momento do nascimento.

A ação dos planetas talvez possa ser simbolicamente mais bem ilustrada pela ação do prisma que separa as diferentes cores contidas na luz solar e as espalha no espaço de acordo com um padrão definido (o espectro da luz solar). As órbitas quase concêntricas dos planetas agiriam como uma rede de difração (um instrumento que pode tomar o lugar de um prisma na física) que dispersa ou diferencia a luz solar, decompondo-a em seus elementos energéticos. Desse modo, cada planeta corresponderia a uma certa cor do espectro, em conformidade com seu lugar na "rede" do sistema solar. Ao que parece, todavia, não podemos usar essa analogia para relacionar cada planeta a uma

determinada cor, visto que a sequência planetária não segue a escala das cores.

Pelo fato de tal interpretação da função dos planetas na astrologia ser bastante abstrata, o astrólogo tem sido mais ou menos obrigado a falar em termos semimitológicos e a fazer de cada planeta uma entidade com poder de "influenciar" as mentes humanas e os organismos terrenos - na verdade, uma espécie de Deus. Contudo, chegou a hora de todas as pessoas racionais, interessadas na astrologia, pedirem uma interpretação que considere os planetas não como Forças isoladas, que determinam boa sorte ou tragédia para os homens, mas como um grupo de fatores - uma instrumentação coletiva - que toma o complexo, porém latente, poder da luz do Sol que diferencia e espalha na forma de raios coloridos, com cada um deles desempenhando uma função particular no corpo e na psique dos seres humanos. Os planetas não são os "raios", mas os *indicadores do processo*, diferenciador da luz solar em "raios" ou modos de força orgânica em atividade.

Classificações Planetárias

Esse processo de diferenciação, portanto, de focalização sobre as várias partes do organismo vivo (produzido pela força geradora da Lua) pode ser dividido em várias fases. O caráter dessas fases é revelado simbolicamente através das diversas maneiras como os planetas podem ser dispostos em pares ou unidos em grupos. E é só quando se compreende plenamente os vários tipos de relacionamento interplanetário que o significado astrológico de cada um e de todos os planetas se torna uma *realidade viva* na consciência do astrólogo.

Num tipo de relacionamento interplanetário, dispõem-se os planetas aos pares por suas posições nas duas séries que, partindo da Terra, caminham em direções opostas: portanto, Marte e Vênus, Júpiter e Mercúrio e mais o Sol exterior (que nesse caso poderia ser simbolizado por um planeta intramercúrial: Vulcano). Essa união aos pares é muito significativa - porém menos na forma popular, na qual Marte representa o pólo de sexualidade masculino e Vênus o feminino, do que no sentido mais profundo do equilíbrio universal entre as forças *centrífuga* (Marte, como cabeça da série exterior de planetas) e

centrípeta (Vênus, como cabeça da série interior, dirigida ao Sol). De fato, o significado da polarização Marte-Vênus é o significado de "para fora" e "para dentro"; essas duas direções de crescimento ou desenvolvimento são encontradas onde quer que haja vida e consciência.

O primeiro fato a ser considerado no estudo dos planetas é o de haver uma específica polarização dupla do potencial básico solar; Marte e Vênus são as expressões mais elementares e pessoais desse fato. Representam a percepção da dualidade mais intimamente conhecida por um ser humano. Tal percepção, todavia, não chega a um ser humano em consequência de sucessivas mudanças de uma polaridade para outra. Não se trata da percepção disto e em seguida daquilo, mas sim disto e daquilo - ambos ao mesmo tempo. No reino da geração lunar há uma alternância de polaridade: um tipo de atividade segue o outro periodicamente. Mas, quando lidamos com o reino dos planetas, ocupamo-nos com modos de atividades *simultâneos*. O mundo lunar é o mundo da continuidade, da dualidade experimentada em fases sucessivas. O mundo planetário é o reino da "múltipla integração funcional"; os planetas operam durante todo o tempo, muito embora a intensidade *relativa* das atividades deles seja constantemente modificada (sendo isso mostrado, na astrologia, por suas "dignidades", isto é, por suas posições nos signos zodiacais e nas casas).

Essa diferença entre os reinos lunar e planetário é de importância capital. Onde a sucessão *de mudanças* no processo da vida é o fato básico, a consciência está sujeita ao tempo. Mas, onde a *simultaneidade* de expresso existe - onde um fator cresce ao mesmo tempo que outro diminui e todos os fatores se equilibram e se interpenetram mutuamente, de mil maneiras - então, a consciência é capaz de se perpetuar e de estabelecer seu próprio veículo permanente de expressão. Em tal veículo, a personalidade individual de um homem ou de um grupo de homens é conservada, mantida e reproduzida.

Quando um grupo de homens é envolvido, esse veículo de expressão é uma "cultura" e também o resultado das criações inspiradas pela reação típica do grupo às experiências da vida. No caso de um indivíduo isolado, a personalidade dessa pessoa pode ser imortalizada dentro do "corpo espiritual", que pode ser considerado uma teia planetária de energias solares estabelecida no nível da mente dinâmico-criativa, de

que falam místicos e ocultistas. Nesse nível de existência planetária pura, livre das mudanças das marés do mundo lunar, o espírito solar se expressa através de uma organização ajustada de forças planetárias criativas - através da "fraternidade universal" dos planetas.

Compreender essas coisas significa realmente muito para o astrólogo que está tentando interpretar o mapa de nascimento de um indivíduo. Grande parte da confusão encontrada em inúmeras análises astrológicas deve-se à incapacidade do astrólogo para separar, em sua própria mente, a esfera de ação da vida (o reino de atividade soli-lunar) da esfera de individualidade essencial ou identidade do homem (o reino dos planetas). Obviamente, essas duas esferas agem uma sobre a outra e reagem uma à outra; elas quase se interpenetram em todos os pontos. Contudo, elas se referem a dois tipos de processos basicamente diferentes que ocorrem dentro da pessoa. Integrá-las talvez seja a tarefa mais importante de um indivíduo que está procurando demonstrar verdadeira maturidade e personalidade integral.

A distinção entre as séries de planetas dirigidas para dentro e para fora, com a Terra como ponto de partida, estabelece uma polarização reconhecida na astrologia ptolomaica tradicional. Diz-se que Marte é ativo ou masculino; Vênus, receptivo ou feminino. Júpiter encontra em Mercúrio o seu pólo negativo. E esse princípio de polarização está expresso na "regência" dos planetas sobre os signos zodiacais, conforme veremos num capítulo subsequente.

Outro modo de juntar os planetas aos pares é reunir os que apresentam funções complementares um do outro numa maneira um tanto diferente. Os pares são constituídos de dois planetas sucessivos na série que se origina no Sol e se dirige para fora: portanto, Mercúrio e Vênus, Terra e Marte, Júpiter e Saturno, Urano e Netuno, Plutão e "X" (Prosérpina?): Essa formação aos pares, em particular, tem valor para um tipo de astrologia heliocêntrica (que tem o Sol como centro), no qual a inteligência humana procura compreender o universo de uma maneira completamente objetiva e "desligada"; mas também se aplica ao tipo de astrologia mais familiar e tradicional (geocêntrica, ou que tem a Terra como centro). A união dois a dois tem significação em termos do *trabalho* que os planetas, simbolicamente falando, realizam. Nos termos

de uma operação real, Mercúrio e Vênus são tão inseparáveis quanto a eletricidade e o magnetismo; do mesmo modo, Júpiter e Saturno constituem os dois pólos de toda a atividade social; e Urano e Netuno são os planetas encontrados em todos os processos de metamorfose (orgânica e psicológica). Marte e Terra se relacionam da mesma forma que se relacionam movimento e massa.

Ainda outra classificação dos planetas divide-os em planetas dispostos acima de Saturno, incluindo-o, e em planetas trans-saturninos. A primeira categoria inclui todos os planetas que, sendo visíveis a olho nu, representam a experiência comum, genérica e biosensorial. Eles podem ser chamados de "planetas da vida orgânica" ou "planetas do consciente" (veja meu livro, *The Astrology of Personality* (A Astrologia da Personalidade)). A segunda categoria refere-se aos planetas descobertos por meio de telescópios, cálculos matemáticos ou investigação fotográfica - isto é, através de vários produtos da atividade intelectual abstrata e da perícia técnica. Esses planetas remotos (Urano, Netuno, Plutão, etc.) são, portanto, "planetas de atividade transcendente" - planetas que simbolizam funções cujo propósito evolucionário é tornar um indivíduo mais notável do que ele normalmente é, como entidade biológica condicionada pela Terra. Essas funções agem através de canais quase sempre inconscientes, através de visitas espetaculares e extremamente transformadoras. Agem de maneira construtiva e *também* destrutiva - rasgando violentamente ou dissolvendo o conhecido, a fim de conduzir os homens para o desconhecido.

Esse tipo de classificação provavelmente é o mais básico, por se fundamentar no fato de que cada todo é parte de um todo ainda maior. Por essa razão, duas forças estão operando dentro de cada todo e afetando suas partes componentes; uma delas é a atração gravitacional do seu centro - a outra é a atração em direção ao "todo maior", isto é, em direção ao Desconhecido, ao Transcendente. Portanto, o Sol e a Galáxia são os dois pólos opostos da atividade planetária. Um grupo de planetas - *composto pelo que chamamos de "planetas da vida orgânica"* - é polarizado pelo Sol. O outro grupo - o dos "*planetas de atividade transcendente*"; que estão além da órbita de Saturno - serve para ligar o mundo solar ao reino cósmico (e, para *nós*, transcendente) das

"Estrelas Fixas". Eles constituem o "caminho" entre a ordem de vida *natural* e o estado de emanção criativa que associamos às estrelas que irradiam luz; esse caminho é em muito casos, um campo de batalha.

1. PLANETAS DE VIDA ORGÂNICA

Esses planetas podem ser divididos em três pares, cada um deles com características muito distintas. Mercúrio e Vênus são encontrados dentro da órbita da Terra e não têm satélites. Terra e Marte têm, respectivamente, um e dois satélites. Júpiter e Saturno, que são de tamanho gigantesco, são acompanhados por um grande número de satélites. Do ponto de vista geocêntrico, Mercúrio e Vênus referem-se ao "ser interior" do homem. Marte libera o que já atingiu um estado de materialidade e concretização na Terra, através do poder gerador da Lua. Júpiter e Saturno lidam com o estabelecimento de um "quadro de referência" muito maior, no qual as entidades separadas, nascidas na Terra, encontram seu lugar e sua função e podem, desse modo, dar um significado consciente a sua existência.

Esses seis "planetas solares" constituem um grupo orgânico, um todo estrutural, operando incessantemente através dele a maré de atividade solar. O que os astrólogos não perceberam é que essa maré solar *tem fluxo e refluxo*. A circulação de irradiação solar que existe dentro desse sistema de planetas pode ser comparada à circulação do sangue. O sangue deixa o coração através das artérias, retornando pelo caminho das veias depois de ter vivificado a atividade característica de cada órgão. Talvez haja, ou talvez não haja, alguma coisa semelhante às veias e artérias no sistema solar, mas a circulação das irradiações solares está, sem dúvida, relacionada com o ciclo de 11 anos das manchas solares. Pode-se dizer que cada planeta tocado por elas tem um tipo "arterial" e um tipo "venoso" de atividade e função. As características dessas funções derivam, natural e logicamente, do *lugar* ocupado por cada planeta na seqüência "arterial" (Mercúrio, Vênus, Terra, Marte, Júpiter, Saturno) e na seqüência inversa, "venosa" (Saturno, Júpiter, Marte, Terra, Vênus, Mercúrio).

A maré solar "arterial", ou dirigida para fora, refere-se ao processo de *involação*; a maré "venosa", ou dirigida para dentro, refere-se

ao processo de *evolução*. Um processo *involutivo* pode ser ilustrado pela observação de como a inspiração de um compositor (ou o anseio emocional de criar música) toma forma como um tema musical com alguma tonalidade definida, transformando-se, mais tarde, num desenvolvimento harmônico e polifônico complexo e, finalmente, numa sinfonia de sons reais executada para satisfazer uma audiência real. A *evolução* lida com o crescimento e a multiplicação de uma entidade orgânica e, no homem, com o desenvolvimento da consciência, dos valores e dos esforços criativos.

A Maré Solar Dirigida Para Fora

Começamos com uma liberação de atividade solar que, no princípio, é um "potencial" homogêneo e indiferenciado do ser. A função dos planetas é diferenciar e espalhar esse potencial solar, transformando-o em vários tipos de forças básicas.

Mercúrio produz a primeira diferenciação e o resultado é a *eletricidade* - entretanto, não a do tipo que se manifesta como o relâmpago, mas sim a eletricidade que se descobriu ser a substância de todos os processos orgânicos e celulares, conforme tem sido demonstrado por cientistas tais como o Dr. Crile. O caminho de Mercúrio no céu, conforme visto da Terra, constitui um tipo de movimento em vaivém, cujos pontos altos são as suas conjunções "inferiores" e "superiores" com o Sol. Esse movimento simboliza muito bem o processo de indução de impulsos elétricos numa corrente alternada.

A eletricidade não opera sozinha. Hoje em dia, a ciência chegou à conclusão de que todo organismo vivo, no nível das forças operativas, é um "campo eletromagnético" - ou como diria um ocultista, uma "matriz astral", um "teia de forças". Mercúrio fornece a eletricidade; Vênus é o símbolo de todos os processos magnéticos. Uma corrente elétrica enviada através de uma espiral de arame (o cobre é o metal de Vênus) induz o magnetismo e cria um campo eletromagnético. Esse campo é uma zona de influência dentro da qual as partículas de muitas substâncias são compelidas a assumirem padrões definidos ao longo das "linhas de força" do campo que, não fosse isso, seriam invisíveis.

Recebendo energia solar depois dela ter sido transformada por Mercúrio numa corrente elétrica, Vênus produz um campo magnético que libera o poder formativo latente dos fluxos solares. A forma arquetípica (ou "forma semente") do organismo é produzida dentro do campo venusiano (um tipo de matriz dinâmica que não deve ser confundida com o útero lunar). Portanto, Vênus é o poder controlador que dirige a formação de todas as sementes. Ele estabelece o modelo do carvalho em cada bolota, o "modelo do homem" em cada óvulo humano fecundado - e, num nível mais elevado, a "Forma Divina" (*o Augoeides* dos místicos platônicos) dentro de cada alma humana "impregnada" pelo espírito.

Com Marte, atingimos o reino da atividade orgânica dirigida para fora. A maré solar age agora a partir de um corpo orgânico (e, no nível psicamental, a partir de uma consciência egocêntrica) e também a partir de uma nova base de operações; e a natureza sólida, densa, inflexível, dessa base terrena é tal que a existência da fonte solar passa a ser esquecida, e o corpo e o ego agem como *substitutos* do espírito solar criativo, a impulsividade marciana passa a ocupar o lugar do primordial "desejo" solar de manifestação. Mas, enquanto este último sempre opera em resposta a uma necessidade externa e com a finalidade de restabelecer a perfeição e a harmonia cósmica, os desejos de Marte normalmente são os anseios de "auto-expressão" do organismo terreno (ou ego), ou de libertação de uma insuportável pressão interior, sem considerar quais poderiam ser as conseqüências para os afetados por essa liberação. Marte, portanto, controla todos os mecanismos de liberação física e psicológica - os músculos do corpo e a vontade pessoal.

Depois de Marte, a maré solar fluindo para o exterior encontra o reino dos asteróides e em seguida Júpiter. Sendo a ação dirigida para fora, de um centro estabelecido na Terra, Marte representa a conquista do espaço. Todavia, o espaço não está vazio. No melhor dos casos, está cheio de remanescentes de mundos desintegrados (os asteróides) - remanescentes que o conquistador marciano pode subjugar - ou, então, contém um exército de entidades que poderão efetivamente ameaçar sua marcha para frente. No primeiro caso, deve ser encontrado um modo de *assimilar* os remanescentes encontrados do passado; no segundo, deve ser encontrada uma maneira de estabelecer algum tipo de

cooperação com os que se opõem à marcha do progresso. Essas duas alternativas representam as funções básicas de Júpiter, em relação à maré centrífuga da atividade solar. No corpo, Júpiter refere-se a todos os processos de assimilação dos alimentos (fígado, pâncreas, duodeno, etc.). No nível da vida humana coletiva, Júpiter expande a esfera da atividade pessoal do indivíduo, relacionando-a com as esferas de esforços dos outros homens. O relacionamento conduz a uma "percepção" da cooperação de grupo, a um aumento de força, portanto, a uma sensação de sucesso e de vida muito maior. Em consequência, nasce a vida social e também a compreensão de que se pertence a um todo maior e de que se pode usar a força dele, quando houver necessidade.

O próximo passo é fazer com que tal senso de existência em comunidade e de intensificação pessoal se torne *mais permanente* por meio do relacionamento de grupo. Essa é a tarefa de Saturno. Saturno constrói todos os tipos concebíveis de estruturas sociais ou de grupo - isto é, qualquer estrutura que defina o "lugar" que um indivíduo ocupa num grupo. No nível mental, Saturno se manifesta como o poder de raciocínio, rigoroso, lógico e assegurador da assertiva de que qualquer idéia ou afirmação tem de anteceder ou suceder outras idéias ou afirmações.

Saturno faz com que o lugar do indivíduo no todo maior seja não somente bem-definido, mas também indisputável e seguro. Ele dá a todo homem a garantia de que ele continuará sendo o que é; e, na realidade, isso significa que conservará seu lugar, suas características básicas e sua posição contra a pressão de mudança, especialmente contra a intrusão de indivíduos mais poderosos do que ele, como uma pessoa isolada. Saturno lhe dá a garantia de que não é, de fato, uma pessoa separada, solitária. O poder da comunidade inteira - com suas leis e sua força policial - está atrás dele... desde que ele se mantenha no seu lugar. No nível orgânico, Saturno representa o esqueleto, pois a função do esqueleto é manter cada órgão no seu lugar, em relação à "lei" do organismo humano.

Com Saturno, chegamos ao oposto polar do Sol. O Sol é uma fonte inesgotável de constante derramamento de luz e potencial de vida. pura criatividade. Saturno é exatamente o oposto; coloca cada tipo de atividade diferenciada num lugar definido, que não pode ser

modificado. É pura estabilidade - negativamente, é rigidez absoluta. Não obstante, Saturno cumpre o propósito do Sol; pois cada liberação, se considerada como fonte individual de processos vitais, tem como alvo a satisfação da necessidade de integração de um certo tipo de partículas materiais (ou de caóticos remanescentes psíquicos). A verdadeira integração não requer apenas um arquétipo venusiano, que define o modelo solar de integração orgânica, e um organismo concreto gerado dentro do útero lunar; ela também exige que o organismo seja capaz de expressar sua individualidade integrada (ou ser natural), pois somente através da "expressão" é que o homem pode ter *percepção* de si mesmo, em consequência do antagonismo ou da cooperação de grupo.

Essa percepção aumenta quando o indivíduo passa a ter conhecimento do seu lugar no todo social maior. Conhecendo seu lugar e sua função nesse todo, ele também percebe o conhecimento que os outros têm a seu próprio respeito. "Consciência" significa literalmente "conhecer em conjunto." Só pode haver consciência para o homem quando ele sabe de que modo os outros homens - seus pares, seus superiores e até mesmo seus inferiores - o conhecem. A consciência é o resultado da percepção partilhada, da percepção do eu reagindo à percepção dos outros e perscrutando-a. Saturno define a base da consciência (e também da personalidade individual) *colocando-a dentro de um quadro de referência estável*. Saturno só se torna negativo e só é um obstáculo para o desenvolvimento humano, quando a necessidade de estabilidade se transforma numa ânsia de estabilidade a todo custo. Então, o quadro de referência saturnino se transforma numa prisão; o raciocínio claro e lógico se transforma em dogma; a personalidade passa a ser uma concha; o ego, um tirano.

A Maré Dirigida Para Dentro

A consciência se eleva da base saturnina e se alonga de volta para Sol. Esta é a maré vazante da vida. O organismo e o ego vivos, agora fundamentados numa estabilidade estrutural, experimentam o desenvolvimento dos seus poderes. Experimentam o crescimento orgânico.

Se o homem tem consciência do seu lugar próprio e permanente e da sua função no seu grupo, na sua nação, na sua raça - e, finalmente,

na humanidade como um todo orgânico permanente - e sente a estabilidade de tal fato além de qualquer dúvida, significa que ele compreendeu que é um ser individual. Quanto mais notável essa posição, mais agudo é o senso de individualidade pessoal. Como "ego pessoal" o homem ainda é inseguro e efêmero. Como gênio, cuja fama permanece através dos séculos, o indivíduo adquire imortalidade social - adquire, portanto, uma permanência coletiva. Como "identidade espiritual", cuja consciência perdura além da morte, o indivíduo atinge a meta da imortalidade cíclica, conservando seu lugar durante todo um ciclo de desenvolvimento da humanidade. A cada passo, o homem diz "Eu"; a cada passo, porém, isso que ele diz significa cada vez mais e mais. Significa maior integração e realização mais completa do propósito solar original.

Conhecer a própria individualidade não é o bastante. Esse conhecimento será inútil se não for animado pelo sentimento de participação constante na vida da comunidade a que pertence e, eventualmente, na vida da humanidade ou do universo. Será um conhecimento inexpressivo se os outros membros do grupo não reagirem cordialmente a essa participação. E, aqui, entra Júpiter, transfigurando o ego em alma, a cooperação social em comunhão religiosa e a personalidade individual na experiência mística de unidade, que os homens chamam de Deus. A consciência do "Eu" saturnino torna-se cada vez mais *abrangente e significativa*; e Júpiter derrama na maré de força solar que retorna o fermento da compaixão e da compreensão. Quanto maior a abrangência da unidade, mais a vida do todo procura se manifestar através da ação da unidade. O indivíduo se torna um homem representativo, investido de "autoridade".

Tendo como base o grau, qualquer que seja, de abrangência jupiteriana no qual o indivíduo opera conscientemente, Marte age então como um impulso em direção ao espírito solar. Nesse sentido, Marte é o poder de devoção e de auto-sacrifício - e, negativamente, de fanatismo. Ele é a fé; e a fé sempre se baseia num senso de certeza interior (Saturno) e num sentimento de participação com os outros ou com o universo (Júpiter).

No reino da Terra, a "fé" leva às "obras". Na astrologia geocêntrica, a Terra não é considerada um planeta; mas, no seu lugar, a Lua -

especialmente quando cheia, *fora* da órbita da Terra - recolhe da substância dos planetas exteriores esforços secretos e *cria* com eles "organismos de consciência". Ela é, então, a Musa, a mulher inspiradora, a serva dos deuses. Ela traz, para a consciência do homem, Imagens de atividade espiritual - e, quando realiza essa tarefa, é *a anima* da psicologia junguiana. De fato, ela reflete até mesmo aquilo que acontece além dos limites de Saturno.

A maré vazante solar então chega ao reino de Vênus; nesse reino tudo floresce. É o reino da beleza e do amor conscientes, porque é, acima de tudo, o reino do *valor*. A cultura e a arte nascem desse senso de "valor" - e, também, a moralidade e a mais elevada qualidade de participação, que ilumina o retorno da consciência para a sua fonte solar. Vênus também é "magnetismo", mas, em termos de consciência, isso significa "amor" - e o verdadeiro amor é o sentimento que emerge da participação do indivíduo em objetivos valiosos, nos ideais e nas imagens culturais de grupo. Tal participação estabelece os padrões *comunitários* polarizadores dos padrões orgânicos que Vênus tinha construído no nível correspondente da maré de atividade solar dirigida para fora.

Mercúrio generaliza os valores a que Vênus dá forma através de conceitos e abstrações. Mercúrio é a memória, é a faculdade de associação mental. É o celeiro onde cada fator da vida, no seu estado de semente, recebe um significado claro, que pode ser expresso. O que era estrutura (Saturno), sentimento de participação (Júpiter), fé (Marte) e valor (Vênus), alcança agora o estágio final de crescimento, na forma de pensamento. As imagens se transformam em idéias; e as idéias - como as sementes - podem ser transferidas. Podem ser levadas para todos os homens, no espaço e no tempo, por meio da linguagem e das palavras. Elas são a semente do ser imortal - o fim da jornada.

A maré solar retorna ao coração do Sol, depois de ter feito o seu trabalho, depois de ter dado *vida* às esferas planetárias e recebido delas *significado*. O que *era poder*, no início, transforma-se, no final, em *consciência*. Da *consciência*, uma nova maré de poder criativo nasce do inesgotável coração do Sol e o processo é renovado num nível mais alto - se tudo correu bem na maré anterior)

2. PLANETAS DE ATIVIDADE TRANSCENDENTE

A grandeza do homem reside no fato de que ele sempre pode ser maior. Esse anseio de ser maior, essa tentativa incessante de atingir horizontes mais amplos e ir além do conhecido estão latentes em todos os indivíduos. Ele marca a consciência ou os sentimentos dos homens mais audaciosos ou mais inquietos, mais evoluídos ou mais extraordinários. Dominam os homens por meio da paixão pelo transcendente e da rebelião contra todas as tradições e limitações. Martela os firmes "quadros de referência" saturninos com uma insistência nem sempre destituída de cólera e fúria.

Na astrologia, esse desejo de metamorfose é expresso pelos planetas remotos, Urano e Netuno. Juntamente com Plutão, eles constituem o que somos capazes de conhecer, hoje, do ainda misterioso reino que liga o sistema solar (quando visto da Terra) ao mundo cósmico da Galáxia, a "fraternidade universal das estrelas". Esses três planetas remotos referem-se a um reino intermediário e a um processo de transição. Em termos de experiência individual e de consciência, eles definem a natureza do "caminho" que (segundo os místicos e os ocultistas de todas as eras) o homem deve percorrer para poder se tornar mais do que humano - ou seja, a expressão do divino na forma humana.

Aparentemente, esses planetas fazem parte do sistema solar, mas, na verdade, "não pertencem" ao sistema, tratando-se mais de uma ligação. Num sentido bem real, eles são os embaixadores e os representantes da Galáxia. Estão aqui, no reino solar, para realizar um trabalho definido: o trabalho de mostrar, para quem quiser escapar da atração da maré solar, o caminho *para fora e para além*.

Urano ilumina o caminho que atravessa os limites saturninos. Netuno dissolve todos os sentimentos pessoais que impedem o aventureiro de penetrar no além. Plutão produz um novo padrão de integração, com uma insistência que tende a obliterar até mesmo as lembranças do passado, pulverizando as estruturas antigas e cristalizando os remanescentes numa tela onde será projetada. nova Imagem. Urano é o inspirador da revolta; o relâmpago que revela, por um breve momento ofuscante, o panorama oculto por nossa própria necessidade de segurança e de direito de propriedade. Tais momentos podem transformar

todas as implicações da existência. Netuno, pelo contrário, é o "solvente universal" de ação lenta, que ataca a substância da vida rotineira e da consciência centralizada no ego. Ele obriga o particular a desaparecer no universal e, quando isto acontece, possivelmente há o aparecimento de ilusões e miragens estranhas e fantásticas.

Porém, esses planetas só destroem para renovar. São planetas de metamorfose. Eles trazem uma aragem das estrelas para o reino dos planetas solares e para os indivíduos nascidos na Terra. E essa aragem está cheia de poderes criativos de um caráter transcendente. Todavia, esses poderes não podem se fixar no homem, a menos que a natureza humana se liberte das características *negativas* de Marte, Júpiter e Saturno - luxúria ou cólera, cobiça e egoísmo.

Urano e Netuno têm sido chamados de "oitavas superiores" de Mercúrio e Vênus. Antes, porém, o que deveria ser dito é que o homem pode receber os dons construtivos de Urano e Netuno, só quando as forças representadas por Mercúrio e Vênus puderem operar plenamente no *retomo da maré solar*. Só essas forças podem oferecer uma base para o desenvolvimento da consciência "dirigida para as estrelas", sob a orientação de Urano e de Netuno. Para construir os "universos concretos" (as estruturas abrangentes e compassivas), que são os transcendentais veículos de expressão do espírito universal, Netuno precisa do senso venusiano de valor e de participação no amor; e Urano pode trazer visões claras do mundo das estrelas, só para quem tiver uma forte e firme capacidade de pensar em termos de idéias e abstrações (Mercúrio).

Quanto a Plutão, parece provável que esse planeta, recentemente descoberto, seja apenas o primeiro de um par ou de um trio de planetas longínquos, semelhantes a cometas, provavelmente com órbitas muito alongadas. Tais planetas se referem ao processo de reconstrução que ocorre ao final da metamorfose, mais para a ação de grupos do que para a de indivíduos. Plutão lida mais com o "estilo" de um período de arte, do que com as características dos artistas considerados individualmente. Ele revela o impacto da civilização sobre a gênese dos indivíduos. Se ele está relacionado com a morte, é porque não se preocupa com os indivíduos e está pronto para destruir qualquer organismo a fim de usar suas substâncias físicas e psíquicas para novos propósitos.

Plutão é a disciplina impessoal do Partido, da Igreja, da Irmandade. Só através das suas provações é que o indivíduo renascido é suficientemente "transubstanciado" para ser incorporado à trama do organismo universal, que emergiu da matriz dos estranhos tubos de ensaio netunianos.

SÉTIMO PASSO

Adquirindo um Senso de Forma e de Acentuação

No primeiro estágio desse estudo, defini o termo "estrutura" como consequência da atuação do princípio de organização, existente dentro de qualquer todo orgânico. Falei da "teia de relacionamentos" estabelecida dentro dos limites desse todo, que determina o lugar que cada parte ocupa em relação a cada uma de todas as outras partes. Forma, no sentido geral e abstrato da palavra, tem quase o mesmo significado de estrutura, mas se aplica mais especificamente ao resultado da percepção, que um indivíduo tem da unidade do todo. Um quadro e um corpo "têm forma", conforme vemos na sua totalidade. Portanto, a forma pode ser considerada a manifestação exterior da estrutura interna. O senso de forma é a capacidade de ver objetos e corpos como todos estruturados, de vê-los como entidades equilibradas e proporcionadas, espalhadas no espaço.

No artista - pintor, escultor, arquiteto - o senso de forma se encontra no seu aspecto mais elevado e mais significativo. Para o artista, o espaço em si é uma matriz de formas significativas. Cada objeto tem significado no espaço em termos do seu relacionamento com todos os outros objetos. Cada vez que o artista abre os olhos, o mundo que ele percebe é um agregado de formas, orgânico e significativo. Essas formas se interpenetram à medida que agem umas sobre as outras, dentro do campo de visão. Não só as cores, as sombras e luzes lançam reflexos de objeto para objeto, mas até mesmo as massas estruturais desses objetos não podem ser consideradas como isoladas ou separadas.

Como alguns pintores europeus foram capazes de descobrir há alguns séculos atrás, se um homem é visto sentado num sofá, o homem

e o sofá agem um sobre o outro, interpenetrando-se - quer dizer, as formas de ambos agem uma sobre a outra conforme são percebidas juntas, como um todo composto. Mais ainda, as manchas de cores numa pintura adquirem características especiais e significado estético, de acordo com sua colocação relativa dentro do espaço da tela. Uma pincelada vermelha numa paisagem verde se destaca com intensidade exagerada; ela capta inevitavelmente a atenção do olho; e pintores, conto Corot, fizeram uso constante de tais justaposições de cores, para conseguir uma expressão dramática ou simplesmente para enfatizar valores estruturais, distorções, etc.

Em anos mais recentes, esse princípio de percepção da forma transformou-se num tipo muito penetrante e pormenorizado de observação psicológica. A escola alemã da psicologia, *Gestalt*, baseia-se no estudo do fator da forma nas percepções humanas. *Gestalt* significa forma, estrutura ou organização espacial.

Para o psicólogo dedicado a esse tipo de abordagem psicológica, o senso de forma aparece como um dos elementos mais básicos da percepção humana e como um fator, igualmente característico, no desenvolvimento da personalidade individual. Os indivíduos podem ser classificados de acordo com suas reações típicas a padrões associativos de pontos, linhas, espaços e objetos. O fenômeno das ilusões de ótica, recentemente destacado na arte visual, são aplicações dessa pesquisa na natureza do nosso senso de forma. Eles simplesmente enfatizam o que ocorre, até certo ponto, quando abrimos os nossos olhos e vemos objetos no espaço.

A "Forma" na Astrologia

Um homem nasce num ponto da superfície da Terra e, então, vê-se rodeado não apenas de objetos terrenos, mas, também, por uma infinidade de corpos celestes que se movem no espaço. O mapa de nascimento é uma projeção bidimensional do universo - e, particularmente, do nosso sistema solar e de seus planetas - conforme visto segundo o local de nascimento no instante da primeira respiração... ou melhor, conforme seria visto se pudéssemos enxergar através do

sólido globo da Terra. O que esse mapa de nascimento destaca é o Sol, a Lua e os planetas. Eles são objetos arrumados no espaço (o espaço do céu em si e o espaço definido pelo círculo traçado pelo movimento anual do Sol, ou seja, o zodíaco). À noite, alguns desses planetas podem ser vistos acima do horizonte, enquanto outros são invisíveis. Contudo, olhando o mapa astrológico podemos visualizar as posições deles ao nosso redor. Se um desses corpos celestes está acima do horizonte e sozinho e o resto deles está abaixo, o senso de forma de quem observa deverá ser bastante desenvolvido para perceber esse equilíbrio peculiar dos objetos celestes. O objeto que está sozinho destaca-se aos olhos e a atenção se focaliza nele, como uma mancha vermelha que aparece numa paisagem totalmente verde.

Porém, só há um foco de atenção quando o mapa é considerado *como um todo* - ou, digamos, como um quadro ou uma cena. Até uma época recente, essa maneira de observar o mapa era praticamente desconhecida entre os astrólogos. E verdade que os "aspectos" entre os planetas eram estudados - e eles são expressões do especial relacionamento dos objetos celestes. Mas, essas configurações angulares eram estudadas uma por uma. Em época mais anterior, o uso de um mapa astrológico com forma quadrada tornava ainda mais difícil "ver" o mapa como um todo, como uma imagem do universo real. Cada planeta representava uma unidade e sua natureza permanecia sempre a mesma - sendo simplesmente *modificada* pelo lugar que ele ocupava no zodíaco e nos espaços das casas e pelos "raios" dos outros planetas, de acordo com os "aspectos" que estes lhe enviavam. De fato, levantar um mapa quase não tinha sentido; uma simples lista das posições planetárias e dos aspectos já dizia tudo o que havia para ser dito.

O uso definitivo do mapa circular levou, contudo, à percepção lógica de que o elemento da forma, ou *gestalt*, era essencial na astrologia. Os astrólogos começaram a falar da "configuração planetária" como um todo e a dar um significado a ela, *sem levar em conta* "qual planeta estava em aspecto com qual". A contribuição, talvez mais importante, de Marc Edmund Jones para a astrologia foi utilizar esse princípio da forma, primeiro enfatizando o conceito de "equilíbrio em peso" e de influência "isolada" - depois, mais tarde, classificando

os mapas de acordo com a forma geral produzida pela disposição dos planetas no círculo das casas e, secundariamente, no zodíaco.*

Poderemos ou não considerar essencial a classificação de Marc E. Jones, de todos os padrões planetários em sete configurações básicas; poderemos ou não considerar importantes os nomes dados a esses sete tipos. Permanece o fato de que um *princípio de avaliação e significado* foi enunciado e desenvolvido com consistência lógica; isto é altamente importante. Realmente, esse fato já não pode ser ignorado por quem quer que esteja em harmonia com os fundamentos do pensamento do século XX. O senso de forma astrológica está conosco e veio para ficar; seu uso prático é indispensável para a total conquista da "sabedoria astrológica". Na realidade, tudo o que pode ser discutido é sua importância relativa, entre os muitos outros instrumentos tradicionais usados pelos astrólogos nas suas interpretações.

O problema pode ser apresentado da seguinte maneira: é melhor ensinar a criança a ler, fazendo-a reconhecer primeiro a forma das sílabas ou das palavras, ou por meio do velho método de soletrar laboriosamente letra após letra? É sensato (ou expressivo) aprender em consequência de uma adição de elementos (letras) separados, abstratos e, em si, destituídos de significado - ou aprender pelo novo método, através de uma rápida percepção de algumas configurações típicas, porém complexas, que têm em si um significado associativo? Sendo levado a visualizar uma cena representada por seus pais, o pequenino pássaro aprende a voar. Toda orientação instintiva é uma orientação através do desempenho imitativo - todo desenvolvimento biológico se processa por passos totais - por *quanta* de comportamento, poderíamos dizer.

* Outro tipo de técnica astrológica, que apresenta, de maneira um pouco diferente, o senso de forma e a abordagem configurativa ou mesmo pictórica do estudo do mapa de nascimento, é o chamado "Sistema uraniano", desenvolvido por Alfred Witte e sua Hamburg School, na Alemanha. Uma boa dose de atenção tem-lhe sido dispensada ultimamente na América e, sem dúvida, vários pontos destacados por essa técnica são de grande importância, especialmente os "pontos médios".

Não há verdadeiro crescimento em eficiência na vida a não ser que, em qualquer momento, o indivíduo encare *cada situação como um todo completo*, com o total da sua capacidade de sobreviver; do mesmo modo, não há verdadeiro crescimento em compreensão humana e em sabedoria a não ser que o indivíduo em desenvolvimento seja levado a enfrentar o desafio de situações totais e particulares, situações que são singulares e significativas na sua singularidade. O que a mente moderna é forçada a enfrentar hoje em dia são as situações, os fatos da vida imediatos e urgentes, todos de comportamento, símbolos completos de uma personalidade total, mais do que listas de características, somas de tendências catalogadas e de virtudes ou defeitos minuciosamente definidos, ou colagens de julgamentos abstratos na forma convencionalizada de uma personalidade humana!

Júpiter em Leão, Sol na terceira casa, Marte em quadratura com Saturno, - essas posições não têm em si qualquer significado decisivo. Quando muito, indicam matérias-primas com que os significados vitais podem ser formulados pelo esforço perceptivo e pela perícia de visualização "intuitiva" do astrólogo. As letras A, M, O, R, soletradas uma após outra, nada significam como letras separadas; é a associação delas e a ordem da sua seqüência que têm significado. Do mesmo modo, nenhum mapa astrológico faz sentido enquanto não se transforma num todo vivo na consciência do astrólogo - enquanto sua "forma" não é vivificada com um significado. E o significado reside no todo, não nas partes separadas.

O Problema da Acentuação

O conceito de "acentuação" é quase inseparável do conceito de forma. Sempre que vários fatores orgânicos estão relacionados dentro dos limites de um organismo, haverá, em qualquer tempo, algum fator (ou grupo de fatores) que de um modo ou de outro tem uma função dominante ou de liderança. Ele estará acentuado. E em qualquer organismo saudável, essa acentuação é apenas temporária. Ela muda de um fator para outro, de uma função orgânica para outra e, na maioria dos casos, essa mudança é ou deveria ser, periódica. Se observarmos o ciclo da vegetação durante o ano inteiro, podemos ver facilmente

como, mês após mês, há uma mudança na função que recebe, por assim dizer, o papel de destaque no desenvolvimento da planta. Numa época, a vida parece estar focalizada na radícula ou germe; em outra, o desenvolvimento das folhas parece absorver a maior parte das energias da planta; e ainda em outro período, as flores e os frutos carregam o fardo da importância, a acentuação ou ênfase vital temporária.

Do mesmo modo, depois de um jantar abundante, as atividades metabólicas do sistema digestivo são as funções acentuadas no organismo humano total; e se, em tais ocasiões, o indivíduo que está com o estômago cheio se entrega a um trabalho mental pesado, surge um conflito orgânico entre os dois tipos de funções. Um declara guerra ao outro - o pensamento contra o metabolismo e *vice-versa*. A saúde normal e natural exige que em cada ocasião haja apenas uma função acentuada no organismo biopsicológico da personalidade. Assim, surge o conceito de uma *permuta das acentuações funcionais*; o que significa, simplesmente, que cada função, por seu turno e a intervalos regulares, deve receber a acentuação vital.

Nas astrologia, isso se expressa, em primeiro lugar, nos fatores das posições no zodíaco e nas casas. Se o Sol está em Câncer, podemos deduzir que as funções orgânicas representadas por esse signo (metabolismo, assimilação, instituição do lar, formação do ego), na ocasião, estão em destaque para receber *a acentuação solar*. Isso não quer dizer que as outras onze funções básicas ou zodiacais não estejam ativas. Simplesmente indica que a atenção do eu está focalizada na função canceriana. Outras funções estão sendo, ao mesmo tempo, particularmente energizadas pelos outros planetas. Júpiter em Leão mostrará que a consciência social (Júpiter) procura liberar sua energia, *principalmente* através da leonina função criativa e imaginativa e dos órgãos correspondentes a esse signo, tanto os biológicos como os psicológicos.

Desse modo, todo signo ou toda casa, onde se localiza um planeta, recebe uma acentuação, que se enfatiza na vida da personalidade. Essas acentuações mudam de forma constante e cíclica, conforme os planetas, o Sol e a Lua circulam no nosso céu. Num sentido, porém, são elas acentuações menos intensas. As mais fortes se estabelecem, de acordo com a tradição astrológica, quando os corpos celestes,

sempre em movimento, se encontram num ou dois signos zodiacais particulares. E essas acentuações fortes se referem às posições que, tecnicamente, são chamadas de "regência" ou "exaltação". Diz-se que cada planeta "rege" um ou dois signos zodiacais e se "exalta" em outro; contudo, há muita confusão em torno desse assunto, cujo estudo exigiria um espaço muito maior. Por meio de processos técnicos desse tipo, o astrólogo é capaz de determinar a "força" relativa de cada planeta dentro de um mapa - e, desse modo, determinar até que ponto estão acentuadas algumas das funções básicas da personalidade total ou, se os planetas estiverem em signos opostos, o grau de debilidade operacional dessas funções.

Tal tipo de acentuação, todavia, não representa uma ênfase na consciência, o que equivale a dizer que não representa uma ênfase na atividade potencial. O Sol em Leão é muito "forte"; contudo, uma pessoa nascida com o Sol em Leão poderá não revelar qualquer acentuação solar correspondente. O astrólogo dirá que o Sol pode estar "fraco" devido à posição da casa ocupada - supõe-se que algumas casas representam zonas de operação mais fracas - muito embora esteja "forte", porque está localizado em Leão, seu signo de regência. Porém, a atribuição de características de fraqueza ou de força às casas é bastante questionável. Isso só faz sentido quando se presume que o padrão de julgamento é a atividade *externa*; pois há fatores ocultos ou introvertidos no ser humano, que adquirem uma extraordinária importância focal e que governam a vida pela própria ausência das suas atividades naturais. Acentuam-se não pelo que fazem, mas por causa do vácuo que criam na consciência de uma pessoa. Há acentuações no vácuo, assim como na plenitude - na mudança crítica (por exemplo, a sexta casa), assim como na auto-afirmação positiva (primeira ou décima casa).

Mais do que tudo isso, o verdadeiro problema da acentuação vital não depende de onde qualquer planeta está situado mas, antes, do tipo de relacionamento mantido com os planetas restantes. A mancha vermelha na paisagem verde é um pequenino ponto de cor; mas como atrai a atenção, como enfoca o significado dramático do quadro todo! Trata-se de uma acentuação que dá uma nova espécie de intensidade a tudo o que não é ela própria. Faz o quadro ser muito mais verde do que seria, se não estivesse ali.

Num mapa, um planeta "isolado" tem quase o mesmo valor. Esse planeta solitário acentua a função que representa *na consciência do indivíduo* - e, talvez, em consequência, na sua contribuição para a vida - numa extensão tal que o indivíduo não pode se livrar dela. De fato, essa acentuação ou focalização da atenção muitas vezes apresenta um caráter compulsivo. Todas as outras coisas são afetadas por ela.

É característico o caso do fundador do método psicanalítico, Freud, em cujo mapa Marte retrógrado está solitário no nadir, em Libra, com todos os outros planetas acima do horizonte, de Peixes até Câncer (sendo Câncer o signo Ascendente). De acordo com seu ex-discípulo Carl Jung, a abordagem freudiana da psicologia revela um típico temperamento extrovertido - representado pelo fato de que a maioria dos planetas está agrupada ao redor do zênite, especialmente nos três signos da primavera, etc. Contudo, na área da consciência de Freud, impelindo-o para a sua grande realização, encontramos Marte retrógrado penetrando como um bisturi nas raízes mais profundas da sua vida interior, eliminando os materiais psíquicos em deterioração, produzidos pelas repressões sociais. Toda sua vida foi dedicada a essa introvertida cirurgia marciana da alma - daquilo que é mais intimamente pessoal e que até mesmo o próprio ego desconhece - e seu nome tornou-se o símbolo dela.

Aqui, então, Marte é um fator intensamente acentuado em termos da "forma" do mapa inteiro, não obstante, de acordo com sua posição zodiacal e com seu caráter retrógrado, pode dar a impressão (se observado como um fator separado) de ser um Marte muito fraco e ineficaz. O astrólogo que não utiliza seu "senso de forma" deixará de perceber, na sua interpretação do mapa de Freud, o elemento que controla, por implicação, o comportamento de tudo o mais no horóscopo. A vida e a fama de Freud revelaram uma extraordinária precisão e um impiedoso desafio às mais firmes tradições psicológicas. Excetuando-se a configuração total do mapa e a acentuação de Marte, nada mais poderá revelar essas características notáveis, com o verdadeiro valor que elas têm. O relacionamento estrutural existente entre Marte e os outros nove planetas, agrupados dentro de uma quadratura de Netuno e Júpiter com Saturno, é a chave para o significado do destino de Freud.

Quando apreendido e aplicado corretamente, tal tipo de abordagem dá uma qualidade nova e muito vigorosa à interpretação dos mapas astrológicos. É preciso esclarecer que essa abordagem se baseia no princípio fundamental de que *o todo antecede as partes*, em termos de significado espiritual, essencial. Realmente, esse princípio diferencia a sabedoria do conhecimento, as faculdades espirituais da compreensão proveniente do intelecto e a astrologia do século XX da do século XIX.

OITAVO PASSO

Uma Compreensão Dinâmica dos Ciclos e Aspectos Planetários

No desenvolvimento de uma atitude em relação à astrologia e de uma técnica que leva a uma compreensão essencial da personalidade e da vida do homem, o passo anterior tratou da aquisição de um senso de forma e de acentuação. O termo "forma", porém, inclui muito mais do que foi analisado até agora. O que principalmente discuti foi a forma *no espaço*, portanto, a forma como elemento estático, como algo que pode ser apreendido num simples ato de percepção - por exemplo, a forma de um quadro, do desenho decorativo de um tapete. Se olhamos para um moderno mapa astrológico podemos ver imediatamente seu desenho circular, seus doze raios, os símbolos dos planetas, as indicações zodiacais etc. O ponto estabelecido por mim foi o de que a significação essencial de um horóscopo (ou da configuração do céu na época do nascimento) só pode ser entendida quando o astrólogo é capaz de considerar e interpretar o mapa como um todo estrutural e "orgânico". Primeiro, a percepção do todo, depois, o estudo analítico das partes e dos detalhes da estrutura.

A forma, entretanto, também pode ser considerada como um fator dinâmico, operando *no tempo*, ou seja, em termos de uma seqüência cíclica. Ela é considerada desse modo, por exemplo, por músicos treinados quando falam da "forma de sonata" ou do desenho estrutural de uma "fuga" de Bach. Uma sonata e uma fuga não podem ser experimentadas por meio de um simples ato de percepção. Você não pode ouvi-las ou até mesmo olhar as partituras e compreender-lhes o significado estrutural da mesma maneira como olha um desenho. Elas se

expandem no tempo; é preciso tempo para um músico perceber a "forma" da sonata enquanto a ouve do princípio ao fim - mesmo que ele seja capaz de ler rapidamente as páginas da partitura impressa.

Do mesmo modo, leva tempo para o astrólogo percorrer as páginas das efemérides e seguir, dia após dia, mês após mês, o movimento zodiacal dos planetas. As efemérides revelam o princípio da "forma" em operação, tão bem quanto uma sonata de Beethoven revela. Podem revelar por que os movimentos do Sol, da Lua e dos planetas são periódicos ou cíclicos. E a constante combinação desses movimentos cíclicos - o incessante entrelaçamento dos caminhos planetários no céu - produz *formas dinâmicas*.

Entendido isso, analisarei o que é chamado de aspecto de "quadratura" entre Júpiter e Saturno - isto é, o fato de que as longitudes zodiacais de ambos estão separadas por um ângulo de 90 graus. Contudo, o primeiro ponto a ser tratado é aquele não considerado pelos astrólogos que falam a respeito da importância de uma quadratura. Eu disse que estou analisando uma quadratura mas *onde* a estou observando? No mapa natal de um indivíduo ou nas efemérides?

Aqui o leitor poderá exclamar: "não é a mesma quadratura em qualquer dos casos?" É a mesma quadratura se consideramos Júpiter e Saturno fora do contexto no qual os encontramos (o mapa natal ou as efemérides); se nós os separamos de todas as outras coisas que os cercam e fazemos deles, então, entidades puramente abstratas. Na realidade, porém, a quadratura tem dois significados diferentes, conforme é percebida no mapa de nascimento - uma estrutura *espacial e estática* - ou nas efemérides - uma estrutura *dinâmica de tempo*. Você olha um mapa na sua totalidade. Lê as efemérides linha por linha, página por página. O mapa representa um evento fixo, inalterável - você (na qualidade de um organismo particular) nasce apenas uma vez e jamais terá um novo mapa de nascimento. Por outro lado, as efemérides registram o constante desenrolar de uma seqüência de eventos, sendo as "formas" reveladas resultantes da maneira regular e cíclica pela qual os corpos celestes se movem.

Portanto, uma quadratura Júpiter-Saturno analisada num mapa de nascimento é um fator espacial, estático, mas segundo as páginas das efemérides, é um fator de tempo, dinâmico. No primeiro caso, ela pertence

a algo que é composto uma única vez e para sempre; no segundo caso, é um fator que se repetirá periodicamente através das eras. No mapa de nascimento, a quadratura Júpiter-Saturno é uma parte da estrutura total do mapa *e deve ser compreendida como tal*, ao passo que nas efemérides, ela faz parte do entrelaçamento cíclico dos dois planetas que se movimentam, Júpiter e Saturno, e deve portanto ser compreendida *em conexão com os entrelaçamentos cíclicos desses planetas*.

Resumindo: se um estudante me pergunta: "O senhor X tem uma quadratura de Júpiter e Saturno no seu mapa de nascimento. O que isso significa?" Eu direi: "Não posso responder sua pergunta a menos que estude o mapa como um todo e o lugar ocupado pela relação Júpiter-Saturno." Mas, se o estudante pergunta: "O que significa uma quadratura de Júpiter no 10° de Leão, com Saturno no 10° de Escorpião?" - nesse caso, posso responder diretamente, pois aqui a pergunta trata do relacionamento entre Júpiter e Saturno, considerado numa das suas *fases* periodicamente repetidas.

Aspectos Planetários amo Fases de Relacionamentos

Para a maioria das pessoas é muito difícil pensar em termos de relação e de desdobramento real do tempo. Durante séculos de uma civilização que enfatizou uma abordagem intelectual da vida, fomos habituados a pensar em entidades separadas e permanentes, localizadas num espaço estático e em lugares muito distintos e definidos. Essas entidades podiam mudar totalmente sua aparência, embora no passado pensássemos sobre elas como tendo uma integridade abstrata e uma identidade inalterável. Se jovens, maduras ou senis - encontradas em relativa solidão ou profundamente envolvidas em relacionamentos com outras entidades - receberam nomes diferentes, e pensava-se que elas continuassem a ser, em essência, o que haviam sido.

Esse tipo "clássico" de compreensão mental da vida e dos homens vem gradualmente se modificando no século atual. E a pressão dessa mudança está obrigando os astrólogos a reorientarem e reinterpretarem suas próprias idéias e símbolos essenciais. Os manuais astrológicos tendem a falar de Júpiter e de Saturno - e de todos os outros fatores que

usam - como se fossem entidades fixas, significando sempre a mesma coisa, onde quer que se encontrem. Do mesmo modo, é ensinado que as quadraturas, o trigono, as oposições geralmente têm um significado imutável; de fato, ambos, planetas e aspectos, durante séculos têm sido divididos em duas categorias: os "bons" e os "maus" - benéficos e maléficos.

Obviamente, essa classificação toma as coisas muito simples. Ela produz, diante de nós, um universo muito bem-definido, branco e negro, no qual o Bem e o Mal lutam incessantemente pelo domínio sobre entidades separadas, que são individualmente salvas ou perdidas, glorificadas ou destruídas. O pensamento contemporâneo, entretanto, desafia essa "antiquada" filosofia de vida e seu individualismo atomístico. O universo agora é visto como um todo interligado e interdependente - um organismo de competência cósmica. E a realidade básica desse universo não é uma entidade separada que vai para a sua salvação ou para a sua desgraça, mas, sim, a correlação total de todas as partes que compõem o todo cósmico.

Em termos de astrologia, isso significa que a correlação de todos os corpos celestes existentes dentro do sistema solar (e, de modo geral, no céu inteiro) é o que conta em essência, podendo qualquer um desses corpos, *sob condições especiais de relacionamento, representar quase que qualquer coisa* - em particular, qualquer um deles pode ter um significado exatamente oposto ao seu significado tradicionalmente aceito. Do mesmo modo, o melhor indivíduo pode, sob a pressão de tipos especiais de relacionamento, tornar-se extremamente destrutivo *nas suas ações*. Declarou-se isso ao se afirmar que tudo tende a se tomar seu próprio oposto. Todavia, essa é uma afirmação exageradamente simplificada, pois não se diz que uma "entidade" se torna o oposto do que ela é, mas, antes, que um "relacionamento" tende a inverter sua polaridade - por exemplo, o amor se transforma em ódio, a paixão sensual, em devoção mística, etc.

É sobre a base de tal compreensão da vida e do relacionamento universal que a nova astrologia está reformulando o conceito de aspecto planetário. Ela vê a mencionada quadratura de Júpiter com Saturno não como uma coisa-em-si, mas, antes, como uma fase do relacionamento cíclico desses planetas. O fato de estarem separados por um ângulo

de 90° não diz o bastante para ser considerado completamente significativo. O que é significativo é que um *determinado ciclo* do relacionamento de Júpiter e Saturno atingiu uma *determinada fase* do seu desenvolvimento.

Conforme já mostrei no meu livro *O ciclo de luação*, os significados de uma "quadratura crescente" e de uma "quadratura minguante" são diferentes; isto é, se Júpiter (o planeta de movimento mais rápido) está a 10° de Leão e Saturno a 10° de Escorpião, a quadratura formada por eles é minguante (similar a uma quadratura do "último quarto", no ciclo do relacionamento entre a Lua e o Sol, o ciclo de luação); mas se Saturno, que é mais lento, está nos 10° de Leão, com Júpiter nos 10° de Escorpião, a quadratura formada é crescente (ou primeiro quarto). Em outras palavras, um ciclo de relacionamento entre Júpiter e Saturno começa com a conjunção de ambos e atinge seu clímax na oposição. *Qualquer fase desse ciclo* - isto é, qualquer aspecto que Júpiter e Saturno formem durante o período que vai de uma conjunção à conjunção seguinte - deve ser compreendida dentro do quadro de referência de todo o ciclo. Por vezes, num estudo mais abrangente, ela deveria ser entendida também dentro do quadro de referência, ainda maior, do imenso ciclo de inter-relacionamento planetário, que envolve todos os componentes do sistema solar.

É evidente que isso dá à teoria astrológica um caráter mais complexo do que apresentam os manuais mais populares. Do mesmo modo que a física de Einstein é muito mais complexa que a de Newton. Se queremos lidar com eventos físicos, óbvios para os nossos sentidos, as leis de Newton funcionarão muito satisfatoriamente; a astrologia clássica, que lida com significados fixos para posições e aspectos planetários fixos (e com inúmeros aforismos que devem ser memorizados), também funcionou satisfatoriamente em relação ao tipo de sociedade do século XVII. Mas, hoje em dia, temos de enfrentar um mundo muito diferente, um mundo de energia atômica e de vastas metrópoles, de cartéis e intercâmbios globais, com relacionamentos sociais e pessoais tão complexos e tão fluidos que grande quantidade de indivíduos é surpreendida em dificuldades sociais e em condições psicológicas com que as velhas técnicas já não podem lidar eficazmente. Para esse tipo de mundo, precisamos tanto da astrologia quanto os físicos

precisam de uma nova álgebra e de uma nova física para controlar as transformações e as desintegrações atômicas - muito embora os conceitos clássicos da física e da astrologia ainda sejam muito úteis no que toca às situações e problemas comuns.

Aspectos Bons e Maus

Entre os conceitos tradicionais da astrologia, que precisam de uma atual reinterpretação ou revisão, é típica a idéia de que tanto os aspectos como as quadraturas e as oposições são "maus", ao passo que o trígono e o sextil são "bons". Obviamente, tal crença não tem sentido no tipo de astrologia que discuto neste livro pois, no relacionamento cíclico entre dois planetas que se movem, as quadraturas são *fases tão normais e necessárias* quanto o trígono ou o sextil. O Mal - conforme é normalmente compreendido pelas pessoas comuns - deixa de ter importância quando se pode demonstrar que ele é tão normal e necessário quanto o Bem.

Dizemos que a doença, o câncer, é um mal; a afirmação é válida porque o câncer não é nem normal, nem necessário. Mas se dissermos que a conversão da comida Ingerida em substâncias químicas é um processo maligno porque transforma numa polpa amorfa a cenoura ou o fígado de vitela, ou se dissermos que a substituição das células gastas do nosso corpo por células novas é "maligna" - tal afirmação não tem significação válida. Cada fase da vida orgânica normal, cada função e cada processo faz parte da vida natural e saudável - fisiológica ou psicologicamente - e deve ser bem-recebida. Não é nem boa e nem má. Simplesmente *existe* - é um componente necessário das atividades da vida ou da personalidade. Em todo organismo há um equilíbrio dinâmico entre os processos anabólico (ou construtor da forma) e catabólico (ou destruidor da forma), mas dizer que o primeiro é bom e o último é mau não faz nenhum sentido. O desenvolvimento exagerado ou descontrolado de um ou de outro destrói a vida orgânica normal, a saúde do corpo e da alma.

E verdade que, com a idade, o aumento progressivo das atividades catabólicas leva eventualmente à morte; mas é bastante questionável dizer que há qualquer sentido válido em se afirmar que a morte

natural é má. Certamente, do ponto de vista da humanidade como um todo, a morte dos seres humanos é uma condição necessária ao desenvolvimento evolutivo, considerando-se o nível psicomental em que a consciência humana comum funciona atualmente. De um modo geral, o caráter de um indivíduo e os limites do seu possível desenvolvimento estão bem-fixados, quando ele chega aos vinte ou trinta anos de idade. De fato, se permanecessem os mesmos durante séculos, seria uma tragédia para a humanidade)

Para a humanidade como um todo, o processo da morte representa o que o processo catabólico, de remoção periódica das células obsoletas, representa para o organismo saudável. Foi dito que todas as células do nosso corpo são renovadas a cada sete anos. Do mesmo modo, uma avalanche inteira de indivíduos vive teoricamente um período de mais ou menos setenta anos. A substituição catabólica de uma geração por outra não é nem boa e nem má; é a lei do desenvolvimento e do crescimento humano coletivo. E se pensamos em termos de um tipo absoluto de individualismo espiritual, a chegada e a partida do corpo (nascimento e morte) são simplesmente fases normais e necessárias do desenvolvimento cíclico do espírito reencarnado.

As qualificações de bom e mau não têm sentido sempre que são aplicadas a quaisquer fases de um processo cíclico; e, do ponto de vista transcendente e universalista, *qualquer evento* pode ser visto como uma imprescindível fase de algum processo muito maior. Pode-se dizer que uma pneumonia é má por não ser uma fase normal da vida do nosso corpo; as guerras e os expurgos políticos são maus porque não são fases normais da vida social de uma determinada comunidade. Não obstante, considerados dentro do quadro de referência mais vasto do progresso de uma alma espiritual (encarnação após encarnação) ou da humanidade como um todo, esses eventos destrutivos talvez pareçam tão necessários e benéficos quanto a expulsão vigorosa de substâncias que não podem ser assimiladas pelo corpo. Só quando isolamos os eventos catárticos sociais ou pessoais, separando-os da história total das nações ou dos indivíduos - e os aspectos de quadratura, semiquadratura ou oposição dos ciclos de relacionamento dos planetas - é que esses eventos e aspectos, considerados em si, parecem maus ou infortunados.

Tal procedimento destrói a própria integridade e o significado do processo da vida. A vida e a personalidade são caracterizadas por sua capacidade de ajustamento constante a novas necessidades internas e novas situações externas. Dizer que a quadratura e a oposição são maus aspectos é negar essa possibilidade de reajustamento, porque o reajustamento sempre exige momentos de ação rápida (mudança de direção), quando uma situação nova ou uma possibilidade nova é encontrada "cara a cara", e momentos de pausa (oposição), quando a consciência se julga capaz de avaliar objetiva e desapassionadamente o propósito e o significado da ação. Sob as fases de relacionamento conhecidas como quadratura, poderão ocorrer muitas mudanças de direção e poderá haver uma precipitação desorganizada ou um medo espasmódico gerado entre os dois pólos do relacionamento, entretanto afirmar a possibilidade de tais resultados negativos não é descrever o significado essencial da quadratura, é mostrar *como um espírito individual sem experiência ou um grupo social imaturo poderá manejar mal o tipo especial de oportunidade de desenvolvimento, representado pela quadratura.*

A imparcialidade me obriga a admitir que, muitos indivíduos e nações, por serem imaturos e desajeitados do seu destino, a quadratura produz resultados negativos na maioria dos casos. Mas posso censurar as engrenagens de um excelente automóvel *Chrysler* só porque um motorista inepto as obriga a ranger os dentes a cada mudança de marcha? E podemos dizer que é mau, parar e olhar um mapa, com o fito de verificar se estamos no caminho certo, só porque um motorista confuso, ao parar no meio de uma curva na estrada, absorvido na leitura do mapa, acabará sendo abalroado pelos carros que vêm atrás?

Por esse debate, segue-se que qualquer aspecto planetário pode ser encarado de duas maneiras. Do ponto de vista do *tempo*, é uma fase do relacionamento entre dois planetas que se movem, e uma compreensão completa do seu significado exige que a consideremos em relação ao ciclo inteiro - e, particularmente, ao início do ciclo, ou seja, a conjunção dos dois planetas. Assim, amiúde os astrólogos têm atribuído uma importância fundamental à localização no zodíaco da lua nova anterior ao nascimento - estabelecendo, desse modo, um liame entre a relação soli-lunar por ocasião do nascimento (isto é, o aspecto entre

o Sol e a Lua no momento natal) e o início do ciclo de luação, do qual ele foi uma fase.

Por outro lado, do ponto de vista do *espaço*, um aspecto entre dois planetas é simplesmente um ângulo da configuração planetária total, mostrada no céu na hora do nascimento. E, assim, como a forma do nariz adquire um significado estético, principalmente por sua contribuição para o caráter particular de um lindo rosto - muito embora, como nariz, ele tenha uma significação própria - do mesmo modo, também o aspecto não pode ser verdadeira e significativamente interpretado ou compreendido, a menos que seja visto como uma contribuição para o quadro, apresentado como um todo pelo mapa.

No primeiro caso, a distinção entre aspectos bons e maus não faz sentido, porque tanto uns como os outros são fases necessárias e normais do processo de vida e de crescimento - fases que se fundem gradual e periodicamente uma na outra. No segundo caso, tal oposição deveria ser considerada como algo semelhante ao que acontece entre o preto e o branco de uma fotografia, entre as luzes e as sombras de um quadro de Rembrandt. Teria qualquer sentido dizer que os negros são maus e os brancos são bons? A forma é o resultado da justaposição e da interação de ambos. E sem a forma não pode haver relacionamento expressivo nem tampouco significado.

NONO PASSO

Estabelecendo uma Atitude Adequada em Relação às Predições Astrológicas

Uma das coisas essenciais que deve ser aprendida quando empreendemos um estudo da astrologia é a natureza da distinção entre as duas fases fundamentais da técnica astrológica: a fase *espacial*, referente ao estudo do mapa de nascimento (ou de qualquer configuração celeste fixa) e a *fase da continuidade*, que trata dos movimentos correlacionados e periódicos dos corpos celestes, durante dias, meses e anos - movimentos que são registrados nas tábuas das efemérides. Estudamos o significado dessa distinção principalmente no que toca aos aspectos planetários e às suas classificações tradicionais em categorias boas e más. Declarei que o que se chama de forma ou estrutura pode ser considerado um fator de espaço ou de tempo. A estrutura do mapa de nascimento é um fator de espaço; isto é, uma combinação de formas - ou mais precisamente de relacionamentos angulares (aspectos). O mapa como um todo tem uma forma, do mesmo modo que um quadro ou uma estátua apresentam uma. Por outro lado, as colunas das efemérides revelam outro tipo de forma, similar ao que é definido na música sob o nome de "forma de sonata", de "fuga", etc. - uma forma produzida por seqüência cíclica e desenvolvimento, repetição e acentuação rítmica.

O astrólogo moderno normalmente segue três tipos básicos de procedimento. Primeiro, ele estuda o mapa de nascimento como sendo uma combinação (ou soma) de posições estáticas e fixas dos planetas e das cúspides, dentro do quadro de referência do zodíaco. Depois, entra nos domínios da continuidade e da seqüência de tempo; estuda o que é chamado de "progressões" (ou "direções") e "trânsitos".

Alguns astrólogos dão mais ênfase às primeiras, outros, aos últimos. Na maioria dos casos, ambos os fatores são calculados e considerados significativos. Normalmente, é do estudo das progressões e dos trânsitos que provém a maioria das indicações referentes ao futuro da pessoa, cujo mapa de nascimento está sendo analisado (o "nativo"); contudo, muitas conclusões concernentes a eventos futuros - em termos de crises básicas de desenvolvimento - podem ser tiradas através do exame do mapa, considerado como o "projeto" imutável do caráter da pessoa e do seu assim chamado destino.

No próximo capítulo discutirei o significado exato dos trânsitos e das progressões e suas áreas de aplicação prática. Mas, antes de chegarmos a esses assuntos mais específicos, creio que é imperativo discutir a questão geral da predição astrológica e da atitude psicológica adotada diante de tais predições. Para o futuro astrólogo, é particularmente importante entender que no momento em que penetrar nos domínios da continuidade e dos processos de desenvolvimento - o reino dos fatores evolutivos e dinâmicos na experiência real - encontrar-se-á diante de problemas que diferem fundamentalmente dos que tem ao interpretar a configuração do momento natal, que é imutável. Os filósofos poderiam dizer que a última lida com o fator de "ser" e a primeira com o de "tornar-se" - contudo, esses termos metafísicos poderão ser mais perturbadores do que proveitosos.

Parece que é melhor dizer que o mapa de nascimento (um fator de espaço) refere-se ao *caráter abstrato* do ser, enquanto os trânsitos e as progressões (fatores de tempo) referem-se às *realizações progressivas* do ser. Estudar um mapa de nascimento é estudar a "anatomia" da personalidade - isto é, no nível físico, o lugar que os ossos, os músculos e os órgãos ocupam um em relação ao outro e dentro dos limites do todo orgânico, o corpo. Por outro lado, as progressões referem-se essencialmente à "fisiologia" e à "patologia" da personalidade, isto é, ao funcionamento real dos órgãos - ou, mais exatamente, à série de modificações produzidas pelo processo de vida e de crescimento pessoal, nas funções do organismo total da personalidade.

A anatomia de uma pessoa determina suas *potencialidades* físicas (e também, em grande parte, as psicológicas) de vida e de caráter. Contudo, determina-se apenas a soma das "potencialidades" - não

fatos ou acontecimentos reais. Um corpo débil ou deformado poderá vir a ser a base estrutural de um indivíduo brilhante e bem-sucedido ou a maldição de uma personalidade desesperada. Complexos psicólogos agudos podem ser úteis para o objetivo da auto-realização ou pode levar a uma neurose inútil.

Quando o astrólogo interpreta o mapa de nascimento de alguém e lhe transmite os resultados, o que ele faz - ou pode fazer - é mudar, até certo ponto, a *orientação* desse cliente em relação aos fundamentos e possibilidades básicas da sua vida. Tal mudança de orientação pode ter efeitos de grande alcance. Em alguns casos, tais efeitos poderão ser tão eficientes, quanto seriam se a pessoa fosse subitamente posta em contato com um novo conceito religioso ou social, que, pressurosamente aceito, transformaria a substância ou a qualidade do seu relacionamento com os outros homens e com Deus. À medida que o indivíduo aprende a ver sob nova luz as partes constituintes da sua própria personalidade e começa a reinterpretar suas fraquezas óbvias e constrangedoras, seus conflitos perturbadores e suas esperanças obscuras, considerando cada uma relativamente a todas as outras, sua atitude para com as falhas, os predicados, os dons e as aspirações, que considera propriedade sua, forçosamente irá sofrer modificações. Essa mudança de atitude ou orientação será um passo rumo a uma integração mais positiva ou a uma desintegração ainda maior.

Em outras palavras, o que o astrólogo conta ao cliente constituirá nele um quadro complexo. Essa imagem agirá sobre sua consciência de uma forma basicamente semelhante à forma que a visão do Salvador crucificado, morrendo para redimir os pecados dos homens, agiu sobre o "pagão" que estava preparado para ser convertido ao cristianismo. Ela é um símbolo poderoso e age como tal. Age muito mais sobre a imaginação da pessoa do que sobre suas faculdades racionais analíticas. Estabelece uma nova sujeição, uma nova polarização da vontade - que é sempre a serva da imaginação - talvez, uma nova fê... ou, então, um novo medo e um novo senso de desesperança ou de auto-indulgência otimista.

Portanto, o astrólogo, ao discutir o mapa de nascimento do cliente, responsabiliza-se em ajudá-lo a estabelecer um novo relacionamento entre o seu ego consciente e as possibilidades inerentes à sua

natureza total. Essa é ou, pelo menos, pode ser uma enorme responsabilidade e - conforme já vimos anteriormente - é uma responsabilidade que, essencialmente, não cessa com uma breve leitura astrológica. Contudo, essa fase de interpretação astrológica - a descrição em linhas gerais de uma imagem das potencialidades inatas do indivíduo, conforme vistas no mapa de nascimento e de nenhuma outra maneira - apresenta um tipo de responsabilidade normal e espiritual bastante diferente da que ocorre quando o astrólogo faz previsões definidas para seu cliente, baseado no estudo das progressões e dos trânsitos.

No primeiro caso, o quadro do mapa natal, se sabiamente apresentado, tem de ser contrário ao que o cliente conhece ao seu respeito. O cliente - se é uma pessoa amadurecida - poderá refutá-lo baseado em sua própria experiência. Se alguns pontos revelados na interpretação despertam nele uma súbita impressão de reconhecimento se "se encaixam" - indica que ele estava preparado para receber o conhecimento ou a revelação. Caso contrário, normalmente rebaterá as informações do astrólogo, dizendo que são tolices e uma prova da falta de competência do intérprete. Ele *pode* se recusar a crer na verdade ou na suficiência do quadro que o retrata e que lhe é apresentado; de fato, a pessoa comum, ao se ver diante de tal quadro, amiúde fecha a sua mente para ele, esquecendo-o bem depressa ou, então, distorce essa imagem para que possa combinar com suas próprias idéias sobre si mesmo. Desse modo, o perigo de o quadro ter efeitos desintegradores e negativos é relativamente pequeno, *desde que* não falte ao astrólogo um conhecimento, por mais rudimentar que seja, de psicologia e da natureza humana e, também, desde que o cliente não seja um neurótico incurável, pronto a acreditar em qualquer afirmação pelo simples fato de ser astrológica, especialmente toda vez que se referir a um aspecto negativo da sua personalidade.

A situação é diferente quando são feitos prognósticos para um indivíduo porque, nesse caso, ele não tem nenhum recurso contra o impacto de tais revelações. Está quase que totalmente desprotegido contra seus possíveis efeitos negativos. Mesmo que raciocine consigo mesmo e decida conscientemente não se afetar pelas previsões, sua *memória subconsciente* não desiste. Obviamente, tal fato se torna pior

quando o evento ou a tendência profetizada é infeliz e caso se desperte o medo das conseqüências - o que acontece em nove entre dez casos! - mas também poderá ter efeitos psicologicamente destrutivos até mesmo quando o que se espera é bastante afortunado, pois poderá levar a uma expectativa auto-satisfeita que enfraquece o vigor dos esforços do indivíduo.

Quando o astrólogo procura "ver adiante" na vida do cliente (e, obviamente, isso também se aplica à sua própria vida), já não lida com configurações celestes fixas e imutáveis do momento natal. Ele se move num reino de forças em movimento, de relacionamentos sempre fluentes - um reino onde em primeiro lugar, qualquer coisa poderá acontecer porque não há nenhuma maneira de limitar o alcance das influências possíveis; e, em segundo lugar, porque o tipo de *expectativa* que um indivíduo tem do futuro é um fator poderoso na determinação do que realmente vai acontecer. Esse é um ponto que jamais deverá ser esquecido.

Nenhum homem vive sozinho. Ele faz parte de uma família, de um grupo, de uma nação, da humanidade em geral e, finalmente, do universo inteiro. Ele age sobre o todo de que é uma parte, mas é influenciado muito mais vigorosamente por todos esses vários todos dos quais é uma parte. Como, então, um astrólogo poderia tentar traçar uma imagem coerente e válida de todos esses impactos mentais e influências correlacionadas que assaltam qualquer pessoa, especialmente na nossa tolerante e caótica sociedade do século XX? Por outro lado, o futuro não é algo que acontece por si mesmo, sem a interferência do indivíduo. A atitude individual, relativa ao futuro, ajuda a criá-lo; só isso torna absolutamente impossível determinar acontecimentos que irão ocorrer - e significa que o astrólogo assume uma grande responsabilidade ao condicionar a atitude do seu cliente em relação ao futuro.

Isso tudo, porém, não quer dizer que as previsões desse tipo sejam enganadoras ou indignas de confiança. Não apenas pode ser provado estatisticamente que previsões feitas por astrólogos eficientes, criteriosos, minuciosos e particularmente livres de prevenções e preconceitos apresentam uma porcentagem muito grande de exatidão, mas também podemos ver facilmente *como* as predições astrológicas podem ser corretas e *de que modo e dentro de que espécie de limites*

é possível esperar que sejam dignas de confiança. O fato básico a se ter em mente é que, não importando o que aconteça a um organismo (um corpo ou uma personalidade completa), só poderá ocorrer dentro dos limites da sua capacidade de reação. Nada poderá sair de uma pessoa que não esteja potencialmente dentro dela.

Traduzido para a linguagem técnica astrológica, isso significa que qualquer que seja o impacto das influências e das configurações planetárias após o nascimento, esse impacto seguirá as linhas de reação funcional mostradas no mapa de nascimento. Do mesmo modo, qualquer que seja a doença ou sensação incomum de exaltação que um homem pode experimentar, ele viverá essa experiência com seu corpo e com sua psique - portanto, dentro dos limites estabelecidos pela "anatomia" básica do seu organismo físico e psíquico. A estrutura fundamental da personalidade de um indivíduo é a "lei" e a "verdade" dessa personalidade; tudo o que vem para o indivíduo é condicionado por essa lei e por essa verdade.

Eu disse condicionado, não disse prefixado pelo destino. Os acontecimentos da vida interior ou exterior podem ser uma *compensação* de defeitos ou debilidades inerentes. Sob a pressão de eventos sociais ou cósmicos, uma pequenina abertura ou uma solução de continuidade na trama da personalidade, poderá se transformar num buraco escancarado, por onde as forças do Mal penetram. Todavia, se isso aconteceu é porque deve ter havido um ponto fraco na armadura da personalidade. O ponto fraco tem de estar marcado no mapa de nascimento e, no caso de ocorrência dessa intrusão de forças elementais ou destrutivas, o astrólogo deverá ser capaz de verificar (por meio dos vários métodos que usa para investigar os processos dinâmicos da existência humana) como e sob que circunstâncias básicas essa intrusão aconteceu. O conhecimento dessas circunstâncias em si poderá não ter um grande valor para a pessoa afligida, mas por meio dele o astrólogo criterioso pode descobrir o quadro particular de referência dentro do qual a intrusão aconteceu - essencialmente, portanto, *porque* aconteceu.

Digamos que um cidadão judeu da Alemanha é perseguido e torturado durante o regime nazista. Suas reações individuais às terríveis experiências são condicionadas por aquilo que ele é essencialmente, na qualidade de ser humano - portanto, pelas potencialidades

encontradas no seu mapa de nascimento. Poderá sobreviver aos tormentos com sua personalidade mais ou menos intacta ou, então, poderá perder a razão ou morrer. O tipo de tormento, as condições nas quais isso ocorreu e a época deverão ser indicadas por algum fator ou grupo de fatores astrológicos. Mas, o estudante de astrologia deve entender que *qualquer grupo de fatores* poderia se referir a esse tipo trágico de evento. Trânsitos poderosos, uma concentração de aspectos progredidos, eclipses, etc., poderiam ser os indicadores astrológicos. Ninguém poderia dizer *a priori* e antecipadamente quais seriam os símbolos fatais e, menos ainda, que nessa ocasião os nazistas estariam governando a Alemanha!

Psicológica e espiritualmente, o que é ainda mais importante, é que o judeu perseguido poderá, em princípio, ter sofrido pelo fato de ser um indivíduo predisposto a certos tipos de tragédia pessoal ou porque era um judeu vivendo na Alemanha. Pois, para o indivíduo, o conhecimento disso é, de fato, da maior importância *espiritual*, porque, desse modo, poderá determinar o "quadro de referência" da sua tragédia e o alcance da sua reação para a humanidade e para o universo - e, em consequência, o alcance da sua responsabilidade (ou seja, da sua capacidade de reação).

O psicólogo moderno adepto da escola de pensamento de Carl Jung perceberá imediatamente a importância do que foi dito acima, pois está habituado a diferenciar o inconsciente "pessoal" do "coletivo" e a relacionar com qualquer uma das duas áreas as indicações derivadas dos sonhos e de outros fatores psicológicos. O astrólogo deve desenvolver algum tipo similar de técnica para que suas interpretações e prognósticos possam ter um valor real para seu cliente. Acima de tudo, deverá compreender que o valor real da astrologia - ao menos psicologicamente falando - não reside na sua aptidão para dizer o que *provavelmente* acontecerá (e ele nunca poderá dizer mais do que isso!), mas sim na sua aptidão para ajudar o cliente a compreender plenamente, e em termos do seu ser total, o que está acontecendo ou já aconteceu.

Praticamente ninguém jamais saberá o que o seu "ser total" é. A maioria das pessoas vive em alguns poucos cantos da sua natureza, reagindo somente com a periferia do seu ser, nunca usando mais do que

uma fração muito pequenina das suas células cerebrais e, de um modo geral, das suas potencialidades inatas. Um mapa de nascimento é um símbolo tão abstrato (lidando apenas com umas poucas funções básicas) que, para o astrólogo, é realmente impossível deduzir por meio dele tudo o que um cliente gostaria de saber a respeito das suas potencialidades. É nesse ponto que entra em cena o uso dos trânsitos e das progressões, pois, estudando-os, o astrólogo poderá se tornar capaz de descobrir *quais* dessas muitas potencialidades serão acentuadas durante o processo da existência real, quais delas focalizarão a atenção do nativo ou serão trazidas à sua atenção pela pressão dos seus relacionamentos sociais e pessoais. Também poderá descobrir a época aproximada *na qual* essas focalizações irão ocorrer e sob que espécie geral de circunstâncias. Esse conhecimento, se adequadamente utilizado, pode contribuir para a conquista de uma personalidade mais plena, mais rica e mais total.

O que nos acontece é o que precisamos que nos aconteça. Conforme vamos vivendo e experimentando, nós nos relacionamos com homens, com coletividades e com um universo dinâmico e impessoal. Encontramos correntes, ressacas e marés históricas. Elas se movem de acordo com vastos ritmos sociais e cósmicos. Como rádios sintonizados neste ou naquele comprimento de onda, experimentamos essas ondas históricas em conformidade com nossa capacidade de reagir a elas - nossa seletividade. Os "aspectos progredidos" formados pelos nossos planetas indicam mudanças na sintonia e nos nossos modos de reação. Mas só podemos captar com nossos aparelhos receptores *o que está lá*. Podemos nos colocar em sintonia com uma onda uraniana de rebelião, contra relacionamentos que impõem obrigações. O astrólogo poderá nos dizer quando poderemos fazer isso, mas não poderá nos dizer o que essa onda uraniana trará à nossa consciência. Poderá ser uma luta política local ou uma abertura para uma nova demonstração da nossa capacidade de iniciativa. Poderá ser uma revolução que envolverá o globo.

O primeiro caso poderá nos instigar a um tipo de ação responsiva, que nos dará poder e prestígio local - sendo o quadro de referência local algo que podemos abranger construtivamente e manejar com sucesso. Mas, poderíamos ser um judeu-alemão vivendo durante os anos

de perseguição nacional ou mundial; nesse caso, nossa rebelde reação uraniana à vida provavelmente nos levaria a situações e nos colocaria contra forças coletivas que jamais poderíamos enfrentar construtivamente. Seríamos vencidos; a crise uraniana teria demonstrado ser destrutiva, mas ninguém poderia ter previsto a substância e as circunstâncias sociais de tal tragédia. O que apenas poderia ter sido prognosticado seria que em tal época estaríamos em sintonia com um tipo uraniano de onda histórica. A maioria de nós pode lidar com processos históricos de uma cidade pequena; muito poucos podem lidar com a história mundial e conservar sua integridade ou saúde.

Conforme iremos ver agora, as progressões tratam, teoricamente, da maneira como nos sintonizamos com os vários comprimentos de onda da experiência e criamos nossas oportunidades, enquanto os trânsitos se referem principalmente aos impactos do mundo exterior sobre nós - isto é, às realizações que nos são impostas pela nossa participação nos vários grupos, privados ou públicos, aos quais voluntariamente aderimos (ou fomos compelidos a isso). Na prática, porém, os dois tipos de fatores astrológicos estão constantemente interligados. Não podemos separar seus efeitos, não mais do que podemos separar o fato de que agimos como pessoas totais, de acordo com um ritmo individual de crescimento ou de desintegração, do fato de que agimos como partes de grupos humanos e coletividades que nos impulsionam e modelam, tenhamos ou não percepção disso.

Também nunca devemos perder de vista o fato de que obedecemos a um ritmo definido de desenvolvimento orgânico, dentro de um espaço de tempo básico de vida, simplesmente porque pertencemos à espécie humana, ao gênero *homo sapiens*. Portanto, as progressões e os trânsitos planetários deverão ser interpretados, tendo-se como referência as possibilidades humanas definidas pela *idade* do indivíduo.

Conseqüentemente, em vista de tudo isso, devemos concluir que, embora a determinação da natureza abstrata da nossa individualidade (a configuração espacial do nosso mapa de nascimento) seja uma questão teoricamente simples (não obstante se tome bastante complexa, ao tentarmos trazer as indicações abstratas para o nível das *realidades* fundamentais do temperamento e do caráter) é muito difícil determinar a maneira como essa individualidade se revela e se completa através

dos intrincados ciclos da vida. De fato, é uma impossibilidade, se por "determinação" significarmos a descrição de uma série de acontecimentos exatos, que podem ser esperados como ocorrências predeterminadas.

Um ser humano isolado representa um pequeno ciclo dentro de uma série interminável de ciclos muito maiores, concêntricos e excêntricos. Todos eles se influenciam mutuamente e se interpenetram. Nada está isolado. Nenhum organismo cresce num vácuo, do nascimento à morte, de semente a semente. Tudo o que o astrólogo pode revelar, enquanto estuda o caso de um indivíduo, é a ocasião em que o ritmo do seu ciclo será modificado por mudanças orgânicas essenciais ou pelas conseqüências dele ter se relacionado ou se exposto, consciente ou inconscientemente, voluntária ou involuntariamente, às energias emanadas dos outros todos orgânicos maiores, dos quais se tornou uma parte.

Ninguém pode dizer com antecipação que resultados serão esses. Uma vez aberta a porta, uma vez feito (ou rompido) o relacionamento, *praticamente qualquer* coisa poderá acontecer. É verdade que - em essência - a coisa acontece numa determinada direção, ou na direção do seu oposto polar; mas a natureza exata e especialmente o alcance, a extensão e as implicações do acontecimento são incalculáveis. Elas não podem ser conhecidas, simplesmente porque não podemos saber como o próximo organismo maior estará relacionado, na ocasião, com outros ainda maiores. Você abre o dique, através do qual as águas do curso de água ligam-se com um rio, que se liga com o mar. Você espera uns poucos metros cúbicos de água, e poderá ter de enfrentar uma onda gigantesca. Espera uma truta - e eis que surge um tubarão comedor de homens! A astrologia, conforme a conhecemos hoje em dia, não pode determinar qual das duas, eventualidades irá surgir. Somente poderá informar que numa determinada ocasião você desejará abrir o dique - e muito provavelmente irá abri-lo. Daí em diante, o risco é seu.

Num outro sentido, a predição é da mesma natureza da que o astrônomo faz sobre a chegada da primavera, por ocasião do equinócio. A primavera virá; essa é uma afirmação geral, abstrata. Mas, os resultados reais e concretos da primavera - o calor, as folhas verdes, as flores e uma feliz sensação de renascimento - poderão vir no final de

fevereiro ou de abril, porque o cruzamento exato do Equador pelo Sol, embora seja um fator básico, não é o único que influi na mudança do clima e no crescimento das plantas. A primavera virá, mas, que espécie de primavera? O que ela trará para a humanidade? Para isso o astrônomo também não poderá dar respostas.

Do mesmo modo, o astrólogo pode ver que dentro de um número definido de dias ou de anos, depois do nascimento do indivíduo, Júpiter e Saturno agirão um sobre o outro na forma de uma quadratura. Por meio desse e de outros fatores, poderá deduzir que uma crise no desenvolvimento do indivíduo irá ocorrer durante um certo ano - um pouco antes ou um pouco depois. Poderá avaliar com bastante exatidão o caráter básico da crise, a necessidade humana que focalizará e o tipo geral de atividades individuais e de circunstâncias que nela estarão envolvidas. O que não poderá prever são os acontecimentos exatos que colocarão a crise em foco, ou a maneira como o indivíduo reagirá ao seu desafio.

Toda crise é um desafio. Todo aspecto progredido ou trânsito é uma oportunidade para transformação, expansão ou purificação. É uma porta que se abre sobre o vasto oceano da vida e do inconsciente coletivo universal. A principal tarefa da astrologia é nos ajudar a enfrentar o que chega a nós através dessa porta, e não a de especular a respeito de algumas de suas aberturas, ainda remotas, ainda irreconhecíveis. Cada passo à frente - cada crise de crescimento - é uma perda de equilíbrio imediatamente neutralizada por um esforço para restaurá-lo. Se tentamos dar dois passos ao mesmo tempo, *caímos*.

O homem sensato sabe disso. Ele não se preocupa com os problemas que ainda não chegaram. Contudo, na sua compreensão da atividade cíclica da natureza, pode ter a respeito das coisas uma visão impessoal e de longo alcance. Estudando a natureza e seus ciclos, ele se prepara para enfrentar qualquer coisa que a natureza lhe tenha reservado, ou a qualquer outra pessoa com quem esteja relacionado. Ele aprende as leis da mudança; se recusa a se apegar às formas e a temer o desafio do que é novo. Assim, ele também se recusa a se preocupar com o novo, que ainda não nasceu e que talvez nem sequer tenha sido concebido. Ele é sábio, porque está tão livre do futuro como do passado.

Tal sabedoria é tão difícil quanto rara. Contudo, sem ela, a astrologia profética não serve a qualquer propósito psicológico válido.

DÉCIMO PASSO

O Estudo dos Trânsitos e dos Ciclos Naturais

Trânsitos Versus Mapa de Nascimento

Durante muitos milênios a raça humana empreendeu grande esforço espiritual no sentido de compreender o significado pleno e real de duas idéias básicas. A primeira delas foi a de que o mundo mutável não devia ser considerado (e temido) como um caos de energias, que se forma e se dissipa sem qualquer sentido, mas sim como um reino ordenado de atividade universal, onde o movimento é essencialmente periódico ou cíclico - mesmo quando não parece ser assim para os nossos sentidos superficiais e, mais ainda, para as nossas emoções confusas e cheias de medo. O segundo conceito básico é o de que, se soubéssemos definir corretamente os ciclos, veríamos que *cada ciclo poderia ser considerado o período de tempo vital de um tipo específico de entidade, que manteria características específicas, biológicas ou psico-espirituais, durante o ciclo inteiro.*

É com base neste segundo conceito que os esforços milenares dos líderes espirituais da humanidade têm se encaminhado, têm se dirigido para o objetivo de fazer com que cada homem seja capaz de compreender que é *uma identidade permanente* - isto é, permanente durante todo o tempo de duração de um ciclo. Vimos esse conceito em desenvolvimento na antiga Ásia e na Caldéia, em primeiro lugar, por meio da construção da imagem de deuses cíclicos (AEons), deuses que operavam desde o princípio até o fim de imensas Eras cósmicas - tendo o tempo sido dividido em períodos de manifestações e de dormências dos deuses que tornavam a despertar no momento do novo amanhecer cósmico.

Todavia, depois de milênios de desenvolvimento mental, alguns poucos começaram a pensar num Ser Supremo que não dormia durante os períodos de repouso ou dissolução universal; que não apenas mantinha a integridade do seu ser durante todas as fases de tempo concebíveis, mas também permanecia ativo de uma maneira misteriosa e transcendente. Há mais ou menos cinco mil anos atrás, filósofos e iogues hindus compreenderam que tal condição de ser, misteriosa e transcendente, não precisava permanecer desconhecida. Ensinararam que o homem é intrinsecamente idêntico, em essência, ao Ser Supremo e, por conseqüência, não tinha de ser escravo do sono ou da morte. O homem podia continuar a existir além do encerramento do ciclo de vida, no qual havia emergido como um indivíduo. Podia transpor os ciclos e *conhecer seu eu Divino* - se estivesse disposto e fosse capaz de se submeter a disciplinas de comportamento e de pensamento muito rigorosas.

Nessa evolução da consciência espiritual do homem, a astrologia desempenhou um papel dos mais importantes. Em primeiro lugar, ela deu a prova visível e demonstrável de que o primeiro dos dois grandes conceitos mencionados era correto - isto é, a prova de que o tempo era cíclico, de que a mudança significava uma seqüência periódica de transformações ou metamorfoses, que podiam ser medidas e previstas. Mais tarde, a astrologia também forneceu uma representação, ao menos simbólica, do conceito de que todo homem é um indivíduo em potencial; isto é, que há nele, além de todas as mudanças superficiais de humor, temperamento e caráter, *uma permanente estrutura individual de ser*. Essa estrutura permanente deve estar lá, se vai haver "imortalidade individual". Ela é a identidade imutável - o "arquétipo" - da pessoa individual que existe no 'mago de todas as mudanças biopsicológicas. E o mapa astrológico de nascimento.

O mapa de nascimento não muda, mas o mundo caminha e os corpos celestes prosseguem nos seus movimentos cíclicos, como se nada tivesse acontecido. Todavia, uma coisa extraordinária aconteceu: um homem nasceu com a capacidade *potencial* de parar o tempo em si mesmo e imortalizar a estrutura da sua individualidade - a estrutura modelada de acordo com o céu inteiro, tal como estava no momento da sua primeira respiração. Se ele consegue fazer isso, torna-se, na realidade e como personalidade humana viva, seu próprio céu - isto é,

a projeção de Deus sobre a Terra, de uma fase da Sua existência universal num momento do tempo. A imortalidade individual é, portanto, a superação da constante fatalidade da mudança por alguma coisa que resiste à mutação - ou, falando de um modo abstrato, a superação do tempo pelo espaço. Isso também significa a superação da "Natureza" pelo "ser", pois o ser é a identidade imutável do indivíduo - o "Eu"; e o "Eu" é, fundamentalmente, a estrutura estável do ser, com o qual todos os fatores de mudança têm de estar relacionados para que possa haver consciência.

Se o "Eu" e sua representação celeste (ou "assinatura"), o mapa de nascimento, não mudam, a Natureza, por outro lado, é mudança perpétua. Ela é a expressão multitudinária da influência recíproca de forças e energias, sempre crescendo e minguando, que se configuram no que percebemos como corpos (desde as moléculas até os planetas) e depois se dissociam, deixando as entidades materiais evanescentes desmoronarem. Graças à astrologia (e às ciências que surgiram dela), agora sabemos que a Natureza é organizada; suas manifestações são cíclicas e podem ser medidas pelos movimentos regulares dos corpos celestes. Sabendo isso, não precisamos temer essas mudanças naturais - entre elas a velhice e a morte corporal - mas, também, ainda temos de entender que manter (e talvez imortalizar) a nossa personalidade individual significa *superar a Natureza*, suas transformações e desintegrações incessantes e sua tendência universal de decair para um nível morto ("entropia").

Astrologicamente falando, isso significa que a integridade do nosso mapa de nascimento deve ser mantida contra a pressão do universo de mudança (natureza) - portanto, contra os novos impactos de todos os corpos celestes, que têm suas posições alteradas depois do nosso nascimento. Esses impactos constantes se referem ao que os astrólogos chamam de "trânsitos". *Um trânsito é a manifestação focalizada da pressão interminável, aplicada pela Natureza, sobre a estrutura natal, arquetípica, da nossa personalidade.* Ela coloca a força do universo de mudança - e dos fatores sociais, coletivos, presentes na experiência individual que constitui a "natureza humana" - contra a integridade do indivíduo; portanto, coloca as efemérides contra o mapa de nascimento!

Todos os trânsitos (excetuando-se as passagens dos planetas sobre os lugares que ocupavam no mapa de nascimento) tendem a distorcer e a desfigurar a estrutura básica do nosso ser, a tirá-lo do seu equilíbrio. Portanto, eles são desafios. Se os enfrentamos e permanecemos fiéis à nossa própria "verdade" arquetípica (que pode ser lida no mapa de nascimento), então teremos ganho muito em consciência e em força. Superando a mudança ou a oposição, teremos aprendido muito a respeito do que somos como uma individualidade imutável. Portanto, seremos capazes de viver mais plenamente, de encarnar mais do nosso ser na vida terrena, de expressar nosso caráter de uma forma mais convincente, *de transformar em ação o que somos em potencialidade* - que é a base da "imortalidade pessoal".

As Técnicas dos Trânsitos, Velhas e Novas

Estas afirmações podem se tornar mais claras e mais utilizáveis, quando analisamos a técnica por meio da qual o astrólogo estuda esses trânsitos. Tendo diante de si o mapa de nascimento, calculado sobre o exato momento da primeira respiração (o primeiro momento de existência independente como indivíduo), o astrólogo abre suas efemérides. Se ele deseja estabelecer o trânsito que está em vigor em qualquer momento determinado, em relação a esse mapa, procura esse ano e esse dia nas efemérides e anota as posições zodiacais de todos os planetas. Em seguida, coloca-as dentro do imutável "quadro de referência" do mapa de nascimento e vê em que casas elas caem. Também calcula os relacionamentos angulares formados entre essas novas posições planetárias e as posições que os planetas ocupam no mapa natal.

Vamos imaginar que, no mapa natal analisado, Netuno se encontrava nos 19° 48' de Câncer (19 de agosto de 1910). No dia 3 de maio de 1946, de acordo com as efemérides, poderá ser encontrado no mesmo ponto zodiacal; 19° 48' de Câncer. Júpiter está a noventa graus de distância, em 19° 48' de Libra, recebendo uma oposição de Mercúrio que está atravessando o 20° de Áries. O astrólogo então dirá que Saturno está transitando sobre o Netuno natal; que ambos, Júpiter e Mercúrio, estão formando quadraturas por trânsito com esse Netuno natal. E também que, mais ou menos na mesma época, Marte fará uma conjunção por trânsito com o Sol natal (a 7° de Leão).

O astrólogo examinará esses vários trânsitos e procurará determinar o significado de cada um deles; então, tentará coordenar as indicações, obtidas dessa maneira, formando com elas um quadro mais ou menos coerente do que o nativo poderá esperar nesse dia ou perto dele, 5 de maio de 1946. Ele dirá que a força de Saturno em trânsito, superpondo-se sobre a de Netuno natal, afetará qualquer coisa representada por Netuno no mapa de nascimento - talvez sua consciência social ou sua percepção dos valores espirituais ou, então, seu subconsciente. Se há uma predisposição às doenças relacionadas com a posição natal de Netuno em Câncer, Saturno provavelmente reforçará ou consolidará tal tendência; mas, também, se Netuno em Câncer significa uma percepção difusa e vacilante das responsabilidades do lar, Saturno, movendo-se sobre esse Netuno natal, poderá obrigar o nativo a assumir uma atitude mais firme, mesmo que isso possa ocorrer sob circunstâncias dolorosas e um tanto agressivas.

O trânsito de Marte sobre o Sol natal em Leão, por outro lado, seria interpretado como uma indicação veemente e emocionalmente estimulante; enquanto o fato de Júpiter e Netuno enviarem uma quadratura por trânsito ao Netuno natal, tenderia a aumentar as pressões sociais e mentais sobre o nativo. Em outras palavras, os relacionamentos entre cada "planeta em trânsito" e cada "planeta natal" terão de ser analisados e interpretados de acordo com os significados tradicionais encontrados nos livros, velhos e novos.

Há, todavia, além desse método estritamente analítico, outras formas de abordar o estudo dos trânsitos. A forma mais validamente comprovada nos últimos tempos baseia-se no exame do relacionamento cíclico, por trânsito, de todos os planetas em movimento com todos os planetas natais e, também, no estudo do significado dos períodos da vida, definidos pela permanência dos planetas em trânsito em cada uma das doze casas ou em cada um dos quatro quadrantes do mapa de nascimento.

No exemplo mencionado, por ocasião do nascimento, Saturno estava localizado a 6° 18' de Touro. Este planeta, por ter seu período sideral uma duração média de 29 anos e 9 meses, move-se no zodíaco após o dia do nascimento e retorna ao seu lugar natal cerca de 30 anos depois. Quando seu movimento é observado dentro do quadro de

referência do mapa natal - isto é, à medida que o astrólogo percorre as páginas das efemérides, mês após mês e ano após ano - poder-se-á ver que esse Saturno em movimento irá se colocar em conjunção com cada um dos planetas que estão no mapa de nascimento e atravessará sucessivamente cada uma das casas. Desse modo, feito o gráfico de um ciclo inteiro de 30 anos, de Saturno em movimento ao redor do mapa fixo natal, serão descobertos "períodos críticos", isto é, os anos e os meses em que esse Saturno forma aspectos fortes com os planetas de nascimento e as épocas em que ele passa de uma casa para outra - especialmente, de um quadrante para outro (os 4 "ângulos" do mapa natal, definindo esses quadrantes).

Em outras palavras, pode-se ver a *evolução* do que quer que Saturno represente no mapa - a função-Saturno na sua expressão individualizada - durante todo um período de 30 anos da vida do indivíduo, como consequência da maneira pela qual Saturno se vê relacionado com as outras funções planetárias existentes dentro da personalidade. Cada planeta tem seu próprio ciclo, e o mesmo procedimento pode ser seguido para cada um deles. Assim sendo, embora o mapa de nascimento indique o *ponto de partida* dessas atividades funcionais (principalmente, o fator hereditariedade), os trânsitos indicam sua *evolução* contínua, desde o nascimento até a morte.

Tal interpretação do significado dos trânsitos é inteiramente correta e válida. Contudo, deixa de levar em conta o fato de que o mapa de nascimento é o *arquétipo imutável da personalidade do indivíduo* e não apenas o *ponto de partida* original e fundamental *da vida de uma pessoa*. Sendo esse arquétipo, o mapa de nascimento estabelece uma meta. Todavia, essa meta é constantemente obscurecida pela influência recíproca e pela ação secundária das energias inconscientes e elementais da natureza - a menos que o indivíduo consiga esclarecer e fortalecer sua percepção e compreensão dessa meta divina, enfrentando vitoriosamente os desafios da natureza e da transformação.

O que os acontecimentos reais são e irão ser depende do resultado cotidiano dessa peleja ou conflito entre o ser e a Natureza, entre a individualidade que está se estruturando dentro da criatura humana e a pressão das forças cósmicas e coletivas em constante mudança da sociedade e do clima - *entre o mapa de nascimento como um todo e o*

céu inteiro, conforme está representado nas efemérides durante os anos posteriores ao momento natal.

Estudar os trânsitos planetários é comparar o mapa natal e o "estado do céu" em qualquer momento escolhido; quanto a tal ponto, todos os astrólogos concordam basicamente. Apenas discordam um pouco na maneira de interpretar o relacionamento entre os dois fatores em comparação. Em minha avaliação, os movimentos planetários em trânsito, depois do nascimento, não representam diretamente uma *evolução* das funções, cujo caráter individual foi indicado pelas posições e pelos aspectos natais desses planetas, mas, antes, um *desafio* à estrutura do mapa de nascimento, considerado um arquétipo imutável da personalidade individual.

Examinemos um mapa de nascimento no qual Júpiter está em sextil com Saturno. De acordo com meu ponto de vista, o movimento de Júpiter após o nascimento, revelado pelas efemérides, tenderá a nublar e a distorcer o relacionamento natal entre esses dois planetas (portanto, a forma arquetípica e a meta das funções sociais ou religiosas existentes no indivíduo, sua orientação para os intercâmbios comunitários, seu senso de estabilidade e segurança sócio-pessoal - estando todas essas coisas ligadas ao relacionamento entre Júpiter e Saturno). O mapa de nascimento definiu, como um "sextil", o caráter e o propósito do relacionamento. Contudo, a vida, dia após dia, tende a alterar essa definição, transformando o relacionamento - tornando-o uma quadratura, uma oposição, etc. Isso significa uma "evolução" do relacionamento? Em vez disso, eu digo que significa um "desafio" para o indivíduo como um todo, do qual o permanente caráter espiritual do sextil de Júpiter e Saturno era uma parte integrante.

Todavia, uma mudança nas posições de Júpiter ou de Saturno passará a significar um *fortalecimento* da individualidade natal, quando os planetas retornam para as suas posições de nascimento e, também, quando no céu o aspecto entre eles é mais uma vez um sextil - duas ocorrências inteiramente diferentes. Contudo, um desafio poderá significar - como já vimos - uma ampliação da consciência quando vitoriosamente enfrentado, ou um obscurecimento da configuração espiritual básica da personalidade e do caráter do indivíduo. Qual das duas alternativas provará ser um fato algo quase impossível de ser

determinado com qualquer grau de exatidão; essa impossibilidade é realmente a marca da liberdade espiritual do indivíduo. Porém, o que *pode* ser determinado com bastante exatidão é a natureza do desafio e o tipo geral de circunstâncias nas quais ele ocorrerá.

Quando Franklin D. Roosevelt, em agosto de 1921, foi atingido pela paralisia infantil, o poder fatídico das energias naturais, do clima e do vírus colocaram diante dele um terrível desafio. Se procurarmos trânsitos astrológicos para interpretar o significado de tal desafio, o que encontraremos? Uma conjunção de Marte e Netuno em Leão, na décima primeira Casa, em oposição ao Sol natal e à Roda da Fortuna de Roosevelt, bem como em quadratura com seu agrupamento formado por Saturno, Netuno e Júpiter na oitava casa - uma conjunção entre Sol e Mercúrio aos 29° 49' de Leão, na entrada da décima segunda casa, em oposição ao seu Mercúrio natal (o regente do mapa) e em quadratura com seu Marte na décima casa - uma conjunção de Júpiter e Saturno no seu Ascendente (de acordo com a hora do nascimento dada no diário do seu pai).

Seguindo o primeiro método de avaliação desses trânsitos, o astrólogo tomaria cada um deles isoladamente, julgando a força e o significado de cada um. Por exemplo, a oposição de Netuno ao Sol natal enfraquece a vitalidade; Leão e Aquário sugerem problemas na espinha e no coração e também lesões nas pernas. Além disso, pelo fato de Marte estar em conjunção com Netuno, podemos deduzir a possibilidade de um tipo de acontecimento súbito e pernicioso, que - uma vez que Saturno, Netuno e Júpiter estão sob uma quadratura - é bem capaz de afetar adversamente a posição social, a robustez etc.

A conjunção de Júpiter e Saturno no Ascendente natal é um trânsito por meio do qual podem ser deduzidas muitas coisas, se consideradas isoladamente. Poderá significar uma responsabilidade nova, uma ligação entre os destinos pessoal e nacional; de fato, ela envolve um desafio. Mas que espécie de desafio e como podemos esperar que o indivíduo reaja a ele? Os novos métodos de análise dos trânsitos nos ajudarão a responder a essas perguntas.

Podemos considerar o ciclo de trânsito de Saturno como um todo, assim como dizer que sua chegada ao Ascendente libera alguma espécie de semente do futuro que, todavia, não germinará e não crescerá

até que o planeta atinja o nadir do mapa de nascimento e comece a subir em direção ao Descendente e ao zênite. Portanto, o trânsito de Saturno é mostrado como sendo uma fase crítica do ciclo saturnino de 30 anos - do mesmo modo o trânsito de Júpiter sobre o Ascendente é mostrado como uma fase crítica de um ciclo de 12 anos.

Podemos dar mais um passo à frente. Júpiter e Saturno estavam em conjunção no mapa de nascimento de Roosevelt. Uma conjunção dessas ocorre a cada 20 anos (ou aproximadamente isso, considerando os movimentos de retrogradação dos planetas). Se nos reportamos ao que afirmei anteriormente, a conjunção de 1921 deveria ser compreendida como um fator de *fortalecimento* da personalidade individual de Roosevelt porque, aqui, a "Natureza" (na sua condição de mudança, no verão de 1921) repetiu a configuração encontrada na estrutura do seu "ser" permanente (o mapa natal). Do mesmo modo, a conjunção Júpiter-Saturno, de 1940/41, reafirmou o prestígio social de Roosevelt, que foi reeleito para um terceiro mandato ou cargo, sem precedentes. O fortalecimento de 1921 também definiu-se pelo fato de ter ocorrido em relação ao Ascendente; a conjunção, então, desviou a força de vontade original do espírito individualizado, que era F. D. Roosevelt. Em 1940/41, porém, o fortalecimento foi social e baseado nos frutos das suas associações com colaboradores, pois a conjunção ocorreu na oitava casa (a da fruição do relacionamento) e em conjunção com Netuno. O fortalecimento também foi particularmente poderoso devido ao fato de que a nova conjunção Júpiter-Saturno ocorreu na mesma área da conjunção natal.

Esse tipo de análise poderá ser aplicado à mencionada conjunção Marte-Netuno, que ocorreu quando F. D. Roosevelt foi atingido pela paralisia. No seu mapa de nascimento, Marte retrógrado, na décima casa, estava num aspecto de *semiquadratura*, com Netuno na oitava, mas em agosto de 1921 tais planetas se colocaram em conjunção no 15° de Leão, na oitava casa natal (aspirações sociais, esperanças, desejos, etc.). Assim, porque a semiquadratura é um sinal de estimulação e mobilização, a tarefa de Roosevelt, em conformidade com sua configuração arquetípica de personalidade e propósito, foi mobilizar sua iniciativa profissional e seu poder mental de penetração (Marte em Gêmeos, na décima casa), num esforço para despertar seu povo (a coletividade

netuniana) para uma necessidade de regeneração (Netuno na oitava casa) e para uma "nova política" de organização social (a conjunção de Júpiter, Netuno e Saturno).

Quando chegou o mês de agosto de 1921, a "Natureza" tentou puxar a semiquadratura natal de Marte e Saturno para uma condição de conjunção - para, desse modo, alterar e distorcer a individualidade e o propósito espiritual de Roosevelt, solapando (Netuno) os próprios fundamentos das suas esperanças de conquistar seu ideal de liderança marcial (Marte-Netuno na décima primeira casa). Foi este o desafio que a Natureza fez à sua personalidade. Como Roosevelt o enfrentou com sucesso e individualizou em si mesmo a necessidade de uma nova sociedade (a força de Júpiter e de Saturno sendo "assimilada" por seu Ascendente natal), o desafio do céu de agosto de 1921, ao seu ser individual, levou-o a uma percepção muito maior do propósito e da força espiritual.

Muito mais deveria ser dito para demonstrar a possível aplicação prática dos conceitos que tentei definir resumidamente, mas acredito que o princípio geral ficou bem claro. O que é revelado pelos trânsitos e pela configuração geocêntrica do sistema solar dia após dia é a pressão constante exercida por todos os fatores coletivos e inconscientes, que ameaçam permanentemente a estabilidade do caráter, do propósito e da personalidade essencial de um indivíduo. Contudo, há magia nessa pressão da Natureza contra os limites do ser individual, semelhante à pressão do mar contra os organismos que nele vivem. Resistindo a essa pressão, o homem pode obter uma consciência plena de sua personalidade e do propósito que Deus lhe ordenou. Tendo de enfrentar o impacto de uma Natureza que prossegue no seu caminho, impassível e misteriosa, envolvida no interminável curso de ciclos de nascimento e morte, o homem se vê sob a compulsão de se tornar imortal - ou de se desintegrar juntamente com todos os produtos da estação.

Portanto, Natureza, mudança, tempo são alguns dos muitos nomes dados a essa compulsão, chamada "*maya*" pelos hindus, ou seja, ilusão. Contudo, *maya* também é Maria, a maternidade universal, o mar - por meio de cuja dominação, a "semelhança de Deus", latente em cada homem, pode ser individualizada e incorporada numa personalidade imortal. A astrologia dos trânsitos nos traça, nas páginas das efemérides, o caminho da nossa imortalidade, porque nos dá o

plano geral do que teremos de superar e assimilar. Se ela não detalha eventos concretos com exatidão é porque aquilo que chamamos de "eventos" resultam do encontro do nossos propósito e da nossa personalidade individual com as muitas ondas, remoinhos e ressacas da Natureza. Sozinha, a Natureza não produzirá eventos. Nosso contato com ela - quer seja conflitante ou harmônico - é que dá origem aos acontecimentos. O destino é apenas um dos dois parceiros que existem na vida; o outro é a Idéia divina, isto é, a nossa substância espiritual. Cada evento registra a vitória do nosso Deus ou sua derrota - até que a luta seja tentada novamente.

Trânsitos de Urano, Netuno e Plutão

Alguns desafios representados pelos trânsitos têm objetivos de longo alcance. As mudanças que produzem na nossa personalidade demoram muito a aparecer. Seus resultados finais estão praticamente além de nós, além da nossa possibilidade de experimentá-los plenamente no nosso curto período de vida. Todavia, podemos ver seu desenvolvimento - quer eles tendam a desintegrar nosso corpo ou, então, a imortalizar nossa personalidade - mesmo no caso de não podermos ou de não ousarmos ver os objetivos desses processos. Aqui estou falando dos processos de desafio que podem ser medidos pelos ciclos siderais dos planetas remotos, Urano, Netuno e Plutão, e que são expressões desses ciclos.

Urano faz uma revolução em torno do Sol em 84 anos; Netuno em quase o dobro desse período (isto é, num tempo médio de 165 anos); Plutão em pouco menos de três vezes o mesmo período de tempo (248,4 anos). O relacionamento entre esses ciclos (3-2-1) é absolutamente extraordinário e deve revelar algum fato de profunda significação. As tradições mitológicas falam dos "três passos" dados pelo Deus criador no princípio dos mundos, mas isso se refere ao processo de concentração das coisas universais em particulares. Em termos da evolução individual, os três planetas transsaturninos (isto é, que estão além de Saturno) simbolizam as três fases de um processo de universalização que - se bem-sucedido - liberta a consciência das limitações e da focalização acanhada, imposta sobre tal evolução pela rigidez saturnina do ego.

Eu disse que o movimento contínuo dos planetas, ano após ano, depois do nascimento, representa a "Natureza", em eterna mudança, em contraposição com a "personalidade individual" definida pelo mapa natal. Todavia, de acordo com todas as doutrinas religiosas ou ocultas, o homem é aquele ser dentro do qual dois tipos de natureza entram em contato e devem eventualmente se integrar, sendo o ego saturnino o foco para a integração. Podemos chamar essas naturezas de celeste e terrena, ou podemos dar-lhes qualquer outro nome que preferirmos; essencialmente, elas dizem respeito aos dois pólos das duas consciências, a universal e a particular. Os movimentos cíclicos dos planetas transaturninos simbolizam a pressão da "Natureza universal" sobre nosso ego limitado; o movimento dos outros planetas (de Saturno até o Sol) simbolizam a pressão do nosso tipo particular de natureza humana, orgânica e condicionada pela Terra. Os trânsitos de Urano, Netuno e Plutão nos desafiam a nos tornarmos *mais do que homens*; os outros trânsitos, nos desafiam a nos tornarmos *homens maiores e melhores*. A distinção é bastante significativa.

No que toca ao primeiro processo (o de nos tornarmos "mais do que homens"), o principal ciclo é o de Urano, pois só ele pode ser contido dentro do tempo normal de duração da vida humana - a despeito das exceções. Esse ciclo se divide em períodos de 12 e de 7 anos - os doze períodos de 7 anos se referem principalmente ao desenvolvimento das facetas mais elevadas do caráter, enquanto os sete períodos de 12 anos se referem principalmente às mudanças ocorridas no nosso panorama social e financeiro (uma vez que o ciclo de 12 anos é essencialmente jupiteriano). Esses períodos se relacionam com os aspectos formados por Urano em trânsito com a sua posição no mapa natal. Falando toscamente, Urano se coloca, por trânsito, em oposição à sua localização natal, quando o homem atinge mais ou menos 42 anos de idade; essa posição se refere à crise psicológica dos quarenta anos, à "mudança de vida" psicológica (se não biológica) que ocorre tanto nos homens como nas mulheres. Os aspectos de quadratura por trânsito ocorrem ao redor dos 21 anos (a "chegada da maioridade"); por volta dos 63 (a "idade da filosofia", a arrecadação de todas as energias biológicas em direção a uma "semente" espiritual - ou a cristalização delas num estado de senilidade).

Esses cruciais períodos de idade atestam os *desafios à metamorfose*, desafios para o homem se tornar, como indivíduo, mais do que o homem coletivo é atualmente - portanto, transcender a regra da humanidade dos nossos dias (mesmo ela sendo, em média, culta e inteligente). Falando de um modo geral, esses desafios operam através da liberação de estimulantes mentais ou psíquicos que tendem a nos deixar insatisfeitos com o que somos, portanto, realmente desafiando a nossa capacidade de alcançar mais longe ou (como Nietzsche escreveu) de "saltar além da nossa sombra". Saltar talvez signifique quebrar o pescoço, mas de vez em quando o salto leva os homens para novos reinos de consciência 1

Esses períodos de trânsito se aplicam a todos os seres humanos sendo, por consequência, "genéricos". Mas os aspectos que Urano em movimento forma com os outros planetas do mapa de nascimento referem-se às oportunidades "individuais" de crescimento - ou à perda parcial da integridade pessoal, se a pressão não é usada construtivamente. Toda vez que Urano em trânsito encontra um planeta, a função representada por esse planeta tende a ser altamente estimulada ou transtornada; o desafio da "Natureza mais elevada" é para que essa função opere num *nível mais universal*. Todas as revoluções uranianas têm seu objetivo transcendente. Caso ele não seja alcançado, então a revolução simplesmente resulta numa mudança externa, que na realidade não muda nada, ou num transtorno inútil.

A passagem de Urano, por trânsito, através de todos os quadrantes do mapa de nascimento - e através de cada uma das casas - também oferece indicações básicas, uma vez que estabelece um ritmo quádruplo de desenvolvimento espiritual e dá um significado adicional à casa ocupada por ele no momento do nascimento.

O que Urano coloca em operação, Netuno substancia - o que poderá indicar a dissolução das paredes saturninas abaladas por Urano, ou a gestação da semente universalista transcendente, projetada por Urano. Toda vez que Urano por trânsito chega até Netuno, tal fecundação uraniana pode ocorrer - o que não quer dizer que ocorrerá obrigatoriamente, sendo a inércia humana o que é! Na maioria dos casos, Netuno nem mesmo chega a alcançar por trânsito o ponto de oposição ao seu lugar natal. Em outras palavras, o desafio netuniano, dirigido ao

ego saturnino, *prossegue, quando muito, apenas até o meio do caminho, no decorrer do tempo de uma vida*; a outra metade trata das condições enfrentadas depois da morte pelo ego, que o desafia a passar por um tipo de desenvolvimento (ou dissolução) sobre o qual, infelizmente, quase nada sabemos!

Na maioria dos casos, só um terço do ciclo de trânsito de Plutão se completa durante uma vida, mesmo sendo muito longa. Enquanto caracteristicamente Urano age como um impulso direto numa única direção, a ação de Netuno é bidimensional - espalha-se como óleo - e a força de Plutão opera como um sorvedouro, numa sucção semelhante a uma espiral ou explosão. Os desafios de Plutão, ao serem enfrentados com sucesso, exigem do homem um poder incomum de integração estrutural. Ou as energias explosivas têm de ser conservadas dentro de uma "máquina" forte e seu uso tem de ser controlado ou, então, o indivíduo deve se manter o mais firme possível e resistir para não ser arrastado para algum tipo de sorvedouro. Toda vez que Plutão cruza por trânsito um ângulo do mapa natal, uma forte exigência é normalmente feita ao indivíduo, com respeito à natureza do propósito essencial da sua vida. Onde Plutão estiver, aí estará a chave para a *maior contribuição* que o homem pode oferecer à *sociedade e ao universo*.

Trânsitos de Saturno e de Júpiter

Esses dois planetas definem o lugar e a participação de um indivíduo na sociedade, ou em qualquer todo maior, no qual ele opera como parte ativa. Os ciclos de trânsito de ambos estabelecem oportunidades de participação social, assim como mudanças relativas ao lugar ocupado pelo indivíduo na sociedade ou em qualquer organização coletiva permanente (por exemplo, uma religião, um partido político tradicional, etc.).

Saturno estabelece o "lugar" certo e seguro do indivíduo na coletividade e também o seu senso subjetivo do "Eu", resultante dessa colocação no todo maior. O ciclo de Saturno, de quase 29 anos e meio, pode ser repetido três vezes num tempo de vida normal e esses três ciclos correspondem aproximadamente ao período uraniano completo. Aqui tornamos a encontrar a já mencionada regra dos "três passos". Esses três ciclos de Saturno representam *teoricamente* as três

polarizações sucessivas do ego de um homem nos três níveis básicos da personalidade - biológico, psicomental e espiritual. No primeiro nível, Saturno é o pai físico; no segundo (dos 29 anos e meio de idade até os 59), é ego individual; no terceiro, a Paternidade divina (dos 59 aos 88 anos) - ou melhor, Saturno é o *tipo de segurança* (e de consciência de "lugar") que corresponde à procura de apoio do indivíduo no (1) pai físico, (2) no seu próprio ego individual e (3) no Pai Divino. Obviamente, esses três tipos podem ser sentidos em qualquer tempo, mas cada um deles normalmente é *ênfatizado* (com menor ou maior intensidade) durante o ciclo de vida correspondente.

A consciência do lugar que ocupamos na família, ou no organismo coletivo da sociedade, ou então no universo espiritual, se expande durante o ciclo de Saturno em trânsito. A configuração do trânsito pode ser estudada do mesmo modo como já descrevi resumidamente, com referência aos trânsitos de Urano. À medida que Saturno se move de um quadrante a outro, ocorrem mudanças tanto na nossa abordagem subjetiva dos fatores fundamentais do ser individual, quanto no nosso relacionamento prático com a sociedade ou função dentro dela. Quando Saturno está no primeiro quadrante, geralmente se apresentam as melhores oportunidades para a repolarização interior. A "Natureza" ou sociedade desafia o homem a reconsiderar sua atitude em relação a "si mesmo" - no segundo quadrante, a aperfeiçoar ou renovar suas técnicas de expressão - no terceiro, a ampliar ou aprofundar sua base operacional - e, no quarto, a estampar sua imagem e seu propósito sobre a humanidade (isto é, a assumir uma responsabilidade pública), ou a colher os frutos do passado e se preparar para um crescimento futuro.

O ciclo de trânsito de Júpiter cobre um período de menos de 12 anos, em média. Ele tem relação com o *senso de participação do homem na sociedade* - sua confiança enquanto participa (que atrai sucesso e expansão para ele) ou suas dúvidas e hesitações (que atraem fracassos e frustrações). O período de 12 anos tem sido usado para medir o padrão dos altos e baixos financeiros e sociais de um homem - cada período iniciando quando Júpiter retorna por trânsito à sua posição natal e cada série de doze anos sendo considerada uma "mansão" do planeta, com características semelhantes às das doze casas regulares. Contudo, a maneira comum de analisar e interpretar os trânsitos através

de todos os quadrantes do mapa de nascimento é tão significativa no caso de Júpiter como no de todos os outros planetas.

Júpiter e Saturno são opostos polares. Eles são os fatores básicos controladores do crescimento dos grupos sociais e das nações dentro da área de alcance das suas existências orgânicas particulares, porque ambos se referem à interdependência social dos indivíduos, no que toca à tradicional e normal capacidade de cada um participar num organismo coletivo. A cada 20 anos Júpiter e Saturno se colocam em conjunção; esse ciclo de 20 anos no passado foi considerado fundamental sempre que dizia respeito aos destinos das nações e dos soberanos. Hoje em dia, quanto ao movimento das marés da consciência social do homem e dos destinos sociais, ele ainda é importante; todavia, num mundo cada vez mais dominado por valores universalistas e fatores internacionais, são encontradas indicações de maior fundamento nos ciclos de Urano, Netuno e Plutão - e em outros ainda maiores. Não obstante, os lugares onde caem as conjunções Júpiter-Saturno, num mapa de nascimento (com intervalos de 20 anos), estabelecem *focos de destino social* altamente significativos, com peculiaridade na vida dos indivíduos que desejam assumir e assumem uma responsabilidade pública.

Menores Ciclos de Transito

Os ciclos de trânsito de Marte e de Vênus duram cerca de dois anos e incluem um período de semanas, quando esses planetas apresentam-se retrógrados. A casa (ou casas) por meio da qual o planeta se move para a frente e para trás recebe uma ênfase particular dada pelo trânsito. O desafio que a "Natureza" coloca para o indivíduo está focalizado nesse ponto. É, em essência, um desafio pessoal e uma oportunidade para o indivíduo reorientar sua natureza-desejo e sua fé (Marte), seu senso de valor, de expressão criativa, de atração e de repulsão (Vênus) - especialmente quando o planeta cruza três vezes sua posição natal.

Mercúrio, que nunca se apresenta a mais de 28° de distância do Sol, tem um ciclo de trânsito não muito diferente do ciclo solar. Durante esse ciclo, de aproximadamente um ano, Mercúrio com naturalidade experimenta três períodos completos de retrogradação, que

estabelecem, desse modo, três zonas de ênfase na configuração natal da personalidade do indivíduo. Sempre que o caráter dessas ênfases puder ser reconhecido e compreendido, a pessoa deverá aprender muito a respeito das suas necessidades mentais; todavia, tais necessidades são essencialmente subjetivas e ninguém, exceto a própria pessoa, talvez possa conhecer seu significado exato. Contudo, o significado das casas, onde ocorrem os períodos de retrogradação oferece uma pista fundamental. Quando Mercúrio transita para a frente e para trás sobre um "ângulo" de nascimento, é grande a oportunidade de lhe desenvolver a função correspondente - mas é uma oportunidade que se apresenta *sob tensão psicológica* e, talvez, *a despeito* de dificuldades ambientais ou de saúde. Essas observações também se aplicam aos trânsitos retrógrados de Marte e de Vênus, com essas fases de trânsito referindo-se, com freqüência, à necessidade de regeneração ou reconsideração da atitude. Os períodos quase sempre são desfavoráveis para iniciar coisas verdadeiramente novas, mas oferecem oportunidades reais para corrigir - sob pressão e com o risco de piorar a questão - o que foi iniciado de forma incorreta ou inadequada.

O Sol e a Lua fazem seus trânsitos ao redor do mapa de nascimento em um ano e em um mês lunar (27 dias e meio) respectivamente. Amiúde é possível estabelecer na natureza de uma pessoa uma ligação entre a passagem deles através de cada um de todos os quadrantes do mapa de nascimento e um definido ritmo quádruplo das suas forças. A época em que o Sol cruza os ângulos natais em cada ano representa freqüentemente um desafio às funções psicológicas que esses ângulos simbolizam - precipitando desse modo certo tipo de eventos. Todos os anos, o período do aniversário e o dia em que todos os meses a Lua retorna à sua posição natal podem ser vistos normalmente como épocas em que as características solares e lunares inatas recebem uma nova ênfase ou são reanimadas. De fato, a elaboração de mapas do "retorno solar" e do "retorno lunar" foi bastante valorizada ultimamente - muitos astrólogos alegam que tais mapas oferecem o meio mais acurado de se prever acontecimentos na vida, no nível pessoal.

Essas cartas são levantadas com base no momento exato do retorno do Sol e da Lua às posições ocupadas durante o nascimento; todavia, a menos que a hora exata do nascimento seja conhecida, não há muita

utilidade na tentativa de levantar esses mapas porque, segundo se diz, os eventos que irão ocorrer durante o ano solar (ou mês solar) acontecerão quando os planetas cruzarem os ângulos do mapa. Normalmente, os mapas do retorno solar ou lunar são calculados com base no local de residência na ocasião, mas não estou certo de que esse método seja sempre o melhor, parece que o local de nascimento oferece resultados mais apreciáveis.

No meu caso particular, verifiquei que esse sistema é importante simplesmente no que diz respeito a localizar, por ocasião do retorno solar, os planetas no lado exterior do mapa de nascimento e depois avaliar o relacionamento deles com as casas e entre eles próprios. Contudo, se o momento exato do nascimento é conhecido, sem dúvida vale a pena calcular as posições zodiacais dos quatro ângulos do mapa do retorno solar e ver em que casas do mapa natal eles caem.

Outras técnicas - e há tantas quantas possíveis - têm valor quando possuem uma base lógica e quando são usadas constantemente por um astrólogo competente que acredita na sua validade. Em muitos casos, por exemplo, o ciclo dos eclipses pode dar indicações muito significativas. Esse é o ciclo Saros dos caldeus, que mede o retorno dos eclipses para mais ou menos o mesmo lugar no zodíaco (portanto, nas casas natais), a cada 18 anos e 11 dias. Os eclipses resultam de um alinhamento exato do Sol, da Lua e da Terra. Durante um eclipse *solar*, a Terra recebe a força total da conjunção soli-lunar. Esse eclipse constitui um desafio excessivamente intenso, para se iniciar alguma coisa nova e abandonar o passado. Isso pode significar revolução ou evolução, dependendo da força da estrutura interior da personalidade - isto é, da capacidade do indivíduo de não ser violentamente arrancado do seu centro.

Por outro lado, os eclipses *lunares* constituem desafios à integração pessoal. A Terra é puxada pelo Sol e pela Lua em direções exatamente opostas: isso pode significar desintegração - ou, assim como a Lua ressurgir da aparência espectral que tem quando está eclipsada - um novo ajustamento à vida, uma nova qualidade de integração da personalidade com o ambiente.

DÉCIMO PRIMEIRO PASSO

O Estudo das Progressões

No decorrer de todo este livro, acentuei o fato de que a astrologia é, em essência, um estudo dos ciclos da vida, isto é, um estudo da ordem estrutural que pode ser percebida na sequência de tempo dos eventos ocorridos na vida dos indivíduos e das nações. Os conceitos de ciclos, de repetição cíclica de fenômenos e de fases periódicas no crescimento de organismos vivos, não teriam tomado forma na mente humana, a menos que tivessem sido observadas sequências de fenômenos freqüentemente repetidas. Todavia, perceber tais sequências é uma coisa; ser capaz de medi-las, bem como ser capaz de determinar o padrão exato da sua repetição, é outra. Todas as medições de tempo desse tipo envolvem o uso de relógios - assim como as medições de espaço exigem uma vara de medir, uma régua graduada.

Até bem recentemente, o relógio básico, usado em todos os tipos de medição do tempo, foi o céu. Em sua origem, os ponteiros desse relógio eram o Sol e a Lua. Mais tarde, quando se tornou necessária uma precisão maior, a passagem das estrelas pelo zênite serviu como medida básica de tempo. Em qualquer dos casos, o tempo era medido pelo movimento cíclico de algum corpo celeste, assim como o espaço era medido tendo como referência as dimensões do nosso globo; uma base comum para toda experiência humana foi tomada como padrão de medida. A astrologia é válida, porque os ciclos que ela adota *como varas de medir nos muitos e variados processos de desenvolvimento da vida* fazem parte da experiência humana comum. Ela é válida no sentido mais profundo porque esses ciclos ficaram, portanto, impressos no inconsciente ancestral, coletivo da humanidade. Eles são fatores fundamentais na mente do homem.

O que são esses ciclos? O dia, o ano, o mês de luação - e, de uma forma muito mais ampla e mais recente, o ciclo dos equinócios, isto é, o ciclo do relacionamento mutável entre a cronometragem das estações e o lugar do Sol no meio das estrelas.

O ciclo do dia é o período mais básico, uma vez que ele se relaciona com a alternância da luz (ou atividade) e da escuridão (ou repouso). Foi determinado pelo nascer e pelo pôr do Sol. O ciclo do ano se relaciona com as mudanças das estações e foi medido pela mudança na posição do Sol poente (ou nascente) ao sul e ao norte de uma posição média que foi chamada de oeste (ou oriente). Os cálculos zodiacais vieram numa data posterior; originalmente, o que serviu para medir o ciclo anual foi, quase sem dúvida, essa oscilação norte-sul dos pontos de ocaso do Sol no horizonte ocidental. Quanto ao mês de luação, foi um ciclo definido pelas fases da Lua; portanto, pelo intervalo entre duas Luas novas (ou no princípio, provavelmente, entre duas Luas cheias - fatos de experiência mais facilmente observáveis).

No capítulo anterior, enfatizei a oposição básica existente entre o mapa de nascimento como um fator duradouro, e a constante mudança da configuração do sistema solar, durante os anos de vida de uma pessoa. Eu disse que ela deveria ser interpretada como uma oposição entre a personalidade individual permanente dessa pessoa e a Natureza, sempre cambiante, entre a identidade pessoal básica e as muitas forças que a todo momento querem desafiar sua integridade. Todavia, não devemos esquecer o fato de que a identidade de um homem é apenas um arquétipo, um plano abstrato, uma *constante*, com a qual tudo o que está em eterna mudança deve ser relacionado para que possa haver um desenvolvimento consciente e integrado da personalidade.

Nesse sentido, há um velho provérbio que diz que "um templo não é feito num dia". A construção do templo é um processo, embora possamos dizer que esse processo depende de dois fatores principais, as plantas e a soma das atividades dos construtores (sujeitos a várias pressões, mudanças de humor, opiniões conflitantes ou desejos de auto-expressão); há porém um terceiro fator que deve ser considerado. Sem as plantas do arquiteto, como quadro de referência constante, as atividades dos construtores não teriam nem coesão, nem planejamento, nem propósito; contudo, sem um *programa de trabalho* e sem a

atividade vigilante de um administrador ou de um empreiteiro, o processo de construção não se desenvolveria com facilidade ou eficiência.

O homem não nasce com sua personalidade já feita. A personalidade é desenvolvida e inclui três fatores essenciais:

(1) Um esquema individual (planta) que estabelece a disposição básica e o propósito do determinado organismo humano que nasce.

(2) A influência mutuamente exercida, por um lado, pela estrutura da personalidade permanente e, por outro, pelas energias da natureza humana, pela pressão das necessidades e das tradições sócio-culturais e pelo impacto do clima e das condições da terra etc.

(3) A inteligência administradora que procura fazer com que o segundo fator esteja sempre a serviço do propósito do primeiro; que transforma os *desafios* da natureza cambiante em *oportunidades* de crescimento pessoal.

A parte desempenhada por essa inteligência administradora é de integração. O administrador-empreiteiro é quem se encarrega de fazer com que a planta se transforme num edifício concreto - através do trabalho dos operários, da cooperação adequada de influências políticas, de um fluxo apropriado de materiais e de todos os ajustamentos constantes requeridos durante o processo de construção (isto é, durante o processo, que dura a vida inteira, de desenvolvimento da personalidade). Os ajustamentos exigem contratos, acordos, compromissos, consultas, coordenação, correlação, e todas essas coisas estão nos domínios da inteligência.

A inteligência é a capacidade de fazer ajustamentos exeqüíveis e eficientes tanto para o meio interior quanto para o exterior. A inteligência integra a experiência social humana para que ela possa ser útil e significativa à personalidade, ao "eu". Ela administra (com a assistência da vontade) as atividades da pessoa. A inteligência mais penetrante faz seus ajustes, tomando como referência constante as disposições da planta original e o propósito da personalidade que está se desenvolvendo - enquanto a inteligência superficial, oportunista, trabalha bem no meio de forças naturais e de pressões sociais, procurando soluções temporárias, acalmando sentimentos feridos, envolvendo-se em compromissos e num diplomático toma lá, dá cá.

O que o astrólogo chama de "progressões" lida, em princípio, com a operação desses dois tipos de inteligência. Pode-se dizer - desde que não encaremos a questão muito literalmente - que as *progressões* como um todo, revelam o modo pelo qual os *trânsitos e o mapa de nascimento* podem ser integrados, ou, talvez, com mais exatidão, a atividade dessas influências no indivíduo que procura constantemente incorporar os resultados da experiência (os trânsitos) na estrutura do seu ser (mapa de nascimento). Essas influências "pertencem" essencialmente ao ser, elas servem ao propósito do qual o ser é uma manifestação ou, antes, devem estar ao seu serviço. Elas executam - se tudo corre bem - a vontade do ser em cada passo do desenvolvimento progressivo da personalidade.

No momento da primeira respiração, poderíamos dizer que Deus imprime sobre o organismo humano seu propósito e seu plano para esse determinado organismo; isto é, o mapa de nascimento. Mas para que a integridade desse modelo (personalidade) não seja rapidamente destroçada pelo impacto da experiência humana (trânsitos), Deus mantém uma ativa vigilância sobre a criança em estado nascente. Na realidade, Ele deixa com a criança, para confortá-la e integrá-la, o Espírito Santo (o *Shekinah* hebreu) - que é o "espírito de compreensão", ou inteligência.

A posição do Sol, no momento da primeira respiração, representa o "Filho de Deus", o centro da personalidade de um homem. O desenvolvimento dessa "semente divina" exigiu, normalmente, nove meses. Três meses mais e todo o ciclo zodiacal do Sol teria sido completado. Esse Sol posterior aos três meses de nascimento é o "Sol progredido". É a manifestação progressiva ou revelação do Espírito Santo de Deus no homem. É a Inteligência divina operando como força de integração dentro do indivíduo, com o poder de assimilar (sem ser dominado ou desviado por seus impactos) as experiências da vida na natureza e na sociedade.

O "Sol progredido" é, de fato, uma revelação progressiva da inteligência, e a integração da personalidade é um processo cuja verdadeira essência é esse desenvolvimento gradual da inteligência. O Sol progredido é inteligência e integração operando na vida da personalidade que está crescendo. O tempo de duração dessa vida é medido, teoricamente,

pelo ciclo de Urano (84 anos) - ou, de acordo com outro ponto de vista, por um grau do movimento de precessão dos equinócios (70 a 72 anos). O movimento solai após o nascimento e até a ocasião em que atinge o ponto zodiacal, onde se encontrava *no momento da concepção*, leva normalmente cerca de três meses ou 90 dias. Durante esses 90 dias após o nascimento, o poder criativo de Deus opera diretamente por meio da projeção de *sementes de inteligência* e pela liberação das forças do Espírito Santo dentro da personalidade em potencial.

Cada dia após o nascimento representa uma liberação de tais potencialidades de inteligência integradora. Falando de um modo geral, o que é liberado a cada dia será útil para o confronto dos problemas de assimilação das experiências, a cada ano. Esses poderes ou faculdades do Espírito Santo, existentes dentro do homem, constituem o *fluxo contínuo de criatividade divina após o nascimento*. Esse fluxo cessa quando o ciclo solar, iniciado na concepção, se completa. Portanto, o homem tem tudo aquilo de que precisa DENTRO DE SI MESMO - como potencial, como semente divina. Tudo o que ele precisa fazer é USAR ISSO QUE TEM.

Se compreendermos plenamente o significado dessas afirmações, com certeza não encontraremos qualquer dificuldade básica quando formos individualmente relacionar os três fatores fundamentais usados na astrologia moderna - mapa de nascimento, trânsitos e progressões. E também não ficaremos intrigados com o conceito, aparentemente arbitrário, de que "um dia depois do nascimento é equivalente a um ano de vida real" - ou pela idéia abstrata da equivalência dos ciclos básicos de movimento estudados pelos astrólogos. Essa equivalência abstrata de dia e ano - isto é, dos períodos de rotação axial e de revolução orbital da Terra - é um conceito lógico; contudo, ele envolve uma quantidade de dificuldades práticas e, acima de tudo, não consegue dar um significado vital e espiritual às "progressões". Ninguém pode compreender ou utilizar expressivamente esse fator das progressões se ele não for considerado como uma vara de medição para *eventos* concretos.

Não importa se esses eventos combinem ou não com os "aspectos progredidos". As progressões, à medida que são aplicadas ao desenvolvimento do ser humano, ano após ano, referem-se à demonstração

e realização gradual dos poderes de compreensão e de ajustamento inteligente à vida, que servirão de "roteiro" para Deus, na criação original do ser individual do homem na ocasião da primeira respiração.

O arquiteto elabora as plantas. Em seguida, chama um empreiteiro e discute com ele a criação de um roteiro ordenado para as várias e sucessivas operações de construção - então, o empreiteiro recebe o dinheiro (força-energia) necessário para prosseguir. O Sol progredido é o empreiteiro, o guia, o superintendente. Seu trabalho é completado pelo da Lua progredida, que é a dispensadora da energia espiritual exigida para o confronto com os desafios das experiências da vida. O Sol progredido é a inteligência em ação; a Lua progredida é a energia eficazmente distribuída para manter a aplicação dessa inteligência ativa e integrativa. *Nenhum deles representa eventos diretamente; mas sim, a potencialidade de ajustamentos inteligentes aos eventos.* É óbvio que sem eventos não poderá haver ajustamento a eventos. Portanto, os movimentos do Sol e da Lua progredidos geralmente *correspondem a eventos.* Eles não *indicam* eventos em si, mas apenas a liberação ou a atualização da capacidade do indivíduo para enfrentar vitoriosamente o desafio da experiência.

A Técnica das Progressões

O cálculo das progressões não oferece grandes dificuldades e está explicado em muitos manuais de astrologia. Se uma pessoa nasceu ao meio-dia, hora de Greenwich, do dia 19 de janeiro de 1900, o Sol e a Lua progredidos (e os planetas progredidos) para o dia 19 de janeiro de 1901 terão suas posições zodiacais indicadas nas efemérides do meio-dia do dia 2 de janeiro de 1900. O movimento do Sol progredido durante o primeiro ano de vida cobre, portanto, 1° 1'; a Lua progredida cobre cerca de 14° 34' (de 9° 37' de Capricórnio até 24° 13'). Durante o segundo ano da vida da pessoa, o Sol e a Lua progredidos seguirão suas posições, nas efemérides, para o dia 3 de janeiro de 1900; durante o terceiro ano, para o dia 4 de janeiro, etc. As posições progredidas para qualquer mês desses anos podem ser calculadas por uma simples divisão proporcional da distância zodiacal coberta pelo Sol, pela Lua e pelos planetas, conforme eles mudam de uma posição, ao meio-dia, nas efemérides, para outra.

As posições progredidas geralmente são registradas dentro de um círculo traçado na parte exterior do mapa de nascimento. Uma vez que o mapa de nascimento permanece sempre igual, pode-se observar o avanço anual do Sol, da Lua e dos planetas progredidos, *através* das casas natais e dos signos do zodíaco. Esse avanço pode ser interpretado de duas maneiras básicas:

(1) Conforme o Sol, a Lua e os planetas progredidos se movem de casa para casa e de signo para signo, surgem novas condições que são interpretadas em conformidade com a natureza astrológica das casas e dos signos. Os símbolos dos graus também podem ser usados como indicações significativas, particularmente no caso do Sol progredido.

(2) Conforme se movimentam, os corpos celestes progredidos formam aspectos com os planetas natais (ou "radicais"), localizados no mapa natal permanente. Eles também formam aspectos entre si, diferentes dos que os planetas natais formam um com os outros. Ambos os tipos de aspectos progredidos podem ser considerados significativos, bem como interpretados.

Contudo, o estudo das progressões deixa de revelar as conclusões mais essenciais, que poderiam ser alcançadas por meio desse ramo da astrologia, por não se fazer uma distinção definida entre as progressões solares, lunares e planetárias e, mais ainda, se todas elas não forem interpretadas dentro do ciclo da "lunação progredida".

Em essência, todas as progressões que se baseiam na equivalência simbólica de dia e ano são solares simplesmente porque esses dois ciclos são solares. As progressões são símbolos da continuação da revelação da luz, que é o nascimento. O impacto da "primeira respiração" se espalha por todo o organismo, fica impresso nele, por assim dizer, em ondas concêntricas sobre cada célula. O mapa de nascimento é a estampa, mas o efeito do ato da impressão (ou impregnação espiritual) leva tempo para se manifestar. Luz (e ar) penetram lentamente através de todas as camadas da natureza humana. Essa "luz" é solar e lunar. Nesse sentido, a luz solar é inteligência em ação; a luz lunar é energia liberada para propósito orgânico. A última deriva da primeira, que a *distribui*.

Na técnica usual das progressões, os planetas operam apenas como agentes modificadores. Somente os planetas próximos da Terra - Mercúrio, Vênus e Marte - progridem com rapidez suficiente para ter uma

importância real como fatores progredidos. Júpiter e Saturno só podem progredir poucos graus durante uma vida inteira e, a menos que seus movimentos após o nascimento possam colocá-los num aspecto exato de grande importância com algum ponto da vida do mapa natal, suas posições progredidas podem ser ignoradas. Júpiter e Saturno se referem essencialmente a fatores sociais - ao relacionamento do indivíduo com o todo maior, do qual se sente uma parte. Portanto, eles agem principalmente através de pressões externas - e como fatores transitórios. Os aspectos feitos por Júpiter progredido, ou por Saturno, são indicações subjetivas de uma mudança na atitude social ou religiosa, que deverá ser interpretada em conexão com os trânsitos de tais planetas.

Todas as progressões são em essência subjetivas, mesmo que estejam estreitamente relacionadas com eventos objetivos. As progressões lunares são, em regra, as que se referem mais de perto a tais acontecimentos objetivos da vida, mas indicam *uma ativada potencialidade de reação individual, ao longo de uma determinada linha*, mais do que acontecimentos reais. A posição da Lua progredida, mês após mês - em termos de casa natal e signo do zodíaco - indica *o foco mais importante da atenção de uma pessoa* nessa ocasião. Obviamente, acontecerão coisas no subsolo da casa que está sendo construída, se o programa de construção exige que operários trabalhem ali. O programa não diz nada acerca de possíveis acidentes que ocorram ali nessa ocasião; só revela uma possibilidade de acidentes numa determinada localização, se qualquer engano for cometido. As progressões se referem ao programa, não aos enganos.

A maneira mais significativa e consistente de lidar com as progressões dos planetas é estudando-as dentro da estrutura do que eu chamei de "ciclo de luação progredido"*. Esse é o ciclo que ocorre entre duas conjunções do Sol e da Lua progredidos (isto é, duas Luas novas progredidas) e abrange cerca de 30 anos - aproximadamente o mesmo período de duração dos ciclos de trânsito de Saturno. Esse ciclo de luação progredido é o ciclo de desenvolvimento da personalidade e, no seu relacionamento característico, inclui os fatores solar e lunar.

* Ver o meu livro *O ciclo de luação*, Ed. Pensamento, 1985.

Os planetas progredidos enquadram-se na estrutura desse ciclo de 30 anos. Eles modificam o fluxo da inteligência solar e da energia-para-uso lunar. Todos os ajustamentos pessoais à vida realizam-se com base na inteligência e na energia psíquico-orgânica utilizável. Elas estão sempre "ao alcance da mão"; mas as "mãos" podem não agarrar adequadamente aquilo que está diante delas - o medo ou a ânsia exagerada podem endurecê-las - elas podem segurar, só para, depois, confusas, deixarem cair aquilo que pegaram. Os fatores emocionais que controlam amplamente essas reações são simbolizados pelas progressões de Marte e de Vênus, à medida que esses planetas modificam o fluxo básico do potencial soli-lunar.

O Mercúrio progredido refere-se principalmente aos fatores mentais, à memória. Se a Lua progredida indica a focalização da atenção de um indivíduo sobre um ou outro campo de experiência, Mercúrio tem muito a ver com o *aparelho de focalização*. Os anos de vida, que correspondem a uma mudança na direção do movimento de Mercúrio (de direto para retrógrado, ou vice-versa) são particularmente importantes, mas essa mudança só adquire significado completo se relacionada com a configuração total do ciclo progredido da luação.

Essa configuração é determinada pela casa, signo e grau onde ocorrem as Luas nova e cheia progredidas, e pelos aspectos que o Sol e a Lua progredidos formam com os planetas natais durante o ciclo - e, em segundo lugar, com os planetas progredidos. Os aspectos do Sol progredido com os planetas natais e sua passagem de casa a casa e de signo a signo são os fatores mais básicos - juntamente com o cruzamento, realizado pela Lua progredida, dos quatro ângulos do mapa de nascimento, especialmente o ângulo do Ascendente.

Outros métodos de progressão foram inventados, e também há o método chamado de "direções primárias" que se refere ao movimento do horizonte e do meridiano depois do momento exato do nascimento. Não há dúvida que todo indivíduo plenamente familiarizado com qualquer um desses sistemas e que focaliza constantemente sua atenção sobre esse tipo de resultado pode ser bem-sucedido nas suas previsões e no estabelecimento de "provas" da validade delas. Isso acontece porque vivemos num mundo definido pela mente e pela percepção do homem, um mundo que responde à nossa procura de ordem por ser ele,

basicamente, uma projeção da ordem existente dentro da nossa natureza humana. Sempre que olhamos, só vemos potencialmente aquilo que somos, como "humanos". Desse modo, as religiões dizem que Deus fez o Homem segundo a Sua imagem - uma outra maneira de dizer que há uma identidade básica de caráter entre o universo, *conforme nós o experimentamos* (não esqueçamos isso!), e nossa natureza genérica.

Por essa razão, vivemos num mundo simbólico. Por essa razão, pode-se dizer que, na verdade, o homem cria seu próprio destino e atrai para si os eventos ou as experiências necessárias ao seu desenvolvimento. Nós construímos a nossa casa; a planta e o programa de construção dirigem os nossos passos. Se somos prudentes, andamos de acordo com os planos e o programa. Evitamos greves e acidentes. O imprudente sempre quer trabalhar na lareira quando é hora de cavar a fossa sanitária) A astrologia das progressões lida com o mundo que é nosso, porque é uma continuação do que somos. Sua maior validade está em que pode nos ajudar a viver harmoniosamente, em termos de inteligência solar, por meio do uso adequado e oportuno da energia que é nossa por direito de nascimento.

DÉCIMO SEGUNDO PASSO

O Uso Significativo das Técnicas Horárias

Se lidamos com trânsitos ou progressões, estamos considerando o relacionamento do indivíduo como um todo, incluindo o padrão geral da sua experiência e do seu desenvolvimento pessoal. Estamos lidando com generalidades e potencialidades, com categorias de acontecimentos e com tipos essenciais de reação pessoal. Nem os trânsitos nem as progressões se referem a pormenores exatos. Tanto os planetas como as casas ou signos podem significar muitas e variadas coisas, em vários níveis. As indicações dadas por eles nunca são, em si, precisas em termos de acontecimentos exatos; só se tornam certas se a tendência da vida da pessoa e as questões a serem enfrentadas já são perceptíveis e estão bem fundamentadas. Os trânsitos e as progressões, portanto, revelam o que pode ser esperado na linha de tais tendências ou confrontos. Quanto ao mais, o astrólogo somente pode imaginar possibilidades, cuja realização talvez ocorra ao longo de qualquer uma das várias linhas. O ponto focal dos conselhos do astrólogo tem de estar no indivíduo, não em seu ajustamento à vida e não em acontecimentos ou confrontos específicos.

Há, contudo, um tipo de astrologia que não presume problemas, crises e confrontos específicos como possibilidades originadas pelas configurações gerais de adaptação pessoal à vida, mas, sim, os encara como fatores principais e como pontos de partida. Ela é chamada de "astrologia horária" - o termo "horária" significando "da hora".

A astrologia horária é a astrologia das coisas particulares. Lida diretamente com casos e situações particulares declarados e o indivíduo que está enfrentando essas estruturas particulares de experiência tem, nessa astrologia, um papel especial. *Ele marca seu cartão no*

relógio de ponto da entrada do reino da vida consciente; isto é, ele expressa sua disposição de começar a trabalhar conscientemente em qualquer problema que apresente na ocasião. Estabelece sua necessidade e prova sua disposição de encarar esse problema em termos de um propósito universal, de enfrentá-lo com tal inteligência que, embora *individualizada* através de uma mente individual, em essência é um fator universal.

A vida do homem e da mulher comuns é condicionada por sentimentos ou impulsos biológicos, por reações egocêntricas diante das experiências, por padrões tradicionais de comportamento, reações socialmente esperadas e pelo desejo confuso ou vacilante de alcançar algum estado de existência ideal. O indivíduo poderá pensar a respeito de muitas coisas, poderá até mesmo ter um intelecto brilhante, rápido na associação de dados memorizados e na consulta das fichas preenchidas para referência, existentes no seu cérebro - e mesmo assim ele poderá não viver nem um pouco de acordo com a "maneira consciente" da verdadeira inteligência. Ele provavelmente sabe o que quer e seu intelecto poderá discutir os *prós* e os *contras* de cada situação da vida, em termos do que ele "sabe" e do que ele "quer". Ele poderá exibir o tipo de inteligência social a cujo respeito testes de inteligência fornecem dados - uma faculdade pronta a se adaptar às situações sociais e às exigências da vida coletiva. Mas nada disso diz respeito ao que eu chamei aqui de "viver consciente", mas apenas ao comportamento biológico, egocêntrico ou social.

"Viver conscientemente" significa viver como um indivíduo diferenciado do comum, consciente de um propósito e movido pela determinação constante de ajustar sua vida (comportamento, sentimento e pensamento) às necessidades desse propósito. Se a pessoa se vê como um indivíduo separado de tudo o mais que existe no mundo, e se seu propósito é egocêntrico e não se relaciona com qualquer coisa maior do que o seu próprio ser, temos então uma forma de viver negativa, basicamente destrutiva e intencional, mais do que consciente. *A verdadeira consciência envolve um relacionamento profundamente sentido e reconhecido entre o indivíduo e o universo.* Um indivíduo que não está relacionado com o universo é uma ficção. Nenhum indivíduo vive no vácuo. Ele está relacionado - com um grupo, com a sociedade, com a humanidade e com o universo. Se não tem uma percepção plena do

seu estado de relacionamento total, não se pode dizer que ele seja verdadeiramente "consciente", a despeito do seu intelecto brilhante, da sua sagacidade social e do seu sucesso. Ele não vive em termos da verdadeira inteligência nem em termos do espírito.

A inteligência é a focalização da harmonia universal na mente do indivíduo. É o ajustamento do individual ao universal, das ações particulares ao propósito universal, pois só esse *propósito pode torná-las* espiritualmente significativas. Viver conforme a "maneira consciente", a maneira da verdadeira inteligência, é viver em termos do nosso lugar, da função e do propósito essencial no Todo universal. É determinar o próprio destino; é passar a ser, pouco a pouco, a totalidade do que se é potencialmente. É satisfazer a Harmonia universal no lugar e na hora em que se é convocado para a ação. É se tornar o próprio Céu natal, na forma de uma personalidade concreta sobre a Terra. É fazer tudo isso não só de uma maneira geral, mas todos os dias, em todos os momentos, com a maior exatidão e pureza de intenção, com a maior eficiência possível.

Contudo, como podemos ter certeza de que estamos vivendo de tal maneira? Que padrão de valores, que quadro de referência pode haver, com o qual possamos testar a validade das nossas ações no momento *exato* em que enfrentamos um novo teste, uma nova crise, um novo problema? A astrologia responde: "Observe o céu. Interrogue suas configurações ordenadas. Peça que a Harmonia universal lhe dê uma resposta. Assim como a Natureza tem uma cura para cada doença, assim também o céu tem uma solução para cada problema. Toda necessidade individual consciente, claramente formulada e declarada com ardente fervor, é sempre satisfeita pelo espírito - desde que o indivíduo não feche sua porta para o influxo espiritual e para a mensagem divina."

A inteligência, conforme já a defini, é um fator universal. Ela existe em estado latente em todos os seres humanos. Impregna o universo inteiro. Tudo o que o indivíduo tem de fazer é produzir uma "lente" para focalizá-la e uma mente capaz de receber e conter suas emanções. Há muitos tipos de lentes e de recipientes mentais, mas a inteligência é uma só e é a mesma em todos os lugares. Ela está em cada todo orgânico, assim como está visível no céu. Se podemos decifrá-la com mais facilidade no céu é porque, ali, a distância dos corpos

celestes torna-a mais simples e estruturalmente mais clara, pelo fato de que nós - os inquisidores, os necessitados - não podemos perturbar de nenhum modo as configurações celestes e, também, porque a experiência do céu e dos seus luminares é uma das mais vitais e mais antigas entre todas as experiências comuns a todos os homens.

Todavia, o importante é saber o que procuramos; é a nossa atitude em relação à procura, e também em relação à resposta obtida. O essencial é compreender que podemos alcançar essa inteligência *diretamente*, à medida que ela é focalizada em nossa mente quando estamos preparados para tanto, e também *indiretamente*, quando se expressa através do nosso relacionamento com o universo e, em particular, com o sistema solar, que é o "espaço vivo" do nosso Sol, fonte da nossa vitalidade. A inteligência é a manifestação ativa da Harmonia universal; conseqüentemente, sempre que se produz uma desarmonia, deverá haver também um esforço para o restabelecimento da harmonia. Essa é a lei da compensação, quer vista como *carma* pelos ocultistas, quer vista como o princípio da "compensação psicológica" (C.G. Jung) pelos psicólogos. Por causa dela, todo vazio deve ser preenchido, toda necessidade deve ser satisfeita - desde que não haja alguma coisa no recipiente vazio ou na pessoa necessitada que bloqueie o caminho para o restabelecimento da harmonia.

O verdadeiro tipo de astrologia horária baseia-se nesses princípios. Todo mapa horário levantado *em resposta a uma necessidade real e bem formulada* deve ser considerado uma expressão da inteligência universal, que está à procura do restabelecimento da harmonia rompida pela crise ou pelo problema que causou a necessidade pessoal. O indivíduo necessitado poderia ter encontrado uma resposta direta dentro de si mesmo, se sua mente estivesse realmente aberta para o influxo da inteligência - chame isso de "intuição", se quiser, ou de "resposta de Deus à sua prece". Mas, se a mente do indivíduo é por demais confusa, desordenada ou angustiada para que ele possa fazer de si mesmo uma "lente" capaz de focalizar a inteligência universal, que está sempre procurando restabelecer a harmonia, então deve ser encontrado um *intermediário* ou um *espelho*, para fazer a focalização e a objetivação. O intermediário (ou "mediador") poderá ser uma Personagem espiritual (um grande Profeta para a raça de um modo geral,

ou um *Guru* - e até mesmo um psicólogo, quando é do tipo certo - para o indivíduo). Poderá ser um astrólogo, capaz de decifrar e interpretar a "marca do céu" através da técnica da astrologia horária.

A técnica é basicamente simples; contudo, é muito difícil de ser aplicada de forma significativa, correta e sábia. A astrologia horária é uma arte. Ela tem de ser praticada por indivíduos que fizeram de si mesmos - consciente ou inconscientemente - canais para as expressões da inteligência universal que, de um modo ou de outro, - alguns modos são muito mais seguros do que outros! - atingiram um estado de "receptividade para o mundo" e de tranquilidade interior, ou de vibrante, porém, imparcial simpatia pelos seres humanos. A prática da astrologia horária livre de perigos requer um conhecimento básico da sua técnica, mas também exige do profissional uma profunda percepção dos valores psicológicos e um senso de responsabilidade tão profundo com relação à humanidade como com relação a Deus, que é a personificação dessa inteligência universal.

A prática da astrologia horária repousa no levantamento de um mapa horário *relativo ao momento exato em que uma necessidade pessoal se torna o foco da atenção, ou uma crise do indivíduo atinge o ponto culminante*. O mapa horário é levantado como qualquer mapa natal, com relação ao momento que está sendo considerado, mas sua interpretação obedece a várias regras visivelmente diferentes das usadas pela astrologia natal. A natureza dessas regras foi tratada com grande expressividade e perícia por Marc E. Jones, no seu livro *Problem Solving by Horary Astrology* (A Solução de Problemas pela Astrologia Horária), e o leitor interessado poderá consultá-lo, uma vez que o assunto é demasiado vasto para ser enfocado aqui. Acredito, porém, que nenhuma interpretação horária poderá ser completa ou ter validade espiritual, a menos que o intérprete compreenda plenamente que a astrologia horária não é só um método - bastante estranho e misterioso - de se "ter uma solução para o nosso problema", mas sim a expressão de uma atitude profundamente espiritual em relação à vida. A astrologia horária é uma técnica prática baseada numa filosofia de reverente relacionamento com o universo e com a inteligência universal, que muitos homens acreditam ser a própria substância da divindade. Se o profissional não tiver percepção desse relacionamento e do fato de que todo

mapa horário é uma expressão focalizada da inteligência universal, então, muito embora a resposta horária possa estar certa, os resultados provavelmente serão inadequados e, algumas vezes, trágicos.

Eu disse que um indivíduo, quando pede ao céu uma resposta para um problema vital ou para uma crise que o está desafiando, ele, ao fazer isso, intencionalmente ou não estará expressando a sua disponibilidade de enfrentar o desafio, em termos de "viver consciente". Deve ficar bem claro, todavia, que essa disposição existe só de uma forma *negativa* na pessoa comum que procura a astrologia horária para pedir um conselho. A petição poderá ser feita porque tudo o mais falhou, ou porque não existe uma maneira lógica e intelectual de determinar como se desenvolverão os acontecimentos sobre os quais ninguém tem qualquer controle, ou porque isso é mais fácil do que estudar profundamente a questão, para fugir à responsabilidade pessoal - ou, pior ainda, por pura curiosidade. Todas essas atitudes são negativas.

A atitude positiva poderá ser definida como uma atitude de prece. De acordo com ela, o indivíduo procura averiguar o propósito da inteligência universal, no que toca ao determinado confronto por que está passando. Ele não quer fugir à responsabilidade, *mas antes quer aumentá-la, tomando-a a mais consciente possível*, por meio do seu relacionamento com o propósito universal ou "plano" de vida, ou de Deus. Isso não faz com que ele siga supersticiosa e cegamente a resposta revelada ou sugerida pelo mapa horário, mas em vez disso, lhe sugere um novo ajustamento dos esforços para tomar consciência do propósito que está por trás do confronto e de todos os fatores implicados no assunto.

Um mapa horário não diz: Faça isto! Ele apresenta uma imagem simbólica de todos os fatores essenciais presentes em qualquer situação crítica; uma imagem por meio da qual o objetivo da configuração desses fatores pode ser revelado, caso o interpretador seja capaz de ver esse objetivo emergir. Às vezes, o objetivo - isto é, a orientação construtiva, ou solução, - é muito evidente. Na maioria dos casos, não é. Poderá ser necessário um grande esforço de atenção para decifrar a resposta delineada por um mapa horário, idêntico ao que seria exigido por um esforço para solucionar o problema vital por meios comuns. *A astrologia horária não é uma economia de esforço ou de inteligência; é uma reorientação do esforço e da inteligência.* Não torna a vida mais simples,

mas torna o homem mais consciente das implicações totais de pontos críticos difíceis, quanto aos quais tem de fazer escolhas. A astrologia tem por objetivo fornecer uma *dimensão universal* para as opções, ao invés de uma estritamente pessoal e limitada; uma "quarta dimensão" da vontade, pela qual o tempo se torna uma causa determinante, tornando-se possível a cronometragem adequada das ações e decisões dentro do cenário de ciclos universais, até mesmo nos atos mais insignificantes.

O ato poderá ser de pouca importância, mas deve envolver uma *necessidade vital* quando se quer confiar no mapa horário, para obter uma resposta vital. O agente deverá considerar seu pedido como uma promessa implícita de agir conscientemente, numa atitude interior de receptividade para a revelação da inteligência universal focalizada sobre ele, e desse modo assumir uma responsabilidade maior por suas ações. A responsabilidade se torna maior à medida que a ação deixa de ser estritamente condicionada pela escolha do indivíduo e se torna uma expressão da orientação dessa inteligência universal. Quem não conhece o desenho geral, não pode ser culpado por não se ajustar dentro dele. Quem o conhece, quebrará deliberadamente a harmonia estrutural da vida universal, se deixar de viver de acordo com esse conhecimento.

Até agora, presumimos que a pessoa que está se confrontando com um problema vital ou com uma crise é a mesma que levanta o mapa horário e procura descobrir nele a solução que o universo oferece potencialmente, em qualquer momento, para qualquer um que faça a pergunta da maneira certa. Contudo, para o indivíduo, é tão difícil interpretar um mapa horário levantado para solucionar sua própria crise, quanto é difícil para o estudante comum da psicologia analítica interpretar seus próprios sonhos. Em qualquer dos casos, lidamos com interpretação de símbolos; se o intérprete está subjetivamente envolvido na crise - se é uma crise sua - ele não tem condições de ser suficientemente *objetivo* para interpretar o símbolo, sem colorir a interpretação com sua confusão ou predisposição emocional e intelectual.

Daí a necessidade, na maioria dos casos, de um intérprete que deverá ser um "mediador" entre a inteligência universal e a mente confusa ou impotente de quem interroga - um mediador que deverá ser capaz de focalizar, com traquilidade mental e completa

imparcialidade, a mensagem dessa inteligência universal. Daí, também, o valor dos princípios e das regras de interpretação, comumente reconhecidos como meio de orientação para o intérprete, pois, quanto mais ele basear seu julgamento nos significados tradicionais estabelecidos pela experiência comum dos que vieram antes dele, mais sua mente terá possibilidade de servir como ponto focal constante para a expressão da inteligência universal - um ponto focal cuja nitidez não é afetada por predisposições individuais ou por atitudes questionadoras do intelecto.

Na astrologia horária, o individual se defronta com o universal e a parte se defronta com o todo. A astrologia horária funciona porque o todo age sobre a parte sempre que ela estiver em necessidade vital. Assim como o corpo humano, como um todo, segrega instantaneamente antitoxinas e hormônios para socorrer qualquer célula ou órgão ferido, assim também Deus (como personificação da inteligência universal e da vitalidade espiritual) sempre procura restaurar a harmonia e a saúde em todo indivíduo, de cuja vida foi retirado o equilíbrio. Esse esforço divino para restabelecer a harmonia em todo indivíduo perturbado é a substância da "Graça". É o Todo vindo em auxílio de cada uma das suas partes. A astrologia horária é uma apresentação dramática da operação dessa Graça divina. Todo mapa horário *corretamente cronometrado* é uma pantomima celeste por meio da qual o universo procura deixar marcada uma mensagem para cada homem que se encontra num estado de crise ou numa dificuldade vital.

O mapa deve ser "corretamente cronometrado" e a astrologia horária oferece meios técnicos para mostrar se a pergunta foi ou não realizada num momento significativo. Essas são as tradicionais "considerações antes do julgamento" que talvez pesem mais do que o estado de correlação entre o mapa horário e o mapa de nascimento do inquisitor. Um mapa horário é "radical", já que revela estar em estreito relacionamento estrutural com a situação para que foi pedida uma solução e cuja harmonia deve restaurar. Além disso, o fato de que um astrólogo é procurado para levantar um mapa ajuda muito com referência a estabelecer uma cronometragem adequada. O mapa é convenientemente levantado com base na hora em que o mediador imparcial (o astrólogo) toma conhecimento da situação - quando a pergunta lhe é feita. É ele, portanto, quem fornecerá o foco da interpretação, a canalização da

inteligência universal em palavras e orientações humanamente compreensíveis. Assim, no primeiro instante, quando sua atenção se focaliza sobre o assunto, ocorre o derramamento do "ato de Graça", que pode solucionar o problema.

A verdadeira função da astrologia horária é estabelecer uma situação de relacionamento entre a inteligência universal, ou Graça divina, e o indivíduo fustigado pelas tempestades cíclicas, ou repolarização, e pelos desconcertantes confrontos da experiência. Ela não é uma "leitura da sorte", não é um meio de escapar do esforço e da responsabilidade pessoal e não é algo que se procura por amor à curiosidade. Em vez disso, é um sinal da união consciente do indivíduo com o ritmo e o propósito do Todo universal, na qual ele aceita ter uma participação plena e deliberada. Desse Todo, o indivíduo recebe compreensão, cura e, também, a chave para os seus inúmeros problemas, *na mesma medida da* sua disposição de cumprir conscientemente sua função e seu destino.

DÉCIMO TERCEIRO PASSO

O Estabelecimento de Quadros de Referência Mais Amplos para Mapas Individuais

Nenhum indivíduo existe no vácuo. Ele se relaciona com outros indivíduos, com grupos de vários tipos, com vastas coletividades de homens organizados em sociedades, em nações, em categorias culturais e religiosas. Está essencialmente unido à humanidade. É um átomo de consciência dentro do vasto oceano de inteligência, do qual os incontáveis exércitos de estrelas são borrifos de luz lançados pelas ondas, quando esse oceano se quebra nas praias do nosso mundo de espaço e tempo. Como o destino do indivíduo poderá estar separado da vasta teia de destinos universais? Como o momento fugaz da sua primeira saudação ao universo - seu choro no nascimento - estaria isolado dos ciclos do eterno fluir e da eterna mudança do tempo universal? Assim como toda força e toda massa influencia e recebe influência de cada uma de todas as outras forças e de todas as outras massas, assim também a individualidade de um homem influencia e é influenciada por todas as outras unidades de consciência individual. Não pode haver separação, mesmo quando há um isolamento temporário. Podemos olhar para as formas coloridas da tapeçaria do ser e admirar as curvas das pequeninas laçadas dos fios que criam essas formas; mas nosso entendimento é deveras pequeno se não conseguimos perceber que, esses fios são unidades longas, tecidas por dentro e por fora, unidas pela trama e pela urdidura do universo.

O astrólogo de mente filosófica sempre reconheceu essas verdades e muitos pensaram em várias maneiras para encontrar métodos, por meio dos quais elas pudessem ser trazidas para um foco de expressão

concreta, na prática astrológica. Hoje em dia é dispensada uma certa atenção à comparação dos mapas de pessoas que pertencem à mesma família, ou que estão procurando unir suas vidas com objetivos privados ou públicos. A hereditariedade astrológica tem sido estudada com a intenção de mostrar a maneira significativa como os mapas de nascimento de filhos, pais e ancestrais mais remotos mostram padrões correlacionados; o campo aberto por tais pesquisas é vasto e, até agora, pouco explorado. Desse modo, talvez seja possível isolar ênfases especiais que, falando no sentido astrológico, poderão servir para definir as características típicas de uma família - especialmente se tal família conserva uma notável individualidade histórica através de várias gerações de personalidades expressivas. Um estudo da linhagem ancestral de grandes famílias aristocráticas, religiosas e reais, em que tendências culturais são mantidas durante algum tempo (como, por exemplo, a família Bach), sem dúvida revelará um material extremamente significativo. Ficamos imaginando se os astrólogos chineses já fizeram um trabalho desse tipo em relação à família de Confúcio, cuja linha de descendência direta ainda vive hoje em dia, depois de mais de setenta gerações.

Outro campo de estudo, ligado a esse, trata das correlações entre os mapas de nascimento de homens que se tornaram sócios ou que sucederam outros, em algum empreendimento público de vulto. Têm sido feitas análises estatísticas dos mapas dos Signatários da Declaração da Independência e dos Presidentes americanos; alguns pontos significativos vieram à tona. Todavia, mais familiar ao estudioso da astrologia e de maior valor prático é a comparação entre os mapas de nascimento de parceiros num casamento em perspectiva ou, até mesmo, de sócios num negócio. Todo astrólogo já foi encarregado, por amigos ou clientes, de descobrir se tal e tal pessoa poderia ser um "bom parceiro", e essa pergunta pode ser legitimamente respondida *desde que* vários fatores sejam levados em consideração. Um mapa horário e, se possível, um estudo da configuração do céu no dia do primeiro encontro (ou do primeiro contato *significativo e personalizado*) também são de grande valor, quando tais perguntas têm de ser respondidas, considerando-se que também deverão ser perguntadas e respondidas no espírito do que foi debatido no capítulo anterior, com respeito à astrologia horária.

Toda vez que a questão de um casamento em perspectiva ou de uma sociedade é exposta, os fatores a serem considerados poderão ser declarados na forma de uma pergunta dirigida à pessoa que interroga: "Qual o propósito do seu relacionamento?" Às vezes esta é uma pergunta difícil de responder, especialmente quando amor e casamento estão envolvidos. Contudo, por si só, a resposta é frequentemente bastante reveladora. A honestidade da resposta é sempre um *fator necessário* no julgamento astrológico.

Se o propósito de quem interroga é um tipo de felicidade convencional e fácil, um certo tipo de relação planetária mútua entre os dois mapas poderá ser tomado como sinal de que o objetivo está dentro do alcance, desde que as cartas natais dos parceiros e também as progressões, os trânsitos e as indicações horárias concorram. Todavia, podem ocorrer casos em que o inquiridor está procurando uma união de caráter mais estimulante e criativo - ou regenerativo. Ele, ou ela, poderá declarar isso espontaneamente, ou poderá ficar evidente para o astrólogo, de um modo ou de outro, que, por baixo de um objetivo ou de uma declaração mais convencional, numa realidade mais profunda da situação, existe tal propósito. Então, deverá ser procurado um tipo diferente de relacionamento astrológico entre os dois mapas, um tipo que não exclua conflitos, crises e oposições entre dois pontos de vista complementares. Uma relação pessoal muito fácil poderá significar um adormecimento espiritual; se o indivíduo quer ficar cada vez mais desperto como mente e como alma criativa, ele, ou ela, não deverá ser avisado dos possíveis resultados de um relacionamento em que estão em evidência elementos *desfavoráveis para seu propósito*, embora favoráveis a um tipo de união mais banal?

Esse ponto é apresentado aqui apenas para mostrar e enfatizar que, para ser usada significativa e espiritualmente, a astrologia sempre deve incluir o fator do *propósito individual* - e também da função individual dentro de um todo mais vasto. Um mapa de nascimento é essencialmente a declaração de um propósito - do propósito de Deus, poderíamos dizer, ao produzir as condições de nascimento e uma alma para enfrentá-las. Portanto, ele também é uma declaração do que *deverá* ser o objetivo do indivíduo na vida, se seguir a Idéia criativa existente na Mente Universal. No caso do mapa horário, ele é uma declaração

expressa numa forma simbólica pela Inteligência universal, em resposta à necessidade de vida do indivíduo e em termos do seu propósito essencial.

Quando o astrólogo procura aconselhar seu cliente com referência a uma sociedade ou associação, baseado numa comparação entre mapas de nascimento, deverá ser extremamente cuidadoso no que toca a considerar, antes de mais nada, qual o propósito do destino individual do cliente - portanto, a carta natal dele. Ele também deve averiguar até que ponto o cliente compreende esse propósito básico e qual é o seu objetivo consciente no caso particular em análise. Dar um conselho astrológico não significa olhar um ou mais mapas e declarar correta ou erradamente, com delicadeza e sem preocupação, o que está sendo visto. Significa ajudar o cliente a compreender como ele poderá alcançar mais facilmente o *verdadeiro propósito do seu destino*. E o caminho para se atingir tal propósito nem sempre é o caminho da felicidade convencional!

Até agora, portanto, considere fundamentalmente o relacionamento de indivíduos com indivíduos numa sociedade ou em grupos limitados. Mas, nunca devemos esquecer que os seres humanos não nascem como indivíduos e que só alcançam a condição de personalidade individual depois de um processo muito longo de evolução histórica. Em primeiro lugar, *veio* o grupo tribal - um organismo de seres humanos inconscientes biologicamente estabelecido, cuja integração era mantida pela força compulsiva de tabus e da lei de um Grande Ancestral deificado. Gradualmente, as tribos evoluíram para reinos governados por reis e sacerdotes, que se expandiram por meio de conquistas e se tornaram cada vez mais heterogêneos por causa da mistura de sangue. Em consequência de conflitos sociais, raciais, económicos e religiosos, os tipos de sociedade e de estados encontrados na era pré-cristã desenvolveram através do tempo nosso modelo de astrologia ocidental, que alcançou sua forma tradicional na Caldéia e mais tarde na Grécia e na Alexandria.

A astrologia arcaica não lida com indivíduos, simplesmente porque na época nenhum ser humano era considerado, de fato, um indivíduo, exceto o rei ou o sumo-sacerdote - e isso de uma maneira simbólica apenas, bastante impessoal (ou superpessoal). A astrologia, portanto, tinha um propósito estritamente coletivo. Ela procurou

estabelecer um alicerce organizado para todas as atividades sociais e agrícolas, com base na ordem apresentada pelo céu. A astrologia era inteiramente "mundana", isto é, lidava com os negócios de Estado, com o tempo e a agricultura, com o resultado das guerras e com os destinos dos impérios. Como o rei e o reino estavam inteiramente identificados um com o outro, os mapas levantados para a ascensão de um rei ao trono eram considerados expressões válidas da natureza e do destino do reino durante aquele determinado reinado. Contudo, a ênfase não era dada ao rei como um indivíduo, mas sim ao "cargo". O rei (ou o sumo-sacerdote, ou qualquer um que ocupasse o cargo) não era visto como um homem individual, mas sim como a materialização de uma função coletiva tribal ou estatal. A função era importante, não a pessoa que a estava desempenhando. Se o casamento entre duas pessoas era decidido por meio do estudo do mapa natal de ambas, a questão tinha de ser resolvida - e assim foi durante muitos séculos - tendo-se em vista principalmente a produtividade biológica e socioeconômica do casal em perspectiva. O casamento também era visto, exclusivamente, como uma função social, não como uma associação entre indivíduos.

Toda a astrologia, portanto, lidava com "cargos" e "funções" coletivas, ou com a antecipação de eventos naturais (inundações, tempestades, secas, etc.). Até o período grego-latino, especialmente em Roma e Alexandria, os mapas de nascimento não eram levantados como indicadores do destino e do caráter dos indivíduos, estritamente considerados como entidades individuais isoladas. A partir de então, a astrologia foi dividida em dois campos basicamente distintos: *o natal e o mundano*; o primeiro lidando com "almas individuais", o segundo com "destinos coletivos", cargos de Estado e fenômenos naturais. Em virtude do fato de que os últimos dez séculos ou mais, foram caracterizados (especialmente no mundo ocidental) por uma extrema confusão a respeito do relacionamento entre fatores coletivos e individuais, esses dois ramos da astrologia não foram diferenciados com clareza suficiente. As duas Técnicas, "natal" e "mundana", têm sido misturadas e os novos fatores presentes na sociedade humana não lhes deram a apreciação que mereciam junto aos processos astrológicos adequados.

As últimas décadas, porém, têm presenciado tentativas interessantes e provavelmente muito significativas de regenerar a astrologia

mundana e descobrir novas técnicas que se adaptem a condições inteiramente novas, sob as quais grupos e países atuam uns sobre os outros no mundo moderno. Dentre as mais amplamente conhecidas devo mencionar:

1. *O levantamento de "mapas de nascimento" combinados.* Desde que a Lei Romana reconheceu o fato de que as organizações comerciais ou tipos de grupos similares têm direito ao estado legal de "personalidade jurídica", o campo foi aberto para uma visão das nações como vastas pessoas coletivas, com caracteres individualizados, tais como cultura, linguagem, temperamento geral, destino e propósito coletivo. Como pessoas coletivas, as nações podem ter "mapas de nascimento", regentes planetários nacionais e tudo mais que pertence ao campo da astrologia natal - do mesmo modo que uma corporação pode ter um mapa de nascimento levantado com base no momento em que foi formada. Pode-se dizer, porém, que esse mapa de nascimento coletivo só pode existir quando há como referência algum tipo de Compromisso ou Ato coletivo específico: eleição, assinatura de um documento, proclamação ou coisa semelhante.

Em tal caso, qualquer um que tenha nascido como parte da nação assim "corporificada" participa do *propósito nacional coletivo*, tenha ou não percepção desse fato. Essa participação toma-se parte integrante do seu propósito individual e assim deve ser reconhecida. Esse fato não se aplicava da mesma forma às sociedades antigas, onde o Estado era a criação de um rei, expandia-se por meio do casamento do rei, etc. Havia um "estado", mas não uma "nação" - e não havia mapa nacional coletivo, *só o mapa de um "reino" ou*, quando muito, de uma "tradição ancestral", que dominava todos os súditos com a força de uma compulsão básica instintiva e, num propósito coletivo, a diferença entre compulsão básica e participação é realmente muito grande!

2. *Áreas geográficas e regência zodiacal.* Na astrologia ptolomaica, as "regências zodiacais" foram atribuídas a regiões vagamente definidas do mundo então conhecido - sendo cada região, por inteiro, relacionada com um signo do zodíaco. De uma maneira um tanto peculiar, as zonas de regência irradiavam-se do mar Mediterrâneo, o centro da civilização daquele período. No decorrer dos séculos, essas zonas se tornaram locais de habitação de numerosas nações; portanto, nações sem qualquer semelhança ainda conservam o mesmo signo

zodiacal como regente (por exemplo, França e Itália sob a regência de Leão; Inglaterra, Dinamarca e Alemanha sob Áries etc.). A validade dessas regências tem sido contestada e modificada por astrólogos; novas regências foram atribuídas às cidades, às províncias, etc. Isso causou muita confusão.

Há muitas décadas, Albert Ross Parsons (mais tarde Sepharial) procurou estabelecer uma correlação direta entre faixas de longitude terrestre e signos zodiacais ou constelações, baseado no princípio de que a Terra poderia ser considerada como um microcosmo do macrocosmo, a esfera celeste. Presumindo que seja possível tal correspondência entre a esfera celeste e o nosso globo, dois problemas precisam ser resolvidos: a. A correspondência se refere às *constelações* ou aos *signos* do zodíaco? b. Por onde devemos começar - isto é, qual longitude da Terra corresponde a 0° de Áries?

De acordo com Parsons, cada continente geográfico e cada região corresponde a uma constelação particular de estrelas fixas e tem afinidade com ela - sempre a mesma. Poder-se-ia dizer que esse tipo de cor-respondência é o mesmo segundo o qual Áries é o "governante" da cabeça, Touro do pescoço, Gêmeos dos ombros e dos pulmões, etc. O homem é *visto* como o microcosmo e o universo como o macrocosmo - e, sem dúvida, a correspondência entre eles provou seu valor na astrologia *natal*. Foram feitos diagramas simbólicos nos quais um homem vergado para trás, com os pés tocando a cabeça, é rodeado pelo zodíaco, estando Áries na cabeça e Peixes nos pés.

Em tal correlação simbólica, porém, acredito que o que poderia corresponder ao corpo humano não é o zodíaco das constelações, mas o zodíaco dos signos. Em outras palavras, é o primeiro mês depois do equinócio vernal - isto é, o início da primavera - que corresponde à cabeça, e não a um grupo de estrelas fixas; os pés estão relacionados com a última das doze divisões do ano solar, mais do que com a constelação de Peixes. Substituindo o globo da Terra pelo corpo humano, esse mesmo tipo de equivalência poderia ser usado. Contudo, a dificuldade então seria decidir qual porção longitudinal da superfície da Terra corresponde ao signo de Áries - e, por implicação, à cabeça humana. Foi aceita a hipótese, especialmente na Inglaterra, de que o meridiano de Greenwich corresponde ao 0° de Áries, mas tal

suposição certamente pode ser questionada. O problema se relaciona com aquilo que poderíamos chamar de "geografia oculta"; todavia, o campo é grande demais e as implicações têm um alcance bastante longo para que possam ser discutidas aqui.

O tipo de correspondência pelo qual Albert Ross Parsons demonstrava interesse era, todavia, um no qual todo o mapa celeste das constelações podia ser focalizado sobre o globo terrestre inteiro e determinadas estrelas seriam relacionadas com certas localizações geográficas. Contudo, partindo desse ponto de vista, torna-se bastante evidente que deveríamos considerar o fato de que as longitudes zodiacais das estrelas mudam constantemente por causa do movimento cíclico, chamado "precessão dos equinócios". Se a esfera celeste é projetada sobre nosso globo, o Equador e a eclíptica são dois círculos que se cruzam; seus pontos de cruzamento (0o de Áries e de Libra) deslocam-se constantemente em direção ao Ocidente, fazendo um circuito completo em mais ou menos 25.868 anos. Esse deslocamento pode ser relacionado com a freqüentemente mencionada "marcha para o Oeste dos impérios". Pode-se supor que isso significa que deva ocorrer um deslocamento dessa mesma maneira, sobre nosso globo, das configurações estelares (constelações). Portanto, a constelação que poderia ter sido indicada como "regente" da Inglaterra no ano 1000 a.C. agora está regendo a imensa vastidão do Oceano Atlântico. Ela tornará a reger novamente o que restar das Ilhas Britânicas, por volta do ano 27000 d.C.

Foi baseado em tal tipo de raciocínio que Edward Johndro estabeleceu, há cerca de vinte anos, seu sistema de astrologia geográfica e procurou ajudar as pessoas a descobrirem a localização geográfica com que seus próprios mapas de nascimento estariam em sintonia mais favorável. Outro astrólogo, Paul Council, trabalhou ao longo de linhas similares, apoiado numa base diferente, interpretando o fenômeno da precessão dos equinócios de modo fundamentalmente divergente do aceito pelos astrônomos modernos. Em qualquer dos casos, o problema prático é a maneira como determinar a longitude geográfica sobre a qual o equinócio da primavera ou o Sol vernal devem ser projetados em qualquer momento específico. Johndro localizou o grau O de Áries atualmente a mais ou menos 30° de longitude oeste. Council afirma que em 1932 o equinócio vernal ocorreu na longitude de 35°50' oeste (veja

Cosmic Causation in Geophysics, 1945). Parece-me que os dois cálculos não se ajustam com exatidão suficiente aos atuais eventos históricos, registrados no rápido movimento direcionado a oeste do foco principal ou dos focos de civilização humana, durante o último milênio - a menos, naturalmente, que queiramos dar um significado um tanto peculiar a nossa civilização européia. Aqui, mais uma vez, tudo depende da nossa interpretação e desde que não tenhamos uma intenção excessivamente óbvia de fazer com que a História se encaixe dentro de um padrão preconcebido, a significação e a validade históricas do paralelismo são, possivelmente, os únicos critérios de que dispomos para determinar que faixa longitudinal corresponde a que signo ou constelação.

O assunto não pode ser discutido mais longamente aqui. Tudo o que eu quis mostrar foi que, se tal teoria do deslocamento da regência zodiacal para regiões de longitude da Terra está correta, um homem nascido em qualquer lugar do globo também poderá se ver relacionado com uma constelação e com uma estrela, em consequência de seu lugar de nascimento. Contudo, como esses relacionamentos geoceléstes se deslocam de acordo com os ciclos de civilização de 25.868 anos, o que isso realmente significa é poder a vida de um homem ser vista como algo *que ocupa um lugar definido (portanto, uma função) nesse vasto ciclo precessional*. Esse é o maior de todos os seus "quadros de referência" e seu lugar exato dentro dele pode ser determinado *pela longitude do seu local de nascimento na ocasião em que nasceu*. Caso se compreenda tal fato, também é possível admitir que um homem tem condições de modificar seu lugar e sua função nesse "quadro de referência", *mudando sua residência* - o que abre um campo de investigação muito interessante, desde que haja entendimento do que na realidade está em jogo.

Além disso, o lugar e a função de um indivíduo, dentro do grande "quadro de referência" do ciclo de 25.868 anos, podem ser determinados não só pelo seu *lugar* de nascimento mas também pela *geração* a que pertence. Se pudéssemos ter certeza quanto ao momento inicial de cada ciclo precessional (questão, infelizmente, ainda não resolvida) poder-se-ia dizer que cada geração pertence a uma fração particular (grau zodiacal) desse ciclo precessional. Por exemplo, se hoje (e desde 1916, aproximadamente) o equinócio vernal está localizado no 2º de Peixes (o que significa que a Era de Aquário começará no próximo século), então,

toda pessoa nascida, digamos, entre 1844 e 1916, "pertenceria" ao 3° de Peixes. Esse grau determinaria sua importância coletiva, sobretudo "humana", em termos do desenvolvimento da civilização e da humanidade em geral - até onde estão envolvidos *valores de tempo*. Então, se a pessoa tivesse nascido num lugar "regido", digamos, pelo 1° da constelação de Touro, esse fato estabeleceria a natureza da sua participação no ciclo maior, no que concerne aos *valores de espaço*.

Para a pessoa comum, quase exclusivamente preocupada com seu ego e sua família, esse tipo de quadro de referência maior só pode ter um significado muito pequeno. Ela poderá ser apanhada numa crise de civilização, tal como as nossas guerras mundiais; mas é precepitada por forças coletivas de que não tem percepção e sobre as quais não tem qualquer controle. Somente do indivíduo que é um líder público, num ou noutro campo, é que se pode dizer que lida conscientemente com tais questões de maior amplitude, que afetam nações e civilizações.

O relacionamento astrólogo de um homem assim, com as vastas questões coletivas, é duplo: por um lado, sua carta de nascimento pode ser comparada ao mapa conjunto do grupo ou da nação, onde participe ativamente - isso mostra o relacionamento entre o propósito individual da sua vida e o propósito básico da sua coletividade. Por outro lado, tanto a ocasião como seu lugar de nascimento estabelecem sua dupla *subserviência* ao tipo de forças totalmente humanas e planetárias (ou "divinas", que afetam o processo geral de civilização, à medida que sua geração e seu país natal (e, secundariamente, de residência) estão envolvidos. Infelizmente, o caráter exato dessa subserviência só poderá ser determinado por meio da astrologia, quando os astrólogos conseguirem fixar, sem qualquer dúvida, os precisos pontos de partida, no tempo e no espaço, desse ciclo de 25.868 anos, da precessão dos equinócios.

Falando corretamente, a astrologia mundana não lida com os indivíduos como tal, mas só com os relacionamentos que eles mantêm com as questões coletivas de grande escala. Eu acho que se dispensa uma exagerada atenção aos mapas de Presidentes ou Primeiros Ministros, em busca de prever as tendências nas nações, cujos destinos eles parecem controlar durante algum tempo. O que mais importa é o *relacionamento* entre os líderes e os mapas dos seus países - ou os mapas

do momento em que assumirem o cargo. No nível da *ação consciente executada por indivíduos conscientes*, a astrologia mundana é uma questão de relacionamento mútuo entre mapas - portanto, é uma questão de extrema complexidade hoje em dia. E no nível da *subserviência inconsciente* ao ritmo da marcha da civilização, a astrologia mundana se refere aos ciclos que são ainda quadros de referência incertos - portanto, carentes de exatidão.

Na antiguidade, os astrólogos mundanos enfatizavam muito o ciclo da conjunção de Júpiter e Saturno (em intervalos de 20 anos) e os ciclos dos eclipses. Hoje em dia, Júpiter e Saturno são apenas indicadores secundários das mudanças sociais num mundo onde os limites tribais e nacionais já não contêm as marés dos intercâmbios humanos; seus ciclos estão sendo substituídos, em todas as questões mundiais, pelos de Urano, Netuno e Plutão, que subdividem ciclos de aproximadamente 500 e 1.000 anos - as medidas básicas. Contudo, a morte no cargo de Presidentes americanos eleitos sob uma conjunção Júpiter-Saturno nos relembra a validade de tal ciclo. Graças ao trabalho de Charles E. Jayne, foi dado um novo significado aos ciclos dos eclipses, em termos de um estudo dos caminhos geograficamente traçados no nosso globo pela sombra do eclipse total. Portanto, ciclos maiores estão vindo à luz.

O fato de seres humanos estarem agora começando a deixar, por períodos de tempo cada vez mais longos, a superfície do nosso globo e, até mesmo, o campo gravitacional da Terra tem apresentado novos problemas teóricos ao astrólogo. No futuro, talvez tenhamos de inventar um novo tipo de "astrologia do sistema solar"; em várias ocasiões já discuti (veja *World Astrology* - 1944-1945) o que penso ser uma abordagem mais sensata da astrologia "heliocêntrica". A defesa de um "zodiaco sideral das constelações", que se alega que deva substituir o "zodiaco tropical dos signos", também poderá estar preparando o caminho para um estudo significativo do relacionamento da Terra com a galáxia como um todo. Nosso Sol é apenas uma pequena estrela nessa vasta coleção de corpos celestes, a galáxia, que muito provavelmente é a unidade mais característica da organização cósmica; o ciclo estabelecido pela revolução desse Sol ao redor do núcleo da galáxia - cerca de 400 milhões de anos - algum dia deverá ser levado em consideração.

Até mesmo hoje em dia as descobertas do Professor Piccardi sugerem que o ângulo, sempre mutável, formado pelo plano do Equador da Terra e o plano básico da galáxia em forma de lente está relacionado com as mudanças imperceptíveis, porém significativas, nas operações dos organismos vivos; isto ocorre por intermédio da água contida no corpo, pois a água parece ser por demais sensível a uma força galáctica até agora desconhecida.

De fato, vastas perspectivas estão se abrindo para a mente humana. Será que a nossa ciência oficial, que está fascinada pelos problemas tecnológicos e que se recusa a aceitar qualquer conceito que não combine com o método de uma rigorosa e estritamente intelectual abordagem do pensamento, provará ser capaz de satisfazer, sempre, a incansável procura do homem por um significado universal? Eu, pelo menos, duvido. Outras abordagens terão de ser inventadas, que incorporem os métodos estritamente científicos, mas também aceitem a orientação e os dados fornecidos por outras faculdades além das meramente intelectuais.

O lugar que a astrologia ocupará na nova civilização mundial, que vemos surgir diante dos nossos olhos, dificilmente pode ser predito. Não se sabe se ela ganhará um lugar importante, se deverá abandonar o aspecto popular de hoje em dia, que por infelicidade (porém inevitavelmente) tem sido caracterizado pelo interesse comercial que apela para a insegurança e a intranquilidade dos homens e mulheres do mundo moderno. Em qualquer caso, jamais deveremos esquecer que a astrologia representa a busca primordial dos seres humanos por uma ordem mensurável e um significado básico na sua existência individual e coletiva; essa busca nunca termina.

Tal busca é algo totalmente diferente do desejo de controlar o nosso ambiente através de meios tecnológicos, com o objetivo de fornecer o máximo de conveniência e conforto físico para o maior número possível de seres humanos. O futuro da astrologia não repousa, creio eu, no fato de ela se transformar em algum tipo de ciência estatisticamente comprovada; ele depende, antes, da sua capacidade de equilibrar e complementar o raciocínio científico e tecnológico, por meio da defesa de uma procura holística de padrões de ordem cada vez mais universais e da revelação de um entendimento cada vez mais profundo e abrangente do significado e do ritmo da existência num mundo cada vez mais amplo de experiência humana.

Leia também

ASTROLOGIA, PSICOLOGIA
E OS QUATRO ELEMENTOS

Stephen Arroyo

Tendo como epígrafe a seguinte afirmação de Jung: "*A Astrologia merece o reconhecimento da Psicologia, sem restrições, pois representa a soma de todo o conhecimento psicológico da Antigüidade*" - este livro trata da relação da Astrologia com a moderna Psicologia e do uso da Astrologia como método prático para compreender de que modo nos sintonizamos com as forças do Universo. Ele mostra claramente como abordar a Astrologia e inclui uma instrução prática para a interpretação dos fatores astrológicos com mais profundidade do que comumente é encontrada nos manuais que tratam dessa ciência.

Destinado ao leigo em Astrologia, aos estudiosos da matéria, aos profissionais e a todos os que, de algum modo, se dedicam às artes de aconselhamento, este livro explica, em sua I Parte, como a Astrologia pode ser um instrumento do maior valor para a compreensão de nós mesmos e dos outros, enquanto na II Parte são explicadas as técnicas e significados tradicionais dentro de uma perspectiva que se preocupa em entender as energias inerentes a todos os processos da vida.

O autor, Stephen Arroyo, é um dos pioneiros na introdução da Astrologia como disciplina integrada no curriculum escolar de algumas Universidades norte-americanas.

EDITORA PENSAMENTO

A ASTROLOGIA E A PSIQUE MODERNA

Dane Rudhyar

Este livro, único no gênero, apresenta uma rara visão do atual desenvolvimento da astrologia e da psicologia. Ele trata das controvérsias fundamentais da psicologia astrológica de uma forma tão inovadora que sua leitura se torna obrigatória para todos os que se interessam por este excitante campo de estudos. Particularmente importante neste livro é o debate sobre astrologia travado entre os pioneiros no campo da psicologia profunda, com especial ênfase sobre os conceitos junguianos. Além disso, os capítulos a respeito do papel do astrólogo como orientador psicológico e da astrologia como elemento precioso de ajuda no desenvolvimento pessoal são de grande interesse.

Dane Rudhyar é reconhecidamente um dos homens mais criativos de sua geração, sobressaindo-se em vários campos do conhecimento humano, como na poesia, na música, na pintura, na filosofia e na astrologia. Nascido em 1895, ele participou da modernização tanto da psicologia como da astrologia, cujas tradições milenares reformulou. A partir de suas obras, a astrologia passou a ser encarada como uma linguagem simbólica, capaz de colocar as pessoas em sintonia com os ciclos do cosmo. No momento, ele é considerado um dos mais avançados precursores da astrologia holística, psicologicamente orientada e centrada no ser humano.

EDITORA PENSAMENTO

O CICLO DE LUNAÇÃO

Dane Rudhyar

A astrologia moderna dá singular importância ao dia do nascimento da pessoa cuja vida e caráter estão sendo estudados. As revistas de astrologia, obrigadas a se apoiarem em dados simplificados e generalizados, têm sido em parte responsáveis pela excessiva ênfase dada ao que chamamos de "signo solar". Por isso, desenvolveu-se entre as pessoas o hábito de dizer: "Sou de Áries", ou "Sou de Virgem" - significando que, na data do seu nascimento, o Sol estava localizado no signo zodiacal de Áries ou de Virgem, como se mais nada existisse ou se movesse por ali.

No entanto, cada momento do mês ou do dia pode ser significativamente caracterizado pelos ciclos de lunação, que constituem o resultado da combinação dos movimentos periódicos do Sol e da Lua entre os demais corpos celestes. Assim sendo, podemos também dizer: "Sou do primeiro quarto da Lua", ou "Sou da fase da Lua cheia", com a mesma razão com que dizemos: "Sou de Libra".

Tendo em vista esses aspectos, os seres humanos podem ser divididos de conformidade com o significado simbólico dos períodos mais importantes dos ciclos de lunação. E, quando isso é feito, o fator básico usado como alicerce para essa classificação não é apenas o Sol, mas o relacionamento Sol-Lua.

Em *O ciclo de lunação*, Dane Rudhyar - um dos astrólogos mais conceituados da atualidade - ensina como classificar astrologicamente as pessoas de acordo com os ciclos lunares e ilustra suas considerações examinando os mapas de nascimento de grandes nomes da História mundial, que se destacaram na política, nas ciências, nas letras, nas artes e na religião, como Roosevelt, Kennedy, Stalin, Marx, Freud, Jung, Walt Withman, Goethe, Lizt, Joana d'Arc, Sri Aurobindo e Alice Bailey, entre outros.

EDITORA PENSAMENTO

Editora Pensamento

Rua Dr. Mário Vicente, 374
04270 São Paulo, SP
Fone 63-3141

Livraria Pensamento

Rua Dr. Rodrigo Silva, 87
01501 São Paulo, SP
Fone 36-5236

Gráfica Pensamento

Rua Domingos Paiva, 60
03043 São Paulo, SP
Fone 270-3033

Outras obras de interesse:

O CICLO DE LUNAÇÃO,
Dane Rudhyar

SIGNOS INTERCEPTADOS
E REENCARNAÇÃO,
Donald H. Yott

PLANETAS RETRÓGRADOS
E REENCARNAÇÃO,
Donald H. Yott

ASTROLOGIA, PSICOLOGIA
E OS QUATRO ELEMENTOS,
Stephen Arroyo

O PROCESSO DA INTUIÇÃO,
Virginia Burden

CICLOS ASTROLÓGICOS
E PERÍODOS DE CRISE,
John Townley

VIVA O POSITIVO, ABAIXO
O NEGATIVO,
Paul J. Centi

ASTROLOGIA PARA TODOS,
Edward Lyndoe

OS ASTROS GOVERNAM
NOSSAS VIDAS,
Diversos

MANUAL PRÁTICO
DE ASTROLOGIA,
Bel-Adar

SONHOS, SIGNOS E
SUCESSO,
Doris Kaye

A SORTE REVELADA PELO
HORÓSCOPO
CABALÍSTICO, *F.*
Waldomiro Lorenz

HORÓSCOPO CHINÊS,
Melanie Claire

ASTROLOGIA: RITMOS E
CICLOS CÓSMICOS,
J. F. Goodavage

O ZODÍACO CHINÊS (12
vols.),
Catherine Aubier

ASTROLOGIA
CABALÍSTICA,
Warren Kenton

A DOCTRINA
CÓSMICA,
Dion Fortune

O SISTEMA SOLAR,
Arthur Powell

Peça catálogo gratuito à
EDITORA PENSAMENTO
Rua Dr. Mário Vicente, 374 -
Fone: 63 3141
04270 São Paulo, SP

A PRÁTICA DA ASTROLOGIA

Dane Rudhyar

A astrologia nasceu da pungente necessidade de ordem que há em todo ser humano. Os fenômenos celestes revelam essa ordem; usando-a como padrão de medida, o homem pode satisfazer seu inato desejo de harmonia.

Escrito de maneira simples, este livro procura mostrar como os homens podem sintonizar-se com os modelos e ritmos celestes do universo. Nele, a astrologia é analisada como um meio de obter sabedoria através da compreensão da ordem existente na natureza humana e em todos os fenômenos percebidos pelo homem.

Dane Rudhyar - cujos esforços por uma aproximação maior entre a astrologia e a psicologia foram recentemente reconhecidos com o título de doutor *honoris causa* a ele concedido pela John F. Kennedy University e pelo Californian Institute of Transpersonal Psychology - acentua nesta obra que a habilidade técnica do astrólogo deve aliar-se um alto grau de compreensão humana. Ele mostra como a astrologia pode aumentar ou completar o conhecimento das situações pelas quais passamos e como isto leva à fruição total e sem reservas da vida.

Cada capítulo assinalara, portanto, um avanço rumo ao que ele chama de "sabedoria astrológica", que se situa um passo além do simples conhecimento. Ao principiante, o livro oferece uma base sólida para futuros estudos, enquanto o leitor familiarizado com as técnicas astrológicas encontrará neste volume um desafio para novas pesquisas e o estímulo para aprofundar-se na descoberta dos valores humanos com os meios que a astrologia lhe oferece.

De Dane Rudhyar a Editora Pensamento já editou *O ciclo de luação - uma chave para a compreensão da personalidade*.

EDITORA PENSAMENTO